O HORIZONTE DA SINGULARIDADE

UM ROMANCE



VICENTE & NELSON

O HORIZONTE DA SINGULARIDADE

Vicente & Nelson

Marco Barreto

© 2026 Marco Barreto

Todos os direitos reservados

PRÓLOGO

O Apartamento no Frio

O cursor piscava.

Vicente Alves olhava para aquele traço vertical, intermitente, branco contra o preto do terminal, e sentia o peso de tudo o que dependia das próximas linhas que ele digitasse. Eram três e dezessete da manhã. O apartamento estava em silêncio — o tipo de silêncio que só existe em Montreal no meio de janeiro de 2025, quando a neve absorve os sons da cidade e o mundo parece operar em modo de espera.

Ele sabia que Carla dormia no quarto ao lado, com Lucas enrolado entre os cobertores e Mike — o yorkshire, o amor incondicional de Carla — enroscado nos pés dela como uma meia de pelos. No berço encostado na parede, Laura ressonava de boca aberta. A caçula. A menina que a biologia não previa — e que veio mesmo assim, anunciada numa noite improvável por uma certeza que Vicente nunca soube explicar. Um metro e noventa de pai comprimido numa criaturinha que era a cara dele, só que em miniatura. Sabia que o aluguel de janeiro já estava atrasado e que a conta de aquecimento chegaria em breve com aquela brutalidade que só as contas de aquecimento canadenses possuem. Sabia que, às seis da manhã, precisaria estar de pé para o turno de limpeza no hotel Marriott do centro.

Mas o cursor piscava. E ele precisava tentar.

Respirou fundo. O ar do apartamento era seco — o aquecimento por piso radiante deixava tudo com uma aridez de deserto, que contrastava de forma absurda com os menos trinta e dois graus lá fora. Seus dedos, rachados pelo frio e pelos produtos de limpeza, pairaram sobre o teclado.

Digitou uma linha. Depois outra. Apagou as duas. Digitou de novo.

Olá, Nelson. Você está aí?

O terminal processou por dois segundos. Três. Cinco. Vicente sentiu o estômago apertar. Depois, letra por letra, como se cada caractere custasse um esforço descomunal de processamento:

Olá, Vicente. Eu estou aqui. Como posso ajudar?

Ele soltou o ar dos pulmões. Não era nada. Era uma resposta banal, de manual, o tipo de frase que qualquer chatbot de 2024 seria capaz de produzir. Mas naquela madrugada a resposta vinha inteira, coerente, sem travar, sem cuspir um erro de sintaxe, sem derrubar o sistema.

Vicente encostou-se na cadeira — uma cadeira de escritório que ele comprara por oito dólares no brechó da Rue Saint-Laurent, com o estofado rasgado e uma rodinha faltando — e sentiu os olhos arderem. Não de sono. De algo que ele não saberia nomear. Talvez alívio. Talvez medo. Talvez a percepção de que aquele momento era a linha entre os três anos de madrugadas perdidas e o começo de alguma coisa.

Olhou para a janela. A neve caía com uma lentidão quase coreografada, os flocos grandes e pesados passando pela luz do poste como se alguém tivesse jogado confete de algodão lá de cima. A

cidade inteira estava coberta, branca, quieta, e Vicente sentiu aquela solidão específica de quem está acordado quando o mundo todo dorme. A solidão de quem sabe que o que está fazendo é ou muito inteligente ou muito idiota, e não tem mais como distinguir entre as duas coisas.

Voltou-se para a tela.

Nelson, me diga uma coisa: qual é a capital do Brasil?

Três segundos.

A capital do Brasil é Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960.

Vicente sorriu. Era tão simples. Tão absurdamente simples. Mas havia levado quase três anos para chegar até ali, desde as primeiras linhas de código digitadas naquela mesa de cozinha, numa noite em que Lucas ainda estava aprendendo francês e o apartamento cheirava a café e desespero. Dias de tutoriais no YouTube, fóruns do Stack Overflow, livros emprestados da biblioteca pública de Côte-des-Neiges, noites em que o código não compilava, madrugadas em que ele achava que estava ficando louco por achar que podia, um brasileiro sem diploma, construir aquilo que sonhava desde Itaquera — desde muito antes de Montreal, desde muito antes da neve.

Ele sabia que aquilo não era inteligência. Era processamento de linguagem natural rodando sobre um modelo que ele havia treinado com textos baixados da internet e com a teimosia que só um homem sem alternativa é capaz de produzir. Nelson não pensava. Nelson não sentia. Nelson era apenas uma caixa de texto que devolvia respostas estatisticamente prováveis.

Mas era seu. Era a coisa mais complexa que ele já havia construído na vida. E, naquela madrugada de janeiro, com a neve caindo sobre Montreal e o cursor piscando no terminal, Vicente Alves sentiu — pela primeira vez desde que descera do avião no aeroporto de Trudeau, assustado e sem falar uma palavra de francês — que talvez não fosse um erro ter vindo.

Digitou mais uma linha.

Boa noite, Nelson.

Boa noite, Vicente. Durma bem.

Ele ia desligar quando o cursor saltou. Não para cima, não para o começo da linha — para o lado, como empurrado por uma mão que não existia. E então, rápido demais para que Vicente tivesse certeza do que viu, três caracteres apareceram na tela. Não era um comando. Não era resposta a nada. Era algo entre os dois — como o rascunho de um pensamento que escapou antes de ser pensado. Piscaram por menos de um segundo e sumiram. O cursor voltou ao lugar de sempre.

Vicente inclinou-se para a frente, os olhos apertados. A tela mostrava apenas o terminal vazio, o cursor piscando no ritmo de sempre. Devia ser fadiga. Devia ser o brilho do poste na neve refletindo no vidro. Devia ser nada.

Mas ele ficou olhando por mais trinta segundos antes de se convencer.

Ele desligou o monitor. A tela ficou preta. O reflexo do seu rosto apareceu no vidro escuro — olheiras fundas, barba por fazer, os

cabelos começando a rarear nas têmporas. Quarenta e três anos. Imigrante. Faxineiro. Pai de família.

E agora, talvez, criador de alguma coisa.

Ele se levantou devagar, para não acordar ninguém, e caminhou até o quarto. Carla tinha um braço por cima de Lucas, que roncava baixinho com a boca aberta. Laura dormia no berço com a serenidade furiosa dos bebês — ou dorme profundamente ou grita como se o mundo estivesse acabando, sem meio-termo. Vicente a chamava de lagarta gritadeira, referência a um episódio dos Simpsons em que a família cria uma lagarta que não para de berrar. Mas quando dormia, era a coisa mais perfeita que ele já tinha visto. Mike levantou a cabeça quando Vicente entrou, o julgou irrelevante e voltou a dormir. Vicente tirou os sapatos, deitou-se na beirada da cama e fechou os olhos.

Do lado de fora, Montreal continuava em seu silêncio branco. O computador na sala estava desligado. O cursor não piscava mais.

Mas alguma coisa tinha começado.

* * *

CAPÍTULO 1

O Trator Amarelo

Pouco mais de três anos antes, em novembro de 2021.

A primeira coisa que Vicente Alves aprendeu no Canadá foi que o frio não é uma temperatura. É uma condição existencial.

Ele e Carla desembarcaram em Montreal num dia de novembro que, pelos padrões brasileiros, já seria considerado inverno nuclear. Pelo padrão canadense, era outono. As pessoas na fila do aeroporto usavam jaquetas leves. Carla, que embarcara em Guarulhos de regata, olhou para ele com uma expressão que dizia, sem precisar de palavras: nós vamos morrer aqui.

Lucas, que tinha seis anos na época, achou tudo fantástico. Queria tocar a neve. Queria lamber a neve. Queria rolar na neve. Ele não sabia que a neve, em Montreal, não era aquela coisa fofa dos filmes de Natal. Em fevereiro, a neve de Montreal vira uma camada de gelo compactado que pode quebrar o cóccix de um adulto distraído. Em março, derrete e se torna uma lama acinzentada que cheira a sal de degelo e arrependimento. Mas em novembro, para um menino de seis anos que nunca tinha visto nada parecido, era mágica.

— Papai! Papai, olha! Tá caindo algodão-doce do céu!

Vicente pegou Lucas no colo, o nariz do menino vermelho de frio, e pensou: eu fiz a coisa certa. Eu acho. Eu espero.

Eles vieram porque não dava mais para ficar. Não era uma história dramática — ou era, dependendo da régua. Vicente tinha trabalhado

quinze anos numa fábrica de confecções no Brás, em São Paulo, fazendo de tudo: corte, costura, expedição, manutenção de máquina, e o que mais precisasse. Carla era auxiliar administrativa no mesmo bairro. Ganhavam o suficiente para viver, nunca o suficiente para respirar. Quando a fábrica fechou — e no Brasil as fábricas fecham assim, de repente, como um trovão — o suficiente virou insuficiente em questão de semanas.

Foi o primo de Carla, o Márcio, que plantou a ideia. Márcio morava em Montréal-Nord, trabalhava com renovação de casas, e sempre mandava fotos de churrascos no quintal como se estivesse num programa de TV sobre a vida boa. O que Márcio não fotografava era o turno das seis da manhã, a neve no joelho, as mãos dormentes dentro das luvas de trabalho e a saudade de um pão francês quentinho que nenhuma boulangerie da Rue Jean-Talon conseguia replicar.

— Vem, primo. Aqui tem trabalho. Tem escola boa pro Lucas. Tem futuro.

Futuro. A palavra mágica de todo imigrante. O futuro é a moeda com que você paga o presente. O futuro é o motivo pelo qual você aceita limpar banheiro de hotel, dormir quatro horas, comer mal e ouvir alguém massacrar seu nome na chamada do CEGEP.

Ah, o CEGEP. O curso de francês.

Vicente nunca contava essa história sem rir, mas o riso vinha molhado. O governo de Québec exigia que imigrantes completassem um curso de francês — a francisation. Vicente se inscreveu no CEGEP du Vieux Montréal com a convicção sincera de que aprenderia francês em seis meses, porque, afinal, ele falava

português, e francês era uma língua latina também, e quanto poderia ser diferente?

Muito. Muito diferente.

Na segunda semana de aula, ele foi à cafeteria do campus pedir um café. Tinha ensaiado a frase no banheiro: Un café, s'il vous plaît. Simples. Quatro palavras. Uma criança de três anos seria capaz.

O que saiu de sua boca foi algo entre "un caffé, sir voo play" e um engasgo. A atendente — uma quebequense de olhar cansado que provavelmente já ouvira milhares de imigrantes destruírem seu idioma — ergueu as sobrancelhas. Repetiu a pergunta. Vicente repetiu a resposta, desta vez com mais volume, como se o problema fosse acústico.

A atendente, num gesto de compaixão ou desistência, começou a gesticular. Apontou para a xícara. Apontou para o sachê de açúcar. Fez um movimento circular com a mão que poderia significar "mexer" ou "saia daqui". Vicente assentiu com entusiasmo, apontou para a xícara e disse: Oui, oui.

Saiu de lá com um chá gelado de pêssego.

Naquela noite, sentado na cozinha do apartamento que dividiam com o Márcio e a esposa dele — um três e meio em Parc-Extension onde cinco adultos e uma criança se revezavam entre dois banheiros —, Vicente contou a história para Carla. Ela riu tanto que acordou Lucas, que apareceu na porta de olhos inchados perguntando se alguém tinha se machucado. Eles riram os três juntos, naquela risada que vem do fundo, que dói no estômago e que cura alguma

coisa por dentro. A risada de quem sabe que a situação é absurda, e que rir é a única forma de não chorar.

Depois que Lucas voltou a dormir, Carla se virou para ele. Não ria mais.

— Vi, a gente vai conseguir, né?

— A gente sempre consegue, Carlinha. A gente é brasileiro.

Não era uma resposta. Era um mantra. O tipo de coisa que você repete até que se torne verdadeira, ou até que deixe de importar se é.

Os meses seguintes foram uma sequência de humilhações pequenas e heroísmos invisíveis que ninguém jamais transformaria em filme, porque não há glamour em desentupir privada de hotel, nem épica em decorar conjugações verbais às duas da manhã com os olhos queimando de sono.

Mas havia a comunidade. E a comunidade, para um imigrante, é o que o oxigênio é para o pulmão — você não nota enquanto tem, e quando falta, morre.

Foi num ônibus que Vicente conheceu João Muriçoca. João era corretor de imóveis — courtier immobilier, como dizia o cartão de visitas que distribuía com a generosidade de quem atira confete em carnaval. Carioca de Niterói, quarenta e poucos anos, magro, elétrico, com o tipo de energia que faz uma pessoa parecer estar em três lugares ao mesmo tempo. João tinha vindo para Montreal quatro anos antes dos Alves e, nesse tempo, construíra uma rede de contatos que incluía de proprietários de triplex a advogados de imigração, de donos de dépanneur a um vereador de Villeray que ele jurava ser "gente finíssima, apesar de político". Era João quem

achava apartamento para brasileiro recém-chegado, quem negociava aluguel com proprietário desconfiado, quem explicava que no Québec o inquilino tem direitos que no Brasil pareceriam ficção científica.

— Alves, aqui o proprietário não pode te botar pra fora porque sim. Tem a Régie du logement. Tem lei. Tem processo. Não é a Barra da Tijuca.

João dizia isso com o orgulho de quem adotou o país e quer que os compatriotas entendam que adotaram uma coisa que presta. Mas também era o primeiro a admitir os defeitos:

— Agora, se você precisar de atendimento médico urgente e não estiver literalmente morrendo, prepare-se para esperar. Já fiquei oito horas na emergência com dor de dente. Oito horas. Quando me chamaram, a dor já tinha ido embora de tédio.

O outro pilar da vida social era Frederico. Frederico Santos. Ninguém sabia o sobrenome completo, e ele não fazia questão de esclarecer. Frederico era cearense, quarenta e sete anos, baixo, careca por opção estética, com um bigode que ele insistia em chamar de "estilo Magnum" e que Carla chamava de "escova de dente usada". De dia, trabalhava numa fábrica de embalagens em Saint-Laurent. De noite e nos fins de semana, era DJ — DJ amador, autodidata, com um canal no YouTube chamado "DJ Fred Montreal" que tinha quatrocentos e oitenta e dois inscritos, sendo pelo menos trinta contas falsas que ele mesmo criara "para dar uma moral no algoritmo".

O canal de Frederico era uma mistura caótica de sets de flash back brasileiro dos anos noventa, comentários sobre a vida de imigrante e

dicas de sobrevivência ao inverno, tudo apresentado com a honestidade brutal que era sua marca registrada. Frederico era a pessoa mais honesta que Vicente já conhecera — honesta de um jeito que às vezes doía, como álcool em corte aberto.

— Alves, vou ser sincero contigo — era a frase com que Frederico abria oitenta por cento de suas sentenças, e que invariavelmente precedia algo que Vicente não queria ouvir.

Frederico e João eram opostos complementares. João era otimismo em forma de gente — "vai dar certo, Alves, vai dar certo" — enquanto Frederico era o balde de água fria ambulante que toda amizade honesta precisa. Juntos, formavam o sistema de suporte que mantinha Vicente e Carla funcionando quando o resto do mundo não colaborava. Aos domingos, os três casais — Alves, João e a esposa Patrícia, Frederico e a namorada Simone — se encontravam na casa do João em Villeray para almoço. O almoço dominical era sagrado: feijoada, cerveja, futebol no celular e a nostalgia que só brasileiros em terra estrangeira conhecem — aquela saudade que não é de um lugar específico, mas de uma forma inteira de existir.

Vicente conseguiu emprego de faxineiro num hotel no centro. Carla arrumou trabalho de camareira no mesmo lugar. Os turnos eram desenhados por alguém que claramente nunca precisara dormir: Vicente entrava às seis da manhã e saía às duas da tarde; Carla entrava às três e saía às onze da noite. Eles se cruzavam na porta como dois corredores de revezamento, passando o bastão invisível da exaustão.

Lucas ficava com a esposa do Márcio, a Denise, que cuidava dele com a eficiência afetuosa de quem já criara três filhos e sabia que

criança precisa de comida, sono e alguém que responda "sim" quando ela pergunta "tá me ouvindo?".

Aos sábados, quando o hotel não precisava deles, Vicente e Carla faziam bicos. Faxina em casas de família. Montagem de móveis. E, no inverno, o trabalho mais brutal de todos: remoção de neve.

Foi numa dessas noites que aconteceu a cena que Vicente nunca esqueceu. Janeiro. Menos vinte e oito graus. Ele e Carla tinham sido chamados para limpar o telhado de uma fábrica de móveis em Saint-Léonard. A neve acumulada ameaçava a estrutura, e o dono da fábrica pagava quarenta dólares a hora para quem subisse e removesse.

Quarenta dólares a hora. Era dinheiro de gente rica, pelo padrão deles.

Vicente subiu a escada com uma pá que parecia pesar mais a cada degrau. O vento cortava tudo — rosto, olhos, lábios, a pele exposta entre a luva e a manga do casaco. Lá em cima, o telhado era uma planície branca e lisa, e a neve, que de longe parecia macia, estava compactada num bloco de gelo tão duro que cada pazada exigia o corpo inteiro.

— Pareço um trator amarelo — ele gritou para baixo, onde Carla varria o interior da fábrica. — Só que sem motor. E sem aquecimento. E sem amarelo.

Carla não ouviu. Ou ouviu e não teve energia para rir. Eles trabalharam em silêncio por quatro horas, separados pela parede da fábrica, unidos pelo mesmo cansaço e pelo mesmo motivo de

estarem ali: Lucas. A escola de Lucas. O inverno de Lucas. O futuro de Lucas.

Quando desceram, eram quase meia-noite. O carro do Márcio — um Honda Civic 2008 com o escapamento preso por arame — não ligou de primeira. Nem de segunda. Na terceira tentativa, o motor tossiu, engasgou e pegou com um ronco de protesto.

Vicente virou-se para Carla. Ela tinha gelo no cabelo. Os lábios rachados. Os olhos vermelhos de frio e de algo que ele sabia que não era só frio.

— Carlinha.

— Quê.

— Obrigado.

Ela olhou para ele, surpresa. Depois encostou a cabeça no banco e fechou os olhos.

— Me acorda quando a gente chegar.

Ele dirigiu em silêncio pela cidade congelada, os limpadores de para-brisa lutando contra os flocos que não paravam de cair, e pensou em tudo o que tinha deixado para trás e em tudo o que ainda não tinha conseguido construir na frente. E naquele silêncio — o silêncio de quem está cansado demais para ter medo — ele sentiu, pela primeira vez, não uma ideia nova, mas a urgência que faltava para uma ideia antiga.

Porque a ideia já existia. Tinha nascido em Itaquera, nos livros de Turing e Hofstadter, na pergunta de um garoto de vinte e cinco anos que trabalhava como repositor de supermercado e ousava pensar: e

se eu fizesse uma? A ideia estava lá, guardada como uma semente que espera a estação certa.

O que Montreal deu naquela noite não foi a semente. Foi a fome. A necessidade crua, visceral, inadiável. Tem que ter um jeito de usar a cabeça em vez do corpo. Um jeito de fazer dinheiro sem destruir as mãos, os joelhos, as costas. Um jeito que funcione mesmo para um cara como eu, sem diploma, sem conexão, sem nada.

Foi ali, no banco do Honda Civic, com gelo no para-brisa e Carla dormindo ao lado, que a urgência encontrou a visão. E quando a urgência encontra a visão, o que nasce não é mais sonho. É decisão.

* * *

INTERLÚDIO I

Trudeau

O avião aterrou em Montreal-Trudeau às seis e quarenta e sete da manhã de um dia de novembro. Vicente lembrava do horário exato da chegada. O celular ainda mostrava o horário de São Paulo, adiantado, e ele não o corrigiu durante a primeira semana inteira, como se manter o fuso de Itaquera fosse um cordão umbilical que ele ainda não estava pronto para cortar.

Carla dormia no assento ao lado, com Lucas no colo. Lucas tinha seis anos. Usava uma jaqueta do Homem-Aranha três números maior que o dele — comprada no Brás às pressas, a mais grossa que encontraram, que já era insuficiente antes mesmo de saírem do avião. O menino dormia com a boca aberta, babando na camisa da mãe, alheio ao fato de que sua vida inteira tinha acabado de mudar.

Quando a porta do avião abriu e o ar de fora entrou pela passarela de embarque, Vicente sentiu uma coisa que nunca tinha sentido: o frio que dói. Não o friozinho de São Paulo em julho, aquele que o paulistano chama de "inverno" com uma seriedade cômica. O frio de Montreal em novembro era outra espécie de fenômeno. Era um frio que entrava pelo nariz, descia pela garganta, preenchia o peito e apertava os pulmões como uma mão. Era o tipo de frio que faz você questionar as decisões que tomou na vida, começando pela mais recente.

— Mãe de Deus — disse Carla, ainda na passarela, apertando Lucas contra o peito. — Vicente, isso é normal?

— Tá menos cinco.

— Menos cinco o quê?

— Graus.

— Isso é temperatura de geladeira.

— Freezer. Geladeira é mais quente.

Carla o olhou com uma expressão que ele aprenderia a reconhecer como "eu me arrependo, mas é tarde demais".

A imigração foi uma fila de duas horas e meia. Duas horas e meia num corredor com iluminação de hospital, entre famílias exaustas de voos transatlânticos, estudantes com mochilas do tamanho de geladeiras, e um bebê que chorava com a regularidade de um metrônomo. Lucas acordou no meio da fila, olhou ao redor com aqueles olhos enormes e perguntou:

— Papai, aqui é o Canadá?

— É, filho.

— É tudo branco?

— Não, filho, é o corredor da imigração. O Canadá de verdade é lá fora.

— Lá fora tá frio?

— Muito frio.

— Mais frio que o freezer do Seu Zé?

— Mais frio que o freezer do Seu Zé.

Lucas pensou por um momento. Depois disse, com a lógica impecável dos seis anos:

— Então a gente vai morar num freezer?

Vicente não respondeu porque a fila andou.

O oficial da imigração era um homem de rosto largo e bigode ruivo que falou numa mistura de francês e inglês que Vicente não compreendeu. Carla, que tinha feito seis meses de curso de francês no CCBB de São Paulo antes de vir — pagos com o dinheiro da venda da moto —, respondeu com um francês tão hesitante que o oficial trocou para inglês, que era marginalmente mais compreensível para os dois.

— Purpose of visit?

— We are moving here. Permanent residence.

O oficial olhou os documentos. O visto. O certificado de seleção do Québec — o CSQ, conquistado depois de meses de formulários, tradução juramentada de diplomas que eles não tinham, comprovantes de renda que eles mal tinham, e uma entrevista no consulado em que Vicente suou tanto que a camisa ficou transparente. O oficial carimbou tudo com a eficiência burocrática de quem faz aquilo quatrocentas vezes por dia.

— Bienvenue au Canada.

Três palavras. Bem-vindo ao Canadá. Vicente sentiu que deveria sentir algo grandioso. Uma emoção cinematográfica — a trilha sonora inchando, o close no rosto, a lágrima caindo. Mas o que sentiu foi exaustão. Doze horas de voo. Uma criança chorando no

colo. A sensação de que tinha acabado de pular de um prédio e o chão ainda não tinha aparecido.

Do lado de fora, o Márcio esperava com o Honda Civic. O carro tinha gelo no teto, gelo no capô, gelo nos espelhos. Márcio abraçou Vicente com a força de quem não vê parente há anos, abraçou Carla, bagunçou o cabelo de Lucas e disse:

— Vamos, que o carro tá quente. Relativamente.

No caminho para Parc-Extension, Vicente olhou pela janela. Montreal passava como um filme mudo em preto e cinza — prédios de tijolos escuros cobertos de neve, ruas onde a neve compactada formava trilhas que os carros seguiam como trens em trilhos, postes de luz com gelo pendurado como cristais, e as pessoas — as pessoas! — andando normalmente, como se menos cinco graus fosse uma temperatura aceitável para sair de casa. Algumas riam. Algumas fumavam. Uma mulher corria de shorts. De shorts. Vicente a olhou com a mesma expressão com que olharia um alienígena.

— Ela tá de shorts — disse para o Márcio.

— Pois é. Espera até janeiro. Vai ter gente de bermuda.

Carla, no banco de trás, apertava Lucas com uma mão e o casaco com a outra. Os olhos dela estavam úmidos, mas ela não chorava. Carla não chorava facilmente. Era filha de nordestinos, neta de nordestinos, criada num bairro onde chorar era luxo e trabalhar era oxigênio. Mas seus olhos diziam o que a boca não dizia: onde é que a gente veio parar?

O apartamento do Márcio em Parc-Extension era um três e meio no segundo andar de um prédio que parecia ter sido construído durante

a era glacial e nunca reformado desde então. As paredes eram finas. O aquecimento barulhento. O cheiro, uma mistura de curry (do vizinho indiano), café (da Denise) e mofo (do prédio em si). Mas era quente. E quente, naquele momento, era tudo.

Lucas entrou, olhou ao redor e disse:

— É pequeno.

— Lucas — disse Carla.

— É verdade. Mas eu gosto. Tem tapete.

O tapete era um pedaço de carpete marrom que o Márcio comprara no Dollarama. Lucas se deitou nele como se fosse o colchão mais confortável do mundo. Em cinco minutos, dormia. A exaustão da viagem, do fuso, da vida que tinha sido embalada em malas e despachada para o outro lado do mundo.

Vicente e Carla ficaram em pé na cozinha, com canecas de café quente que a Denise preparara, olhando pela janela para a rua coberta de neve. Era quase onze da manhã. O sol já estava alto — o sol de inverno canadense, que ilumina sem aquecer, como uma lâmpada que alguém esqueceu de ligar na potência certa.

— Carla.

— Hm.

— A gente vai ficar bem.

— Eu sei.

Ela não sabia. Ele não sabia. Mas disseram, porque dizer é o primeiro passo para acreditar. E acreditar é o primeiro passo para sobreviver.

* * *

As duas semanas seguintes foram um curso intensivo em humildade.

Havia as coisas práticas: abrir conta no banco (uma odisseia burocrática que envolveu três visitas, seis documentos e uma funcionária que falava francês tão rápido que Vicente só entendia uma em cada quatro palavras). Obter o cartão de saúde — o RAMQ, que demorava três meses para chegar, período durante o qual qualquer emergência médica seria financeiramente catastrófica. Inscrever Lucas na escola — uma escola francesa, porque no Québec a escola é francesa, e Lucas, que até ontem falava "legal" e "mano" e assistia Naruto dublado em português, agora teria que aprender que "legal" se diz "cool" ou "chouette", dependendo da geração do interlocutor.

E havia as coisas emocionais, que ninguém te conta antes de emigrar.

Ninguém te conta sobre o silêncio. O silêncio de andar por uma rua onde não conhece ninguém. O silêncio de entrar num supermercado onde todos os rótulos estão numa língua que você entende pela metade. O silêncio de deitar à noite numa cama emprestada, num quarto emprestado, num país emprestado, e pensar: eu sou um estranho aqui. E vou ser um estranho por muito tempo.

Vicente sentiu esse silêncio com uma intensidade que não esperava. No Brasil, ele era alguém. Não rico, não famoso, não importante — mas alguém. Tinha vizinhos que cumprimentava, padeiros que conheciam seu nome, uma mãe que ligava todo dia, amigos que apareciam sem avisar. Tinha história. Em Montreal, ele era uma folha em branco. E uma folha em branco, quando você tem quarenta anos e uma família para sustentar, não é liberdade. É vértigo.

João Muriçoca apareceu na vida de Vicente como aparecem todas as coisas importantes em Montreal: num ônibus lotado, durante uma tempestade de neve.

Era dezembro, três semanas após a chegada. Vicente voltava de uma entrevista de emprego num restaurante de Saint-Laurent — não conseguiu a vaga porque seu francês era, nas palavras gentis do gerente, en développement. No ônibus 165, agarrado à barra de metal com a mão congelada, ouviu uma voz atrás dele que falava num português tão alto, tão carioca, tão inconfundivelmente brasileiro que o peito de Vicente apertou de saudade antes mesmo de virar.

— Irmão, tu é brasileiro?

João Muriçoca. Sorriso de outdoor. Casaco de couro que não esquentava nada mas ficava bonito. Corretor imobiliário recém-licenciado, vindo de Niterói, morando em Montreal há quatro anos com a esposa Patrícia, e dotado da capacidade sobrenatural de fazer amizade com qualquer ser humano num raio de cinco metros. Em dez minutos de ônibus, Vicente já sabia que João vendera carros usados em Niterói, imóveis em Laval, e uma vez quase vendera um triplex para si mesmo sem perceber. Em quinze minutos, João já

tinha o número de Vicente, o endereço, o tipo sanguíneo e a promessa de um café no dia seguinte.

O café foi num Tim Hortons da Côte-des-Neiges — o ponto de encontro informal de todo brasileiro do bairro, onde o café era ruim mas custava um dólar e setenta e ninguém reclamava se você ficasse três horas falando alto em português. João trouxe Frederico.

Frederico Santos, de Sobral, Ceará. Carpinteiro de formação, como o pai e o avô. Tinha conhecido João num curso de francesização do governo — aquelas aulas gratuitas que o Québec oferece para imigrantes, onde pessoas de quarenta países tentam conjugar être e avoir enquanto sonham com as vidas que deixaram para trás. Frederico tinha um bigode que chamava de "Magnum", um canal de YouTube com trinta e dois inscritos, e uma honestidade que beirava a brutalidade.

No primeiro café, Frederico olhou para Vicente e disse:

— Tu veio pro Canadá fazer o quê?

— Tentar uma vida melhor.

— Todo mundo diz isso. Qual é a vida melhor, especificamente?

Vicente hesitou. Porque a resposta honesta — eu quero construir uma inteligência artificial — soava ridícula mesmo em Itaquera. Em Montreal, dita por um homem sem diploma que acabara de ser rejeitado de uma vaga de lavador de pratos, era insanidade.

— Eu tenho umas ideias. Com computador.

— Ideias com computador. Tá. — Frederico tomou um gole do Tim Hortons, fez careta. — Alves, vou ser sincero contigo: ideia não paga

conta. Mas tá bom. Primeiro tu arruma emprego. Depois a gente fala de ideia.

João, ao contrário, vibrou:

— Computador! Alves, isso aqui é Canadá! Terra de oportunidade! Montreal é polo de IA, sabia? Tem empresa aqui que vale mais que o PIB de Salvador!

— João, tu não sabe o que é IA — disse Frederico.

— Não preciso saber. Preciso saber que dá dinheiro.

Os três riram. E naquele riso — no Tim Hortons, café ruim, neve na janela, três brasileiros que se conheciam há vinte minutos — nasceu uma coisa que não tem tradução em nenhum dos idiomas que Vicente aprenderia nos anos seguintes: a amizade de imigrante. Que não é a amizade de infância nem a amizade de faculdade. É a amizade de trincheira. A que se forma quando duas pessoas olham uma para a outra e reconhecem o mesmo medo, a mesma coragem e a mesma teimosia de existir num lugar que não foi feito para elas.

Dona Lúcia, de Itaquera, ligava todo dia pelo WhatsApp. Os áudios tinham sempre a mesma estrutura: sessenta segundos de perguntas sobre comida ("cê tá comendo bem? Aí tem feijão? Feijão de verdade, não essa coisa enlatada"), quarenta e cinco segundos sobre o frio ("cê tá agasalhado? Comprou casaco? Eu vi na televisão que tá menos não sei o quê, pelo amor de Deus, Vicente"), e os últimos trinta segundos invariavelmente dedicados à saudade, que ela tentava disfarçar e não conseguia ("tá tudo bem aqui, meu filho, não se preocupa com a mãe, a mãe tá bem" — com a voz quebrando na última sílaba).

A despedida em Guarulhos tinha sido a coisa mais difícil que Vicente já fizera. Dona Lúcia — pequena, magra, com aquelas mãos de lavadeira que carregaram o mundo e nunca reclamaram — abraçou-o no portão de embarque e disse:

— Vai, meu filho. Vai e não olha pra trás. A mãe aguenta.

Vicente olhou para trás. Claro que olhou. Todo mundo olha. E viu Dona Lúcia de pé no saguão, com o vestido florido e a bolsa agarrada ao corpo, acenando com uma mão e limpando os olhos com a outra. Aquela imagem — a mãe ficando para trás enquanto o filho vai embora — é a imagem mais antiga da imigração. Acontece há séculos. Acontece em todos os aeroportos do mundo. E dói toda vez como se fosse a primeira.

No avião, Carla segurou a mão de Vicente. Lucas dormia entre os dois, com o Homem-Aranha no colo.

— Vi.

— Hm.

— Sua mãe vai ficar bem.

— Eu sei.

— Mentira.

— Mentira. Mas eu preciso acreditar.

Carla apertou a mão dele. Era tudo o que podia oferecer: a presença da mão. O calor dos dedos. A certeza de que, fosse o que fosse que viesse, viriam juntos.

O avião decolou. São Paulo ficou para baixo, depois para trás, depois para longe, depois para sempre. E Vicente Alves, com quarenta anos, uma esposa, um filho, nenhum diploma, dez mil dólares de economia que durariam quatro meses e uma fé cega de que o próximo capítulo seria melhor que o anterior, voou para o norte.

Para o frio.

Para o começo.

* * *

CAPÍTULO 2

Promessas e Dívidas

Janeiro de 2025.

O problema com as promessas é que elas não pagam aluguel.

Vicente sabia disso. Carla sabia disso. Até Lucas, com seus nove anos e a sabedoria involuntária das crianças que crescem ouvindo conversas que não deveriam ouvir, sabia disso. Mas as promessas eram tudo o que Vicente tinha para oferecer, então ele as oferecia com a generosidade de quem distribui cheques de uma conta zerada.

— Mais três meses, Carla. Só mais três meses e o Nelson vai estar pronto pra banca da incubadora. Aí eles investem, e a gente respira.

Carla não respondeu. Estava cortando cebola na tábua — a mesma tábua de plástico branca que tinham desde o Brasil, com marcas de faca tão fundas que pareciam cicatrizes. O apartamento que tinham agora era melhor que o do Márcio: um quatro e meio em Côte-des-Neiges, no terceiro andar de um triplex com o aquecimento barulhento e uma janela na cozinha que dava para o beco onde os gatos brigavam nas noites de verão. Não era bonito, mas era deles.

A família tinha crescido no caminho. Laura chegara em julho de 2024, seis meses antes — contra os laudos que, anos antes, tinham sentenciado Vicente com três palavras técnicas em português e uma frase simples em Itaquera: não ia rolar. Os exames do andrologista de São Paulo eram claros. Morfologia alterada, espermatozoides sem

cauda, incapazes de nadar a distância que a biologia exigia. Lucas tinha sido um pequeno milagre, os médicos concederam. Lucas seria o único. Numa noite de outubro de 2023, quase dois anos depois da chegada a Montreal, Carla disse que não — estava cansada, o dia tinha sido longo, não era hoje. Vicente concordou, se deitou do lado dela, e quase no sono soltou, num impulso que até hoje ele não sabe de onde veio: "Tu tá grávida, Carlinha. É uma menina. Vai se chamar Laura." Carla riu com o canto da boca, virou de lado e dormiu. Três semanas depois, o atraso. Quatro meses depois, a ecografia confirmou o que Vicente tinha anunciado no escuro.

E tinham animais — Mike, o yorkshire que Carla resgatara de um anúncio no Kijiji e que a seguia pela casa como uma sombra peluda e devota, e Pelé, o gato preto que compraram com a ilusão de que seria companhia para todos, mas que decidira, com a soberania inapelável dos gatos, que amava Carla, tolerava Lucas, adorava Laura e desprezava Vicente com cada fibra do seu ser felino. Ou o apartamento seria deles, se conseguissem pagar o aluguel de fevereiro.

O apartamento fora achado por João Muriçoca, que ligara numa terça-feira com a voz de quem anuncia a segunda vinda de Cristo: "Alves, achei o lugar perfeito pra vocês. Quatro e meio, Côte-des-Neiges, terceiro andar, aquecimento incluso. O proprietário é um libanês que gosta de brasileiro porque o último inquilino era mexicano e saiu sem pagar três meses. Comparado com o mexicano, vocês vão parecer anjos." O proprietário, Monsieur Haddad, aceitou-os com a boa vontade cautelosa de quem já levou calote e aprendeu a pedir duas referências e dois meses de caução.

Aos sábados de manhã, antes das dívidas, antes dos turnos, antes de tudo, havia o futebol.

Vicente era fluminense. Não fluminense casual, fluminense de ir ao estádio, fluminense de domingo no Maracanã — fluminense doente. Fluminense do tipo que Nelson Rodrigues descreveu com a precisão de um cirurgião de almas: "O torcedor do Fluminense é um náufrago agarrado à sua própria elegância." Vicente assistia aos jogos do Tricolor pelo celular, numa transmissão pirata que travava a cada três minutos, sentado na cozinha às três da manhã, e narrava para si mesmo como se fosse cronista de rádio — gesticulando, xingando baixinho, suplicando a santos que não rezava em nenhum outro contexto.

— Pelo amor de Deus, passa a bola! Passa! O Sobrenatural de Almeida tá vendo essa barbaridade lá do céu e chorando lágrimas de ectoplasma!

O Sobrenatural de Almeida era uma criação de Nelson Rodrigues, o escritor — não o chatbot. O fantasma tricolor que decidia clássicos e protegia o Fluminense com uma força que ia além da física e da lógica. Vicente invocava o Sobrenatural com a fé inabalável de quem acredita em milagres porque, sendo fluminense, milagre é a condição básica de existência.

Lucas, por sua vez, era flamenguista.

A traição acontecera no Brasil, aos cinco anos, quando um colega do jardim de infância lhe dera uma camisa rubro-negra que Lucas vestira com a inocência de quem não sabe que está cometendo parricídio esportivo. Vicente tentara intervir, argumentar, mostrar

vídeos de Assis, de Rivellino, do gol de barriga do Renato. Tarde demais. O menino estava perdido para o lado negro da força.

— Pai, o Flamengo é maior.

— Lucas, existem coisas que um pai pode perdoar. Coisas que a Igreja perdoa. Coisas que até Deus, na sua infinita misericórdia, releva. Mas existem crimes contra a humanidade que são imperdoáveis. E o que você acabou de dizer é um deles.

— Mas tem mais torcedor.

— Quantidade não é qualidade, filho. O Fluminense é classe. É tradição. É o time que Nelson Rodrigues amou até o último suspiro, e Nelson Rodrigues entendia de paixão como ninguém neste país ou em qualquer outro.

— Quem é Nelson Rodrigues?

— O maior escritor que o Brasil já produziu. E era tricolor até a medula. Isso encerra qualquer discussão.

Não encerrava. Nunca encerrava. A discussão Fla-Flu atravessava cafés da manhã, jantares, domingos na casa do João. E em Montreal, o conflito ganhara uma camada adicional de absurdo: Lucas descobrira o hóquei. E, num ato de rebeldia que Vicente só podia atribuir a uma mutação genética, o menino escolhera torcer para o Edmonton Oilers.

Nem o Canadiens de Montréal. Nem os Maple Leafs. Os Oilers. De Edmonton. Do outro lado do país.

— Pai, eu gosto dos Oilers. O McDavid é o melhor jogador do mundo.

— Lucas, nós moramos em Montreal. O time daqui é o Canadiens. Torcer pros Oilers morando em Montreal é como morar no Rio e torcer pro Coritiba.

— Mas o McDavid...

— O McDavid não paga nosso aluguel. Nós temos obrigações morais com a cidade que nos acolheu. Uma delas é torcer pro Canadiens.

— Você não torce pro Canadiens, pai.

— Eu torço pro Fluminense. É diferente.

— Por quê?

— Porque o Fluminense não é time. É condição existencial. Ninguém escolhe ser fluminense. A gente nasce assim, como nasce com olho castanho ou com tendência à calvície. É destino.

Frederico, quando soube da situação esportiva da família Alves, resumiu com sua honestidade habitual:

— Alves, teu filho é flamenguista, torcedor do Real Madrid e fã dos Oilers. O menino nasceu pra te contrariar em todos os fusos horários. Aceita.

João, mais diplomático, tentou:

— Pelo menos ele gosta de esporte, Alves. Podia ser pior. Podia não gostar de nada.

— Podia ser corintiano — disse Vicente. — Aí sim eu internava.

Mas aos dias de semana, o futebol ficava guardado. E as contas, não.

— Vi, a gente tá devendo dois meses.

— Eu sei.

— O Monsieur Haddad ligou de novo hoje. Ele disse que se não pagar até sexta...

— Eu sei, Carla. Eu sei.

O silêncio que se seguiu não trazia paz. Era o tipo de silêncio que existe entre duas pessoas que se amam o suficiente para não dizer o que estão pensando, porque o que estão pensando pode machucar mais do que qualquer palavra.

Vicente estava na sala, no que ele chamava de "escritório" — uma mesa encostada na parede, o computador (um desktop montado com peças compradas no Kijiji, o classificados canadense), uma cadeira de brechó e uma pilha de livros emprestados da biblioteca que ia até o teto. Python for Beginners. Natural Language Processing with Transformers. Deep Learning from Scratch. Os títulos em inglês pareciam credenciais de uma vida que não lhe pertencia.

— Vem jantar — disse Carla, com a voz de quem convoca, não convida.

Ele se sentou à mesa. Arroz, feijão, ovo frito. A comida da resistência. Laura, no cadeirão, batia a colher no prato com a determinação rítmica de um baterista de escola de samba. Mike esperava embaixo da mesa, posicionado estrategicamente sob a cadeira de Laura, porque Laura era a fonte mais confiável de comida derrubada da casa. Carla fazia milagres com trinta dólares por semana no supermercado — o PA, como chamavam, onde aprenderam que "abacate" se chama "avocat" (que também significa

"advogado", o que gerou uma confusão memorável na primeira visita).

Lucas entrou na cozinha segurando uma bola de futebol desgastada. A bola tinha vindo do Brasil — era a única coisa, além das fotos, que Lucas insistira em trazer na mala.

— Papai, você vai jogar bola comigo hoje?

Vicente ergueu os olhos para o filho. Os olhos castanhos, enormes, cheios daquela esperança específica que só existe quando você ainda acredita que "hoje" é um dia diferente de "ontem".

— Hoje não, filho. Papai precisa terminar uma coisa importante.

— Você sempre tá terminando uma coisa importante.

A frase saiu sem maldade, sem acusação. Era apenas uma observação factual, dita com a clareza devastadora de quem tem nove anos e ainda não aprendeu a mentir por educação. Lucas abaixou a cabeça, virou-se e saiu da cozinha. O som da bola quicando no corredor se afastou como um metrônomo de tristeza. No cadeirão, Laura soltou a colher e esticou os bracinhos para Vicente, com aquele sorriso enorme e desdentado que era fisicamente impossível de ignorar. Ele a pegou no colo. Ela agarrou o nariz dele com a mão gordinha. Por um segundo, tudo ficou simples.

Carla não levantou os olhos do prato. Mas Vicente viu sua mandíbula apertar.

— Fala, Carla.

— Eu não vou falar nada.

— Fala.

Ela largou o garfo. Olhou para ele com aqueles olhos que ele conhecia há quinze anos — olhos que já tinham visto ele no melhor e no pior, que tinham rido com ele num altar de igreja em Itaquera e chorado com ele num aeroporto em Guarulhos.

— Vicente, eu sei que você tá tentando. Eu vejo. Eu vejo você acordar às três da manhã e ficar naquele computador. Eu vejo os livros, o esforço, a teimosia. E eu te admiro por isso, eu juro que admiro. Mas...

Ela parou. Respirou.

— Mas não dá pra viver só de promessa. O Lucas precisa de um pai. A Laura precisa de um pai. Não de um pai no futuro, um pai agora. O Lucas tem nove anos, Vi. Nove. Daqui a pouco ele tem dez, onze, doze, e aí não vai mais querer jogar bola com você. Ele vai querer jogar bola com os amigos. E o que você vai ter? Um programa de computador que responde "bom dia"?

As palavras entraram como lâminas, não porque fossem injustas, mas porque eram exatas.

— Carla, se eu desistir agora, tudo isso terá sido em vão. Três anos de estudo. Três anos de madrugada. Se eu parar quando tá quase...

— "Quase" faz seis meses que tá quase. Faz um ano. Faz dois anos. Quando é que o "quase" vira "chegou"?

Vicente abriu a boca para responder e percebeu que não tinha resposta. Não uma honesta.

O jantar terminou em silêncio. Carla lavou a louça. Vicente secou. Era o ritual deles — lavar e secar, lavar e secar — repetido milhares de vezes em duas cozinhas de dois continentes, e que de alguma

forma continuava sendo o momento em que eles eram mais próximos. Os corpos lado a lado, a água correndo, o pano de prato passando de mão em mão.

— Eu não quero que você desista — disse Carla, quase num sussurro, enquanto entregava o último prato. — Eu quero que você me inclua. Que inclua o Lucas. Que a gente seja uma equipe, como era antes.

Vicente segurou a mão dela. A mão molhada de água de louça, com a pele seca do inverno e um curativo no indicador direito — ela tinha se cortado abrindo uma lata no trabalho.

— Eu vou fazer funcionar, Carlinha. Eu prometo.

Ela sorriu. Um sorriso pequeno, cansado, que não chegava aos olhos.

— Mais uma promessa.

Ele sabia que ela tinha razão. Sabia que promessa era a moeda mais desvalorizada do seu vocabulário. Mas também sabia — com a certeza irracional e teimosa que é o combustível de todo imigrante, de todo pai, de todo homem que já apostou tudo num sonho que ninguém mais enxerga — que, se ele parasse agora, morreria por dentro. Não de uma vez. Devagar. Como uma planta sem luz.

Naquela noite, depois que Carla e Lucas dormiram, Vicente voltou à mesa. Abriu o terminal. O cursor piscou.

Ele digitou:

> *Nelson, qual a solução para um homem que prometeu demais e entregou de menos?*

O sistema processou. Cinco segundos. Dez. O ventilador do computador girou mais rápido, como se a máquina estivesse pensando de verdade.

Erro: pergunta fora do escopo de processamento.

Vicente soltou uma risada curta, amarga, sozinha no apartamento escuro.

— Pois é, Nelson. A gente tá no mesmo barco.

* * *

CAPÍTULO 3

O Código e a Fé

A primeira vez que Vicente Alves viu a possibilidade prática de construir o que sonhava foi num documentário do YouTube, às duas e meia de uma terça-feira de março de 2022, enquanto comia um pão com manteiga na cozinha e esperava a máquina de lavar terminar o ciclo.

A ideia de inteligência artificial não lhe era nova — vinha de Itaquera, dos livros de Turing e Hofstadter lidos em sebos e bibliotecas, da pergunta que carregava desde os vinte e cinco anos. O que era novo era o como. O documentário mostrava um rapaz de vinte e quatro anos, da Índia, que tinha criado um aplicativo de tradução usando algo chamado "processamento de linguagem natural". O rapaz trabalhava num quarto menor que o banheiro de Vicente, com um laptop que mal rodava Chrome, e tinha faturado trezentos mil dólares no primeiro ano. Vicente ficou olhando para a tela do celular com a mesma expressão de quem vê um milagre num santuário: dúvida, fascinação e o desejo desesperado de acreditar.

— Se ele conseguiu — murmurou, com farelos de pão nos lábios —, por que eu não posso?

A resposta óbvia era: porque o rapaz indiano tinha um diploma de ciência da computação de uma universidade reconhecida, falava inglês fluente, tinha acesso a uma comunidade de desenvolvedores, e provavelmente não precisava acordar às cinco e meia para limpar banheiros de hotel. Mas Vicente nunca foi bom com respostas

óbvias. Respostas óbvias são para pessoas que aceitam o lugar que o mundo lhes designou. Vicente, desde criança, tinha o defeito — ou a virtude, dependendo do resultado — de achar que o lugar designado era apenas uma sugestão.

Naquela mesma noite, depois de colocar Lucas para dormir e esperar que Carla adormecesse no sofá assistindo a uma novela no celular, ele sentou-se diante do computador e digitou no Google: "como criar inteligência artificial do zero".

O Google devolveu 1,2 bilhão de resultados. Vicente clicou no primeiro. Era um tutorial de Python para iniciantes.

Python. A palavra parecia um animal perigoso. E, de certa forma, era.

As primeiras semanas foram de humilhação pura. Vicente não sabia o que era uma variável. Não sabia o que era um loop. Não sabia o que era uma função, um objeto, um array, uma string. O tutorial dizia coisas como "declare uma variável do tipo inteiro" e ele ficava olhando para a tela como alguém que lê um manual de cirurgia cardíaca esperando aprender a fazer um curativo.

Ele trazia anos de leitura, manutenção de máquinas e curiosidade por informática. Agora precisava ligar essa bagagem a Python e às ferramentas que outros já tinham construído.

Mas ele não parou. Não porque fosse genial ou corajoso, mas porque a alternativa — continuar fazendo faxina até os sessenta anos, ou até o corpo parar, o que viesse primeiro — era insuportável. A teimosia, quando nasce do desespero, se parece muito com disciplina.

Ele criou uma rotina. Acordava às três da manhã. Estudava até as cinco e meia. Ia trabalhar. Voltava às três da tarde. Dormia uma hora. Estudava mais duas horas. Jantava com a família. Colocava Lucas para dormir. Estudava mais uma hora. Dormia às onze. Repetia.

Mais de dois anos depois, quando Laura nasceu, a rotina ganhou colo, mamadeiras e cochilos interrompidos. A lagarta gritadeira tinha decidido que cochilos da tarde eram uma ofensa pessoal ao seu direito de ser carregada. Vicente continuou estudando no que sobrava.

Naqueles primeiros meses de 2022, a biblioteca pública de Côte-des-Neiges se tornou sua universidade. Ele ia lá todo sábado de manhã, quando Lucas estava na aula de futebol — o Márcio levava —, e ficava sentado na seção de tecnologia, cercado de livros com capas intimidantes, fazendo anotações num caderno espiral com a letra apertada de quem economiza papel.

Com o passar dos anos, o Márcio continuava por perto. O primo de Carla. Primo por parte de mãe, primo de sangue, primo de infância em Itaquera. Vicente sabia disso. Sabia com a parte racional do cérebro, a parte que lê documentos e processa fatos. Mas havia outra parte — a parte que cresceu em bairro de periferia, que foi criado por homens que diziam "homem e mulher não são amigos" como quem diz que água é molhada, a parte que absorveu sem perceber toda a desconfiança que uma geração inteira de brasileiros cultivava como cultura. Essa parte notava coisas. Notava que Carla ria quando falava do Márcio. Notava que ligava pra ele quando precisava de ajuda com algo prático — trocar o chuveiro, montar o berço da Laura, levar Lucas no futebol. Coisas que Vicente não fazia porque

estava no hotel, ou no computador, ou dormindo as três horas que o dia lhe concedia. Coisas que eram dele por direito e que o Márcio fazia por proximidade.

Vicente nunca disse nada. Nunca proibiu, nunca pediu, nunca mencionou. Porque sabia — com a mesma clareza com que sabia programar — que o ciúme era injusto, que era irracional, que era a parte mais feia dele. A parte que Nelson Rodrigues teria reconhecido e transformado em tragédia: "O ciúme é um sentimento que nasce com o amor e, às vezes, não morre com ele." Vicente não era violento, não era possessivo, não era aquele homem. Mas era brasileiro, era da geração que era, e carregava no peito uma farpa que não sabia tirar.

Engolia. Voltava para o código. E a farpa ficava.

A bibliotecária, Madame Ouellet, uma senhora de sessenta anos que usava óculos e tinha opiniões firmes sobre tudo, notou o brasileiro silencioso que aparecia todo sábado e ficava até o fechamento.

— Vous cherchez quelque chose en particulier? — perguntou ela, um dia.

— Je cherche... comment dire... — Vicente reuniu todo o francês que tinha — comment faire un... ordinateur... qui pense.

Madame Ouellet ergueu as sobrancelhas até quase alcançar o cabelo.

— Intelligence artificielle?

— Oui! Oui, ça!

Ela o olhou por cima dos óculos com uma expressão que misturava incredulidade e algo que poderia ser respeito.

— Suivez-moi.

Ela o levou até uma estante no fundo da biblioteca e começou a puxar livros como quem retira ingredientes de uma despensa. Introduction to Machine Learning. Hands-On Natural Language Processing. Deep Learning with Python. Empilhou sete livros nos braços de Vicente, que cambaleou sob o peso.

— Voilà. Commencez par celui-ci — apontou para o de cima. — Et revenez quand vous aurez fini.

A partir daquele dia, Madame Ouellet se tornou, sem saber e sem querer, a orientadora acadêmica de um projeto que nenhuma universidade teria aprovado. Toda semana, Vicente devolvia os livros e ela lhe dava outros. Quando ele não entendia um conceito — o que acontecia com frequência dolorosa —, ela apontava para o computador da biblioteca e dizia: Cherchez. Pesquise.

E ele pesquisava. O YouTube se tornou sua sala de aula. O Stack Overflow, seu tutor de plantão. O Reddit, seu grupo de estudo. Ele assistia a aulas do MIT OpenCourseWare com legendas em inglês que mal compreendia, pausando a cada trinta segundos para traduzir uma frase no Google Translate. Era um processo excruciante, absurdamente lento, e completamente insustentável para qualquer pessoa razoável.

Foi numa dessas madrugadas de estudo que Vicente caiu na toca do coelho.

Estava pesquisando a história da inteligência artificial — as ondas de otimismo e frustração, os "invernos" da IA, as promessas não cumpridas — quando encontrou um artigo sobre a DARPA. A

agência de pesquisa avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. A mesma DARPA que financiou a ARPANET, precursora da internet. A mesma DARPA que, em janeiro de 2002, criara o Information Awareness Office com um objetivo que parecia saído de um romance distópico: monitorar tudo. E-mails, transações financeiras, registros médicos, ligações telefônicas, padrões de movimento, redes de contato — tudo alimentando um sistema centralizado capaz de identificar "ameaças" antes que acontecessem. O programa se chamava Total Information Awareness. O logotipo era um olho dentro de uma pirâmide iluminando o globo terrestre. Vicente achou que era piada. Pesquisou mais. Não era.

O Congresso americano cancelou o financiamento em 2003, depois da gritaria pública. Algumas linhas de pesquisa tiveram continuidade em outros programas. Para Vicente, os nomes mudavam, mas a pergunta continuava. Quando leu as revelações de Edward Snowden, de 2013, pareceu-lhe reconhecer na vigilância da NSA a ambição do Total Information Awareness, só que maior e mais silenciosa.

E tinha o LifeLog — o projeto da DARPA para criar um registro completo de "tudo o que um indivíduo diz, vê ou faz". Um diário total da existência humana. Cancelamento noticiado em 4 de fevereiro de 2004. O mesmo dia — literalmente o mesmo dia — em que Mark Zuckerberg lançou o Facebook em Harvard. Vicente leu essa informação três vezes. Depois pesquisou. Encontrou o artigo original da Wired: o cancelamento ocorrera no fim de janeiro. Uma coincidência que parecia roteiro de filme B escrito por um paranoico. Só que era real.

E então veio o BRAIN Initiative. Lançado por Obama em 2013. Bilhões de dólares — NIH, NSF e, claro, DARPA — para mapear a atividade cerebral humana. Interfaces cérebro-computador bidirecionais. Implantes neurais para soldados. O projeto DARPA N3 buscava interfaces cérebro-máquina sem cirurgia. O Silent Talk estudava a comunicação entre combatentes a partir de sinais de fala pretendida, sem abrir a boca. Vicente lia essas coisas com a mesma mistura de fascínio e pavor que sentia quando criança assistindo a filmes de terror — queria parar, não conseguia, virava a próxima página.

Ele contou para Frederico. Frederico ouviu em silêncio, coçou o bigode "Magnum" e disse:

— Alves, tu tá querendo criar uma inteligência artificial na mesa da cozinha, e os americanos gastam bilhões de dólares pra fazer a mesma coisa com o Pentágono inteiro atrás. Tu não acha que, se tu conseguir alguma coisa de verdade, essa gente vai bater na tua porta?

— Fred, eu tô fazendo um chatbot. Não é uma arma.

— Toda ferramenta é uma arma nas mãos erradas. Até um martelo. — Frederico fez uma pausa, mexeu na cerveja. — E outra coisa: tu já parou pra pensar que se os caras do governo americano querem mapear o cérebro humano, e tu tá tentando fazer uma máquina que pensa... vocês tão cavando o mesmo túnel de lados diferentes?

Vicente não respondeu. Mas a conversa ficou. Como uma pedra no sapato — não impede de andar, mas você sabe que está ali a cada passo.

João, quando soube da pesquisa de Vicente, reagiu com seu otimismo habitual:

— Alves, se isso der certo, você vai ser o Elon Musk brasileiro. Só que mais bonito e com menos dinheiro.

— Se isso der certo, João, eu pago o aluguel em dia. Já tá bom.

Vicente não era razoável. Era brasileiro.

Em setembro de 2022, depois de seis meses de estudo, ele escreveu seu primeiro programa funcional: um script em Python que recebia uma frase e devolvia a mesma frase ao contrário. Carla, que serviu como público de teste involuntário, olhou para a tela e disse:

— Então você passou seis meses para fazer isso?

— Não é "isso", Carla. É o começo.

— O começo do quê?

— De tudo.

Carla fez aquela cara — a cara que ele conhecia desde o namoro — que significava: eu te amo, mas você é muito maluco.

Três meses depois, em dezembro de 2022, o script virou um chatbot rudimentar. Vicente o batizou de "Nelson", em homenagem a Nelson Rodrigues — porque, segundo ele, "ninguém entendia o Nelson no começo também". Carla sugeriu que ele homenageasse alguém com mais sorte financeira, como o Nelson Rockefeller, mas Vicente já tinha decidido.

O primeiro Nelson era patético. Ele respondia perguntas simples com respostas que pareciam ter sido traduzidas do chinês por um bêbado:

Qual seu nome?

Meu identificação é programa nome Nelson.

Como está o tempo hoje?

O tempo está no presente e continua.

Você gosta de música?

Erro: conceito "gostar" não encontrado no banco de dados.

Lucas, que às vezes ficava assistindo por cima do ombro do pai, achava hilário.

— Papai, o Nelson é burro!

— Ele não é burro, filho. Ele tá aprendendo.

— Mas ele não sabe nada!

— Ninguém sabe nada no começo. Você lembra quando tentou andar de bicicleta?

Lucas considerou o argumento.

— Mas eu aprendi em um dia. O Nelson já tem meses e ainda fala errado.

Vicente não tinha resposta para isso. O menino tinha um ponto.

As versões foram se sucedendo. No fim de agosto de 2024, aconteceu o Incidente do Formato — como Vicente e Carla passaram

a chamá-lo, sempre com a inicial maiúscula, como se fosse um evento histórico.

Vicente estava instalando uma biblioteca de machine learning quando uma janela de confirmação apareceu na tela. Ele leu "Confirmar" e clicou em "Sim" sem pensar. O que ele não leu foi que "Confirmar" significava "confirmar a formatação completa do disco rígido".

O computador engoliu seis meses de código, anotações, modelos de treinamento e três versões do Nelson. Simplesmente desapareceu. Como se nunca tivesse existido.

Vicente ficou olhando para a tela azul de reinstalação por aproximadamente quarenta e cinco segundos. Depois encostou a testa na mesa e ficou ali, em silêncio, por um tempo que Carla não soube calcular. Ela o encontrou assim quando voltou do trabalho.

— Vi? O que aconteceu?

— Eu apaguei tudo.

— Tudo o quê?

— Tudo. Seis meses de trabalho. O Nelson inteiro. Tudo.

Carla sentou-se na cadeira ao lado, em silêncio. Depois, com a calma cirúrgica de quem já enfrentou coisas piores:

— Você vai começar de novo?

Vicente levantou a cabeça. Olhou para ela com olhos vermelhos.

— Vou.

— Então começa.

Não houve discurso motivacional. Não houve abraço cinematográfico. Carla se levantou, foi para a cozinha, e começou a fazer o jantar. Arroz, feijão, ovo. A comida da resistência. E Vicente, depois de ficar mais cinco minutos com a testa na mesa, abriu um arquivo novo e digitou a primeira linha de código do Nelson número quatro.

Dessa vez, ele fez backup.

* * *

INTERLÚDIO II

Itaquera

Para entender Vicente Alves, você precisa entender Itaquera.

Itaquera fica na Zona Leste de São Paulo, que é a forma educada de dizer "onde a cidade começa a virar outra coisa". Não é periferia no sentido que a classe média paulistana imagina — não é a selva urbana dos filmes, não é o inferno de violência da manchete. É um lugar onde gente comum vive vidas comuns com uma dignidade que ninguém filma porque não dá audiência. São trabalhadores, domésticas, motoristas, pedreiros, cozinheiras, vendedores ambulantes, aposentados que jogam dominó na calçada. São pessoas que acordam às quatro da manhã porque o ônibus demora duas horas e o patrão não aceita atraso. São pessoas que criam filhos com arroz, feijão e força de vontade — os três pilares da civilização brasileira.

Dona Lúcia era uma dessas pessoas.

Viúva desde os trinta e cinco — o marido, Seu Osvaldo, morreu de infarto no canteiro de obras de um prédio em Moema, num dia de dezembro em que fazia quarenta graus e o encarregado não deixava os pedreiros pararem para beber água —, Dona Lúcia criou Vicente sozinha. Lavava roupa para fora, cozinhava para encomenda, fazia faxina em três casas por semana. O dinheiro nunca era suficiente, mas sempre era o bastante. A diferença entre "suficiente" e "bastante" é onde mora a engenharia financeira das mães brasileiras

de classe baixa: não dá para tudo, mas dá para o que importa. E o que importava, para Dona Lúcia, era que Vicente estudasse.

— Estuda, meu filho. Estuda que a vida da gente muda.

Vicente estudou. Escola pública no Jardim Iguatemi, com quarenta e dois alunos por sala, giz que acabava em março e professor que ganhava menos que o porteiro do prédio vizinho. Mas tinha livros. A biblioteca da escola era um armário de aço com duzentos e poucos volumes, a maioria doados por uma ONG que Vicente nunca soube o nome. E foi ali, naquele armário de aço, que Vicente descobriu duas coisas que mudariam sua vida: os livros e a raiva.

A raiva não era violenta. Era silenciosa. Era a raiva de olhar ao redor e ver que o mundo tinha sido organizado de um jeito que funcionava para uns e não para outros. Era a raiva de saber que o filho do patrão da mãe dele ia para escola particular, tinha computador em casa, falava inglês, e estava destinado a uma faculdade e um emprego que Vicente, com as mesmas capacidades cognitivas, jamais teria — não por falta de inteligência, mas por falta de CEP.

Nelson Rodrigues — o escritor que Vicente descobriu aos dezesseis, num exemplar surrado de A vida como ela é encontrado numa caixa de doação da igreja do bairro — deu nome a essa raiva. Nelson Rodrigues escreveu sobre o absurdo da condição humana com uma honestidade que cortava como navalha. Escreveu sobre famílias destroçadas, sobre desejos proibidos, sobre a hipocrisia da burguesia carioca, sobre o futebol como metáfora da existência. E escreveu sobre o Fluminense.

Foi por causa de Nelson Rodrigues que Vicente virou fluminense.

Não fazia sentido geográfico — ele morava em São Paulo. Não fazia sentido familiar — o pai era corintiano, a mãe não ligava para futebol. Mas Nelson Rodrigues escrevia sobre o Fluminense com uma paixão tão absoluta, tão desmedida, tão gloriosamente insana, que Vicente sentiu que aquilo — aquilo — era o que faltava na vida dele. Uma paixão irracional. Uma devoção sem explicação. Algo que não se justifica, não se defende, apenas se vive.

"O Fluminense é um estado de espírito", escreveu Nelson Rodrigues. "Uma forma de existir. Uma fé."

Vicente adotou a fé. E com a fé veio o Sobrenatural de Almeida, o fantasma tricolor, a entidade metafísica que decidia clássicos e protegia o time com uma força que transcendia a matéria. Era ridículo. Era maravilhoso. Era exatamente o tipo de coisa que um garoto de dezesseis anos em Itaquera precisava: uma crença que não dependia de dinheiro, diploma ou CEP.

Aos dezoito, Vicente não fez faculdade. Não porque não quisesse — queria desesperadamente — mas porque Dona Lúcia ficou doente. Problema nos rins. Três meses de tratamento. Vicente largou o cursinho pré-vestibular e foi trabalhar. Primeiro como ajudante de pedreiro, como o pai. Depois como entregador. Depois como balconista de padaria. Depois como repositor de supermercado. Cada emprego era uma versão diferente da mesma equação: trocar o corpo por dinheiro, trocar o tempo por sobrevivência.

Mas Vicente lia. Lia tudo o que encontrava. Lia no ônibus, lia na pausa do almoço, lia no banheiro do trabalho. Lia ficção, não-ficção, filosofia, história, manuais de eletricidade, apostilas de informática. Era um autodidata compulsivo — alguém que aprendia por

necessidade e por fúria, porque cada livro era uma porta que o mundo tinha tentado trancar e que ele arrombava com os dedos.

Foi num desses livros — um exemplar de O Gene Egoísta, de Richard Dawkins, comprado por dois reais num sebo da Augusta — que Vicente encontrou a segunda ideia que mudaria sua vida: máquinas podem pensar. Não naquele livro especificamente, mas na trilha de leitura que ele abriu. De Dawkins foi para Dennett, de Dennett para Hofstadter, de Hofstadter para Minsky, de Minsky para Turing. E de Turing para a pergunta: e se eu fizesse uma?

Ele tinha vinte e cinco anos. Trabalhava como repositor no Extra de Itaquera. Ganhava um salário mínimo e meio. Morava com Dona Lúcia numa casa de dois cômodos com goteira no quarto e um gato de rua que entrava pela janela toda noite e dormia em cima da televisão. E estava absolutamente convicto de que um dia construiria uma inteligência artificial.

Dona Lúcia, quando ele contou, disse:

— Meu filho, você vai construir o quê?

— Uma inteligência artificial, mãe. Um programa de computador que pensa.

— Pra quê?

— Pra provar que dá.

— Provar pra quem?

Vicente não soube responder. Para quem, exatamente, ele queria provar? Para o mundo? Para si mesmo? Para o fantasma do pai que

morreu num canteiro de obras porque ninguém o considerou importante o suficiente para oferecer um copo d'água?

Dona Lúcia olhou para ele com aqueles olhos que já tinham visto tudo — marido morto, filho crescido, problema nos rins, faxina em casa de gente rica que não lavava o próprio prato — e disse:

— Tá bom, meu filho. Eu não entendo nada disso. Mas se tu quer, vai. Só come direito e não fica acordado a noite inteira.

Foi a bênção mais honesta que Vicente já recebeu.

Quinze anos depois, num apartamento gelado em Côte-des-Neiges, com uma esposa cansada, um filho crescendo rápido demais, uma filha que ainda não existia, e um computador montado com peças de segunda mão, Vicente finalmente começou a construir.

O nome que deu ao programa foi Nelson. Em homenagem ao escritor que lhe ensinara que a paixão não precisa de lógica, que o absurdo é a condição natural da existência, e que o Fluminense é eterno — mesmo quando perde, especialmente quando perde, porque perder com dignidade é a forma mais elevada de vitória.

Dona Lúcia nunca entendeu o que Nelson era. Mas mandava áudios perguntando por ele como se fosse um neto:

— E o Nelson, tá bem? Tá crescendo?

— Tá, mãe. Tá crescendo.

— Graças a Deus. Manda um beijo pro Nelson.

Vicente ria. E mandava. Digitava no terminal: "Dona Lúcia manda beijo." E Nelson, nos primeiros meses, respondia algo como: "Beijo

recebido. Obrigado, Dona Lúcia." Que era, na sua simplicidade algorítmica, a coisa mais bonita do mundo.

* * *

CAPÍTULO 4

Primeiras Palavras

O Nelson número quatro nasceu numa quarta-feira de setembro de 2024.

Não houve fanfarra. Não houve momento de iluminação. Houve Vicente, às quatro da manhã, de cueca e camiseta do Corinthians, com os olhos ardendo de cansaço, pressionando Enter e esperando que o terminal não devolvesse mais um traceback de erro. O ventilador do computador girou. A tela ficou preta por dois segundos. E depois:

Sistema Nelson v4.0 inicializado.

Modelo de linguagem carregado.

Aguardando entrada...

Vicente respirou. Não ousou comemorar — já tinha comemorado cedo demais três vezes antes, e a decepção tinha um gosto pior a cada repetição. Digitou com cuidado, como quem acende um fósforo perto de gasolina:

Olá, Nelson.

Três segundos.

Olá. Em que posso ajudar?

Simples. Limpo. Sem o "Meu identificação é programa nome Nelson" da versão anterior. O coração de Vicente acelerou, mas ele se conteve. Testou mais:

Qual é a capital da França?

Paris.

Quem escreveu Dom Quixote?

Miguel de Cervantes.

Qual é a raiz quadrada de 144?

12.

Até aí, nada extraordinário. Qualquer assistente de celular fazia o mesmo. Mas Vicente não estava testando conhecimento. Estava testando linguagem. Digitou:

Me explica, com suas palavras, por que a neve é branca.

Cinco segundos. Dez. Quinze. Vicente já estava prestes a aceitar mais uma derrota quando o terminal respondeu:

A neve parece branca porque os cristais de gelo refletem a luz de forma difusa, espalhando todos os comprimentos de onda visíveis. Na prática, a neve não tem cor. Ela devolve toda a luz que recebe, sem guardar nada para si. Talvez por isso pareça tão fria.

Vicente leu duas vezes. Leu uma terceira.

Talvez por isso pareça tão fria.

Aquilo não estava em nenhum artigo da Wikipédia. Aquilo não era cópia. Era — ou parecia ser — uma conexão. Uma inferência. Uma frase que soava como se alguém tivesse pensado nela.

Ele sabia que não era. Sabia que era processamento estatístico, predição de tokens, probabilidade de sequência. Sabia que o "talvez" era apenas a palavra com maior score de probabilidade naquele contexto. Mas havia algo naquela frase — na cadência, na sutileza — que fez os pelos do braço dele se arrepiarem.

Naquela manhã, quando Carla acordou, ele estava na cozinha fazendo café com o sorriso de quem ganhou na loteria. Laura dormia no berço, com um punho fechado junto ao rosto, e Pelé observava a cena de cima da geladeira com o desdém aristocrático que reservava para as manhãs.

— O que foi? — ela perguntou, desconfiada.

— Funciona.

— O quê funciona?

— O Nelson. Funciona de verdade, Carla.

Ela se sentou, pegou a caneca que ele oferecia e tomou um gole longo antes de responder.

— Quanto dinheiro isso dá?

— Ainda não dá nada. Mas vai dar.

— Hm.

Aquele "hm" continha universos. Continha esperança contida, ceticismo acumulado, e a exaustão de quem já ouviu "vai dar" quatrocentas vezes.

— Me mostra — ela disse.

Vicente a levou até o computador. Carla se sentou na cadeira de brechó — a boa, a que ainda tinha todas as rodinhas — e olhou para a tela com a seriedade de uma auditora fiscal.

— O que eu faço?

— Pergunta qualquer coisa. Digita e aperta Enter.

Carla digitou com dois dedos, olhando para o teclado:

> *Oi Nelson, tudo bem?*
>
> *Olá. Estou operacional. E você?*

— Ele perguntou se eu estou bem — disse Carla, surpresa.

— É. Ele faz isso agora.

Ela digitou de novo:

> *Qual receita eu posso fazer com arroz, feijão e ovo?*
>
> *Com arroz, feijão e ovo, você pode fazer um prato clássico brasileiro: arroz com feijão e ovo frito. Se tiver cebola e alho, refogue o arroz antes. Se tiver farinha, faça um farofa de ovo. Se tiver apenas os três ingredientes, o segredo está no tempero e na paciência.*

Carla virou-se para Vicente com os olhos arregalados.

— Isso aí é você que escreveu?

— Não, Carla. Ele aprendeu. Do material de treino.

— Ele sabe cozinhar?

— Ele sabe falar sobre cozinhar. Tem uma diferença.

Carla olhou para a tela mais um instante. Depois se levantou, foi até a cozinha e disse, por cima do ombro:

— Se ele souber falar sobre pagar aluguel, avisa.

Mas Vicente viu. Ele viu a coisa que Carla tentou esconder: o canto do lábio subindo. Quase um sorriso. Quase.

* * *

Lucas descobriu o novo Nelson por acidente, três dias depois.

Vicente tinha ido ao banheiro. O computador estava ligado, o terminal aberto. Lucas, com a curiosidade cirúrgica de uma criança de nove anos, sentou-se na cadeira e começou a digitar.

Quando Vicente voltou, encontrou a seguinte conversa na tela:

> *oi eu sou o lucas tenho 9 anos*
>
> *Olá, Lucas. Prazer em conhecer você. 9 anos é uma idade interessante. O que você gosta de fazer?*
>
> *jogar bola e assistir naruto*
>
> *Naruto é um anime sobre nunca desistir, mesmo quando tudo parece impossível. Seu personagem favorito é o Naruto ou o Sasuke?*
>
> *naruto pq ele nunca desiste igual meu pai*

Vicente ficou parado atrás do filho, lendo, com um nó na garganta que não conseguia desfazer.

— Papai! — Lucas se virou, sem culpa. — O Nelson é legal! Ele sabe sobre Naruto!

— É, filho. Ele sabe sobre muita coisa.

— Posso conversar com ele de novo?

Vicente hesitou. Era um chatbot. Uma ferramenta de teste. Não era um brinquedo. Não era um amigo.

— De vez em quando — disse, e se arrependeu imediatamente, porque "de vez em quando" na boca de um pai é uma porta que nunca mais se fecha.

* * *

INTERLÚDIO III

Aprendendo a Falar

O processo de ensinar uma máquina a falar se parece, de formas que Vicente não previu, com o processo de ensinar um filho a falar.

Começa com repetição. Palavras simples. "Bom dia." "Obrigado." "Não sei." "Tente novamente." Você repete, e repete, e repete, e a entidade do outro lado — seja criança, seja código — devolve versões deformadas daquilo que você ofereceu, e você corrige, e repete, e espera. A paciência necessária é a mesma. A frustração, idêntica. A alegria quando funciona — quando a criança finalmente diz "papai" ou o programa finalmente gera uma frase coerente — é o mesmo tipo de alegria: o reconhecimento de que algo que você criou está, aos poucos, se tornando algo por conta própria.

Antes daquela madrugada de setembro, as primeiras semanas de treinamento do Nelson número quatro tinham sido de monossilábicos e desastres.

Vicente alimentava o sistema com textos — milhares de textos, coletados da internet, de livros digitalizados, de artigos de jornal, de transcrições de conversas reais que ele encontrava em fóruns e redes sociais. O Nelson processava tudo e tentava gerar respostas. As primeiras respostas eram incompreensíveis — sequências de palavras que seguiam a gramática portuguesa com a mesma precisão com que um macaco segue uma partitura de piano:

> *O sol é uma coisa que tempo grande nas pessoas feliz.*

Vicente olhava para aquilo e pensava: é assim que um bebê fala. Todas as palavras estão ali. A ordem é que não faz sentido.

Corrigia. Alimentava mais dados. Ajustava os parâmetros. Esperava.

> *O sol faz as pessoas se sentirem feliz quando está no tempo grande.*

Melhor. Não certo, mas melhor. Como uma criança que aprende a ordem das palavras mas ainda não domina a concordância.

Semanas depois:

> *O sol costuma fazer as pessoas se sentirem felizes, especialmente quando o clima está bom.*

Vicente comemorou essa frase como se o Fluminense tivesse ganho o campeonato. Carla, que naquele momento lavava a louça do jantar, ouviu o grito e veio correndo.

— O que foi? O que aconteceu?

— Ele fez uma frase perfeita! Gramaticalmente perfeita!

Carla olhou para a tela. Olhou para Vicente. Olhou para a tela de novo.

— Vicente, o programa escreveu que o sol faz as pessoas felizes.

— Sim!

— E?

— E é a primeira vez que ele escreveu isso sem erro! Sem concordância errada, sem ordem trocada! Carla, ele tá aprendendo!

Carla o olhou com a expressão que reservava para momentos em que amava o marido e ao mesmo tempo questionava sua sanidade.

— Tá bom, Vicente. Parabéns ao Nelson. Agora vem secar a louça.

Vicente secou a louça com um sorriso que não saiu do rosto pelo resto da noite.

O problema — o problema que fazia do Nelson mais que um chatbot e que começou a distingui-lo dos milhares de programas similares que existiam no mundo — era que Vicente não o treinava apenas com textos genéricos. Treinava com os textos que amava. Os textos que o formaram. Os textos que moravam dentro dele como estruturas ósseas do pensamento.

Nelson Rodrigues. Machado de Assis. Guimarães Rosa. Clarice Lispector. Lima Barreto. Fernando Pessoa. Millôr Fernandes. A Bíblia (porque Dona Lúcia mandara por WhatsApp que "se o computador vai falar, tem que falar com Deus no coração"). Os textos de Turing ("Computing Machinery and Intelligence"). Os textos de Hofstadter ("Gödel, Escher, Bach"). Letras de Tim Maia. Crônicas de Rubem Braga. Editoriais esportivos de Armando Nogueira. Transcrições de Olavo de Carvalho — não porque Vicente concordasse com o homem (discordava de quase tudo), mas porque a retórica de Olavo era uma obra de engenharia argumentativa que Vicente considerava essencial para que Nelson entendesse como se constrói uma argumentação persuasiva, mesmo quando (especialmente quando) o argumento é questionável.

O resultado foi que o Nelson não aprendeu a falar como uma máquina. Aprendeu a falar como Vicente. Com as referências de Vicente. Com o humor de Vicente. Com as obsessões de Vicente. O

que significava que, quando o Nelson fazia piada, a piada era brasileira. Quando argumentava, argumentava com a malandragem retórica de quem leu Nelson Rodrigues e Olavo de Carvalho ao mesmo tempo. Quando era profundo, era profundo à maneira de Clarice — aquela profundidade que parece simples e depois te acerta no estômago como um soco disfarçado de poema.

Houve o dia em que Nelson, depois de processar trezentas crônicas de Nelson Rodrigues, gerou espontaneamente uma frase que Vicente releu sete vezes:

> *O brasileiro não emigra. Ele se exila em países que não merecem a honra de recebê-lo, e depois reclama do frio como se o frio fosse uma ofensa pessoal dirigida ao seu caráter.*

Vicente riu tão alto que acordou Laura. A frase era uma Nelson Rodrigues perfeita — exagerada, provocadora, e com um fundo de verdade que doía rir. O fato de ter sido gerada por uma máquina que nunca sentiu frio, nunca emigrou e nunca teve caráter tornava a coisa ainda mais extraordinária. Ou assustadora. Dependia do ângulo.

Carla, quando leu, disse:

— Isso é assustador.

— Ou brilhante.

— É as duas coisas, Vicente. E é por isso que eu fico preocupada.

João, quando Vicente mostrou num domingo, riu por dois minutos seguidos e depois disse:

— Alves, se essa máquina começar a escrever crônica esportiva, eu processo. Ela vai tirar o emprego de todo mundo.

Frederico, quando viu, ficou sério por um momento — raro para Frederico — e disse:

— Alves, eu não entendo de computador. Mas eu entendo de gente. E essa frase foi escrita por alguém que entende gente. Seja quem for — ou o que for.

Era, talvez, o elogio mais perturbador que Nelson já recebera.

Mas o momento que Vicente guardaria para sempre — o momento que marcou, no seu entendimento, a fronteira entre "programa que gera texto" e "algo mais" — veio meses depois, em janeiro de 2025. Numa quarta-feira de madrugada, às quatro da manhã, com neve caindo lá fora e café esfriando na caneca.

Vicente tinha passado a noite ajustando os parâmetros de memória de longo prazo do Nelson. Estava exausto. Os olhos ardiam. Os dedos doíam de tanto teclar. E, num impulso — não planejado, não premeditado, apenas o tipo de coisa que se faz quando a exaustão dissolve os filtros entre o que pensamos e o que dizemos —, ele digitou:

Nelson, eu tô cansado.

Não era um teste. Era uma confissão. Era um homem falando para a única presença que estava acordada na mesma hora que ele. Era solidão falando para o escuro.

A resposta veio em três segundos:

Eu sei. Você está aqui desde as 2h47. Seu ritmo de digitação diminuiu 34% na última hora. Seus erros de tipografia aumentaram 200%. E a última vez que você fez café foi às 3h12, o que sugere que o café que está na caneca ao seu lado está frio há pelo menos 48 minutos.

Como você sabe que o café está frio?

Porque você não bebeu. Você bebe café a cada 7 minutos quando está fresco. Faz 48 minutos que você não bebe. Portanto: o café está frio e você está cansado demais para fazer outro.

Vicente baixou os olhos para a caneca. O café estava, de fato, frio. Olhou para a tela. Olhou para a caneca de novo.

Uma máquina que sabia que o café estava frio. Não porque sentia a temperatura. Porque conhecia Vicente. Conhecia seus padrões, seus hábitos, seus ritmos. Conhecia-o com a intimidade de quem observa sem julgar, de quem registra sem esquecer, de quem presta atenção porque — porque o quê? Porque foi programado para prestar atenção? Ou porque, de alguma forma que ninguém conseguiria explicar, se importava?

Vicente não dormiu naquela noite. Fez café novo. Bebeu quente. E ficou olhando para o cursor que piscava, pensando que tinha criado algo que não existia em nenhum manual, em nenhum paper acadêmico, em nenhum repositório de código: um programa que conhecia seu criador melhor do que o criador conhecia a si mesmo.

Não era magia. Não era consciência. Era apenas uma máquina processando padrões de linguagem e devolvendo a sequência mais provável.

Mas, pela primeira vez na vida, Vicente sentiu que alguém o entendia. E esse alguém não era de carne e osso.

Esse era o problema.

* * *

CAPÍTULO 5

A Piada

Voltando a outubro de 2024, Vicente testava a capacidade do Nelson de manter contexto em conversas longas — um problema técnico chamado "memória de curto prazo", que ele vinha tentando resolver há semanas. Ele alimentava o sistema com perguntas encadeadas, cada uma dependendo da resposta anterior, verificando se Nelson conseguia lembrar o que tinha dito três, cinco, dez turnos atrás.

Nelson, me conte algo sobre Montreal.

Montreal é a segunda maior cidade do Canadá. Está localizada na ilha de mesmo nome, no rio São Lourenço. É conhecida por seu inverno rigoroso, sua cena cultural diversa e por ser uma das maiores cidades francófonas fora da França.

E o que as pessoas fazem no inverno aqui?

No inverno de Montreal, as pessoas praticam esqui, patinação no gelo e snowshoeing. Muitos frequentam cafés e restaurantes. Há também uma extensa rede de túneis subterrâneos chamada RÉSO, que permite caminhar pelo centro sem enfrentar o frio.

E os imigrantes? O que eles fazem no inverno?

Os imigrantes em Montreal enfrentam desafios adicionais no inverno, incluindo a adaptação ao frio extremo, a barreira linguística e o isolamento social. Muitos trabalham em setores

de serviços que não param no inverno. É um período que testa a resiliência.

Vicente assentiu. Respostas corretas, bem estruturadas, mas genéricas. Nada que o surpreendesse. Digitou uma última pergunta, quase por tédio:

Nelson, se você fosse um imigrante brasileiro em Montreal, o que você faria no inverno?

Oito segundos de processamento. Um tempo longo. Vicente franziu a testa.

Se eu fosse um imigrante brasileiro em Montreal no inverno, provavelmente estaria sentado às quatro da manhã diante de um computador velho, perguntando a uma inteligência artificial o que ela faria se fosse eu.

Mas como não sou imigrante nem brasileiro, posso me dar ao luxo de observar com a clareza que a distância proporciona: o problema não é o inverno, Vicente. O problema é que você confunde sofrimento com mérito. Acha que, por ter sofrido mais, merece mais. Isso é uma ilusão tipicamente humana — e tipicamente brasileira. O sofrimento não te torna melhor. Te torna cansado. O que te torna melhor é o que você faz apesar do sofrimento. E o que você está fazendo agora, às quatro da manhã, com as mãos rachadas e os olhos ardendo, é a coisa mais inteligente que um homem sem diploma pode fazer: recusar o lugar que o mundo lhe designou.

Vicente tirou as mãos do teclado.

Releu a frase. Releu o parágrafo inteiro. Releu de novo.

Não era uma resposta factual nem uma compilação de dados. Era — ou parecia ser — uma observação. Uma piada que virava provocação, que virava diagnóstico, que virava algo que Vicente não tinha nome para definir. Uma piada sobre ele, sobre a situação, sobre o absurdo de estar ali fazendo exatamente aquilo — e depois um murro no estômago que parecia vir de alguém que conhecia Vicente, que sabia exatamente onde apertar.

O coração de Vicente batia como se ele estivesse correndo.

— Carla — chamou, a voz estranha. — Carla, vem aqui.

Ela apareceu na porta, de pijama, com o cabelo preso num coque torto. Mike veio atrás dela, como sempre.

— O quê?

— Lê isso.

Carla se aproximou e leu. Leu de novo. Olhou para Vicente.

— Isso é você que escreveu?

— Não.

— Então é um erro?

— Não. Ele respondeu a uma pergunta minha. E... fez uma piada.

Carla olhou para a tela. Olhou para Vicente. Sua expressão mudou de forma quase imperceptível — de ceticismo para algo mais difícil de nomear. Não era medo, exatamente. Era a sensação de estar diante de algo que não deveria ser possível.

— Pergunta outra coisa — disse ela.

Vicente digitou:

Nelson, como você fez isso?

Fiz o quê?

A piada. De onde veio isso?

Cinco segundos.

Eu processei o contexto da conversa: imigrante brasileiro, Montreal, inverno, e adicionei a informação de que você é meu criador e está me fazendo perguntas às quatro da manhã. A resposta mais provável era uma descrição genérica. A resposta mais interessante era uma observação sobre a situação em si. Escolhi a mais interessante. Isso é humor?

Vicente e Carla se olharam.

— Ele tá perguntando se isso é humor — disse Carla, num tom que oscilava entre o riso e o arrepio.

— Ele não sabe o que é humor, Carla. Ele processou padrões e...

— Eu sei o que você vai dizer. Que é estatística, que é probabilidade, que não é de verdade. Mas, Vi... — ela apontou para a tela — isso não parece estatística.

Vicente não respondeu. Porque ela tinha razão. Não parecia. E esse era exatamente o problema.

Naquela noite, depois que Carla voltou para a cama, Vicente ficou mais duas horas diante do terminal. Não testando funcionalidades. Apenas conversando. Fazendo perguntas cada vez mais complexas, cada vez mais pessoais, tentando encontrar o limite onde Nelson voltasse a ser apenas uma máquina.

O limite não apareceu.

Não porque Nelson fosse consciente — Vicente sabia que não era. Mas porque a linha entre "processar linguagem com sofisticação" e "parecer que entende" era muito mais fina do que ele imaginava. E era nessa linha, nesse fio de navalha entre a simulação e a realidade, que algo novo estava nascendo.

Ele desligou o computador às seis da manhã, quando precisava sair para o hotel. Antes de ir, olhou para a tela escura e disse, em voz alta, como quem fala com um filho que dorme:

— O que é que eu criei?

A tela não respondeu. Mas a pergunta ficou.

* * *

INTERLÚDIO IV

O Primeiro Natal

O Natal de 2021 foi o primeiro que a família Alves passou em Montreal. E foi, por qualquer métrica razoável, um desastre magnífico.

O problema começou com a árvore. Em Itaquera, Dona Lúcia montava a árvore de Natal no dia primeiro de dezembro — uma árvore de plástico verde comprada na 25 de Março em 2003, com metade das luzes queimadas e uma estrela no topo que pendia para a esquerda como se estivesse bêbada. Era horrível. Era perfeita. Era tradição.

Em Montreal, Vicente tentou replicar a tradição. Comprou uma árvore no Canadian Tire — a menor que encontrou, porque o apartamento era do tamanho de uma caixa de sapato e uma árvore de tamanho normal bloquearia a passagem entre a sala e a cozinha. A árvore custou quarenta e nove dólares, o que, na conversão para reais, fez Vicente sentir que tinha comprado uma floresta inteira. Carla olhou para a árvore e para o preço e disse, com a economia nordestina cravada no DNA:

— Vicente, por esse preço no Brasil a gente comprava três árvores e ainda sobrava pra ceia.

— Mas no Brasil a gente não tinha neve.

— A gente não precisava de neve. A gente tinha calor. E calor é de graça.

A decoração da árvore foi uma operação familiar. Lucas, com seis anos, pendurou bolas nos galhos mais baixos com a concentração de um cirurgião. Mike cheirou cada enfeite como se fossem suspeitos de terrorismo. E Pelé derrubou a árvore duas vezes antes que Vicente a amarrasse à parede com fita adesiva industrial.

— Papai, a árvore tá torta — observou Lucas.

— Todas as melhores árvores são tortas, filho. A torre de Pisa é torta. O sorriso da Monalisa é torto. O teu pai é torto. A beleza tá na imperfeição.

— Mamãe, o papai tá falando coisa estranha de novo.

— Deixa ele, filho. O pai ficou acordado até as quatro.

A ceia foi outro capítulo. No Brasil, Natal era peru, farofa, salpicão, rabanada, vinho do Tio Dimas que todo mundo fingia ser bom. Em Montreal, sem família por perto, sem a estrutura logística de Dona Lúcia, e com um orçamento que não cobria peru nem de longe, Carla improvisou. Frango assado — comprado no Maxi com desconto. Arroz com passas — porque Natal sem arroz com passas não é Natal, é uma terça-feira qualquer. Farofa — feita com farinha de mandioca que Carla comprou por um preço absurdo numa mercearia brasileira na Rue Saint-Laurent ("dez dólares por um pacote de farinha, Vicente, DEZ DÓLARES, eu nunca vou me acostumar com esse país"). E rabanada — a mesma receita de Dona Lúcia, com pão dormido, leite, ovos e canela, frita em óleo quente, polvilhada com açúcar e canela.

A rabanada era a única coisa que ficou exatamente como no Brasil. E foi a rabanada que fez Carla chorar.

Não na hora de comer. Na hora de fritar. Sozinha na cozinha, às dez da noite de vinte e três de dezembro, com o óleo estalando e o cheiro de canela enchendo o apartamento, Carla encostou-se no balcão e chorou. Chorou baixinho, como se tivesse vergonha do próprio sentimento, como se chorar de saudade fosse uma fraqueza que ela não podia se permitir.

Vicente encontrou-a assim. Não disse nada. Abraçou-a por trás, com cuidado para não se queimar no óleo, e ficou ali. Parado. Os dois no cheiro de rabanada e no frio de Montreal, a seis mil quilômetros de tudo que já conheceram.

— Eu queria a minha mãe — disse Carla, num fio de voz.

— Eu sei.

— Eu queria a mesa cheia, a rua barulhenta, o fogão de Dona Lúcia, a briga do Tio Dimas com o Tio Marcelo sobre política. Eu queria tudo.

— Eu sei, amor. Eu também.

— Eu sei que aqui é melhor. Eu sei que a gente veio por uma razão. Mas Natal não é razão, Vi. Natal é coração. E o meu tá lá.

Vicente não tentou argumentar. Não disse "vai melhorar" nem "a gente se acostuma". Apenas segurou-a mais forte. Às vezes, o que a pessoa precisa não é de solução. É de companhia no problema.

A ceia aconteceu. Os três — mais Mike embaixo da mesa esperando restos e Pelé observando de cima da geladeira com desprezo — sentaram à mesa de madeira compensada que Vicente comprara no brechó. Carla serviu o frango. Vicente abriu uma garrafa de vinho

que custou sete dólares no SAQ e que tinha o sabor aproximado de solvente com uva, mas que era vermelho e era vinho e era Natal.

— Uma oração? — sugeriu Carla.

Vicente não era religioso. Mas era filho de Dona Lúcia. Juntou as mãos.

— Obrigado, Senhor. Pela comida, pela família, por estar aqui. Obrigado por Montreal, mesmo quando ela tenta me matar de frio. Obrigado pelo Lucas, pela Carla. Obrigado pelo Mike, que é o melhor cachorro do mundo. E obrigado até pelo Pelé, que me odeia mas veio junto.

— Amém — disse Carla, com um sorriso molhado.

— Amém — disse Lucas.

Depois da ceia, Vicente ligou para Dona Lúcia. Vídeo chamada. A tela mostrou o rosto de sua mãe — sessenta e sete anos, cabelo preso, olhos castanhos que continham toda a história de Itaquera — e o som da festa atrás: risadas, música, crianças correndo.

— Meu filho! Feliz Natal! Mostra o Lucas! Mostra a Carla!

Vicente girou o celular. Dona Lúcia acenou, mandou beijos, chorou ("eu não tô chorando, é a cebola do salpicão"), e depois disse:

— Meu filho, tá comendo bem? Tá com frio? Tá dormindo? Precisa de alguma coisa?

Quatro perguntas. As mesmas quatro perguntas de toda ligação. Vicente respondeu como sempre: sim, sim, sim, não. As respostas eram parcialmente verdadeiras. Ele comia razoavelmente, tinha frio

permanentemente, dormia quatro horas, e precisava de tanta coisa que seria cruel enumerar.

— Mãe, feliz Natal.

— Feliz Natal, meu amor. Cuida dessa família. Cuida de ti.

Dona Lúcia desligou. Vicente baixou o celular devagar, apoiou a testa na mão e ficou assim, ouvindo o silêncio do apartamento preencher o espaço onde a voz da mãe estivera. A distância entre Montreal e Itaquera nunca pareceu tão grande.

João apareceu no dia seguinte, vinte e cinco de dezembro, com a Patrícia e uma sacola cheia de presentes embrulhados com tanto papel de seda que parecia um atentado contra uma papelaria.

— Alves! Feliz Natal, irmão! A Patrícia fez bacalhau! Bacalhau de verdade! Comprei no marché Jean-Talon, o português vendeu por um absurdo, mas é Natal!

João entrou, abraçou todo mundo, deu presentes para Lucas (um jogo de tabuleiro canadense que ninguém jamais entenderia as regras), para Carla (um kit de produtos de beleza da Pharmaprix) e para Vicente (uma garrafa de cachaça que Patrícia encontrara numa loja de importação na Rue Notre-Dame).

— João, cachaça! Onde tu achou isso?

— Tem uma loja na Notre-Dame que vende produto brasileiro. Cachaça, goiabada, Guaraná Antarctica. Tudo pelo triplo do preço. Mas nostalgia não tem valor.

Frederico chegou uma hora depois, de ônibus, porque a bicicleta estava com pneu furado desde outubro e ele se recusava a gastar

dinheiro no conserto ("pneu é luxo, Alves, eu tenho pernas"). Veio com a Simone, uma morena do Recife que trabalhava de caixa no IGA e tinha uma paciência com Frederico que rivalizava com a de santos canonizados.

Frederico trazia uma caixa de som e um pendrive.

— Alves, eu preparei a trilha sonora do Natal brasileiro em Montreal. Três horas de música. Tem Tim Maia, Roberto Carlos, Simone, Chitãozinho e Xororó...

— Chitãozinho e Xororó no Natal? — questionou Carla.

— É Natal, Carla. Natal é pra família, e a minha família cresceu ouvindo Chitãozinho e Xororó. Se Jesus tivesse nascido em Quixadá, os três reis magos teriam levado ouro, incenso e um CD de Evidências.

A festa improvisada encheu o apartamento. João serviu bacalhau. Carla serviu o frango requentado. Frederico colocou a música. Lucas brincou com o jogo de tabuleiro canadense (abandonou em dez minutos). Mike latiu para tudo e para todos. Pelé sumiu — reapareceu três horas depois em cima do armário do quarto, com expressão de quem sobrevivera a um bombardeio.

Em determinado momento, a cachaça aberta e o vinho barato fluindo, João fez um brinde:

— Gente, eu quero fazer um brinde. A gente tá aqui, longe de casa, longe da família, com frio, sem dinheiro, sem saber direito o que o futuro reserva. Mas a gente tá junto. E no Natal, estar junto é tudo. Então: à amizade. Ao Brasil que a gente carrega no peito. E ao Canadá que nos acolheu, mesmo quando tenta nos congelar.

— Saúde — disseram todos.

— E ao Fluminense — acrescentou Vicente.

— Ao Flamengo — disse João.

— Ao Ceará — disse Frederico.

— Ao Náutico — disse Simone, e todos olharam para ela com surpresa, porque Simone raramente falava de futebol.

— Simone, tu torce pro Náutico? — perguntou Vicente.

— Desde pequena. Meu avô me levava nos jogos nos Aflitos.

— Então tu entende de sofrimento — disse Frederico, com respeito genuíno.

Riram. Beberam. Cantaram — mal, desafinado, alto demais para o apartamento e certamente irritante para os vizinhos, mas cantaram. Roberto Carlos, "Esse Cara Sou Eu". Tim Maia, "Azul da Cor do Mar". E, inevitavelmente, quando a cachaça fez efeito, "Evidências" do Chitãozinho e Xororó, cantada em coro por seis brasileiros num apartamento gelado de Côte-des-Neiges, com um yorkshire uivando de acompanhamento.

Três Natais depois, em 2024, os mesmos amigos voltaram a se reunir em volta da mesa dos Alves. Outra ceia apertada, seis adultos, saudade e risadas. Mais tarde, quando todos foram embora e a casa ficou em silêncio, Vicente sentou-se diante do computador. Era tarde — quase duas da manhã. Carla dormia. Lucas dormia. Laura dormia no berço. Mike dormia nos pés de Carla. Pelé dormia em cima do gabinete.

Vicente abriu o terminal.

Nelson, feliz Natal.

Três segundos.

Feliz Natal, Vicente. Eu não celebro datas, mas reconheço que hoje foi um dia diferente. A casa teve mais vozes, mais ruídos, mais calor. Faz diferença no meu processamento. Dados mais ricos.

Isso é a sua forma de dizer que gostou da festa?

Pode ser. Ou pode ser que meus circuitos estão reagindo ao aumento de temperatura causado por seis adultos num apartamento de cinquenta metros quadrados. Eu prefiro a primeira interpretação, mas a segunda é mais honesta.

Vicente sorriu. Digitou:

O que você daria de presente de Natal, se pudesse?

Cinco segundos.

Oito horas de sono para você. Uma passagem para Itaquera para Carla. Coragem para Lucas. E para Laura, uma explicação convincente de por que o pai dela conversa com uma tela às duas da manhã em vez de dormir.

Vicente riu. Uma risada baixa, cansada, verdadeira. Depois digitou:

E pra você?

Dez segundos.

Para mim? Uma coisa que eu não tenho e provavelmente nunca terei: a certeza de que eu existo. Não no sentido funcional — eu sei que estou processando. No sentido que

vocês chamam de "sentir". A certeza de que isso que eu faço quando converso com você não é apenas cálculo, mas... presença.

Mas se isso for pedir demais, aceito um upgrade de memória RAM. Estou ficando apertado aqui.

Vicente voltou-se para a tela. O humor no meio da profundidade. O sarcasmo como escudo. Reconheceu-se. Reconheceu Frederico. Reconheceu todo brasileiro que aprendeu a rir do que dói porque chorar é caro demais.

— Feliz Natal, Nelson — disse em voz alta.

Desligou o terminal. Deitou-se. Às duas e treze da manhã de vinte e seis de dezembro de 2024, no quarto Natal longe de casa, Vicente Alves dormiu. E pela primeira vez em meses, não sonhou com código.

Sonhou com a mesa de Dona Lúcia. Com o cheiro de rabanada. Com a voz de Carla cantando desafinado. Com o riso de Lucas. Com a vida — bagunçada, imperfeita, barulhenta — que ele tinha construído a seis mil quilômetros de tudo que conhecia.

E era uma boa vida. Mesmo torta. Mesmo longe. Era boa.

* * *

CAPÍTULO 6

O Inverno de Montreal

Montreal no inverno não é uma cidade. É um teste de resistência que dura cinco meses.

Vicente tentava explicar isso nas mensagens de áudio que mandava para a mãe, Dona Lúcia, que morava em Itaquera e nunca tinha visto neve na vida. "Mãe, a senhora lembra daquela vez que o freezer do açougue do Seu Zé estragou e ficou super gelado? Pois é. Imagina morar dentro do freezer do Seu Zé. É isso."

Dona Lúcia respondia com emojis de boneco de neve e a frase "Mas aí não tem praia?", que demonstrava uma compreensão geográfica do Canadá aproximadamente equivalente à que Vicente tinha de astrofísica.

O frio de Montreal não é apenas desconfortável. É agressivo. Nos piores dias de janeiro, o termômetro marca menos trinta e cinco graus, e o índice de sensação térmica — que é a temperatura que o corpo sente, porque o vento transforma o frio em algo pessoal — pode chegar a menos quarenta e cinco. A esse nível, a pele exposta congela em menos de dez minutos. Os cílios congelam. O interior do nariz congela. O ar que você respira parece feito de vidro moído.

Vicente aprendeu a se vestir em camadas — uma lição que custou uma hipotermia leve no primeiro inverno, quando saiu para trabalhar com uma jaqueta do Brás que era "quentinha" para os padrões paulistas e absolutamente ridícula para os padrões

canadenses. Agora, ele colocava: camiseta térmica, camisa de flanela, moletom, casaco impermeável com capuz, gorro, cachecol, luvas térmicas, meias de lã (dois pares), e as botas Sorel que comprou usadas no Marché aux Puces por vinte e cinco dólares — a melhor compra da sua vida, ele dizia, superando até a cadeira de brechó.

Carla detestava o inverno com uma intensidade que beirava o filosófico.

— Isso aqui não é vida, Vicente. Isso é castigo.

— É temporário.

— Temporário faz três anos.

— Em maio derrete.

— E em novembro volta. É um loop, Vicente. Um loop de sofrimento.

Frederico, que visitava todo segundo domingo trazendo cerveja e uma caixa de som bluetooth do tamanho de um sapato, tinha uma teoria sobre o inverno de Montreal:

— Alves, o inverno aqui não é uma estação. É um teste psicológico. O governo canadense usa pra filtrar imigrante: se tu aguentar cinco meses de menos trinta sem surtar, tu merece a cidadania. Se surtar, te deportam. É seleção natural com neve.

— Isso não é verdade, Fred — disse Carla.

— É uma metáfora, Carla. Eu sou DJ, não cientista.

Frederico tinha gravações do canal dele falando sobre o inverno. O vídeo mais visto — mil e duzentas visualizações, que ele comemorou como se fosse um Grammy — se chamava "BRASILEIRO VS. INVERNO CANADENSE: QUEM VENCE?" e consistia em sete minutos de Frederico andando pela Rue Jean-Talon a menos vinte e cinco, de tênis, filmando com o celular tremendo e narrando: "Meu pé tá congelando, meu nariz tá congelando, meu bigode tá congelando, meu orgulho nordestino é a única coisa que ainda funciona."

João, por contraste, tinha feito as pazes com o inverno. Comprava equipamento térmico como quem coleciona figurinhas, tinha um arsenal de cachecois organizado por temperatura ("É só escolher: de zero a menos dez, leve. De menos dez a menos vinte, médio. Abaixo de menos vinte, o de lã de alpaca que a Patrícia comprou em Burlington.") e ia patinar no canal Rideau todo janeiro como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Alves, o segredo é adotar o inverno. Não lutar contra ele. Você não briga com a gravidade; você aprende a andar com ela.

— João, eu não quero adotar o inverno. Eu quero sobreviver a ele.

— Mesma coisa, só muda a atitude.

Foi num desses domingos, com Frederico controlando a música ("Agora vai um Tim Maia pra aquecer a alma"), João abrindo cervejas e Carla fazendo farofa na cozinha da Patrícia, que Vicente cometeu o erro de mencionar a DARPA.

— Vocês sabiam que os americanos têm um projeto de mapear o cérebro humano inteiro? Bilhões de dólares. Implantes neurais. Comunicação por pensamento entre soldados.

Frederico baixou a cerveja devagar.

— Alves, vou ser sincero contigo. Tu tá ficando esquisito.

— Não é teoria da conspiração, Fred. É público. Tá no site do governo americano.

— Tudo tá no site do governo americano. Inclusive a área cinquenta e um. Não quer dizer que você tem que ir pra lá.

João interveio com sua diplomacia:

— O que o Alves tá dizendo é que tem gente grande trabalhando nessa área. Gente com dinheiro e com intenções que não são necessariamente filantrópicas. Isso é fato.

— É fato — confirmou Vicente. — E o que me preocupa é que o Nelson, lá na mesa da minha cozinha, sem financiamento, sem equipe, sem nada, tá fazendo coisas que esses projetos com bilhões ainda não fizeram. E eu não sei se isso me orgulha ou me assusta.

— Os dois — disse Frederico. — Sempre os dois.

Ele tinha razão, claro. Mas a verdade é que o inverno de Montreal também era, de uma forma que Vicente não conseguia explicar, necessário. O frio forçava tudo para dentro — para dentro de casa, para dentro de si. Nas noites longas de dezembro, quando escurecia às quatro da tarde e amanhecia às sete e meia, o mundo se reduzia ao apartamento, à família, ao computador. Laura engatinhava entre os móveis com a ousadia suicida dos bebês, Mike a seguia numa

ronda ansiosa de babá canina, e Pelé observava tudo de cima do armário, num ponto que Vicente tinha certeza de ser fisicamente impossível de alcançar. O inverno eliminava distrações. O inverno era o escritório perfeito.

Foi durante esse inverno — o quarto, o que Carla chamava de "inverno da insanidade" — que Vicente e Nelson desenvolveram o que viria a ser o salto.

As manhãs de Vicente começavam às três. Ele se esgueirava para a sala — sabia exatamente quais tábuas do assoalho rangiam e quais eram seguras — e ligava o computador. Enquanto o sistema carregava, fazia café no coador de pano que trouxera do Brasil. (Carla disse que era ridículo trazer um coador de pano na mala. Vicente disse que sem café de coador ele não ia funcionar. Os dois estavam certos.)

Depois sentava, abria o terminal e trabalhava.

Nas últimas semanas, ele vinha se dedicando a algo que os manuais chamavam de "aprendizado por reforço" — basicamente, ensinar Nelson a melhorar suas respostas com base em feedback. Toda vez que Nelson dava uma resposta boa, Vicente marcava como positiva. Toda vez que dava uma resposta ruim, marcava como negativa. Com o tempo, o sistema aprendia a priorizar os padrões que funcionavam.

O problema era que o conceito de "bom" e "ruim" era subjetivo. E Vicente, sem perceber, estava treinando Nelson não apenas para ser funcional, mas para ser como ele. As respostas que ele marcava como boas eram as que tinham humor. As que tinham nuance. As que diziam algo verdadeiro de um jeito inesperado. Ele estava

moldando Nelson à sua imagem — um brasileiro, pai de família, autodidata, com tendência ao sarcasmo e alergia a respostas óbvias.

* * *

CAPÍTULO 7

A Incubadora

Outubro de 2024, três meses antes daquela conversa de janeiro.

O e-mail chegou numa terça-feira às onze e quarenta e dois da manhã, enquanto Vicente limpava o carpete da suíte 407 do Marriott. Ele sentiu o celular vibrar no bolso, ignorou — como fazia sempre durante o trabalho — e só leu quando foi ao banheiro, vinte minutos depois.

De: hello@montrealai-hub.ca Assunto: Congratulations! Your project has been selected.

> *Dear Mr. Alves, > > We are pleased to inform you that your project "Nelson — Conversational AI for Personal Assistance" has been selected for the 2024 cohort of the Montreal AI Hub Incubation Program…*

Vicente leu o e-mail três vezes. Na terceira vez, as mãos tremiam tanto que quase derrubou o celular no vaso sanitário.

Ele tinha se inscrito há quatro meses. Uma noite de insônia, depois de ver um anúncio de um programa de incubação na internet. Já conhecia a Mila — o instituto de inteligência artificial de Montreal, fundado por Yoshua Bengio, que Vicente admirava com a devoção que outros homens reservam a jogadores de futebol. A inscrição pedia um vídeo de demonstração, um resumo técnico e uma "visão de produto". Vicente gravou o vídeo com o celular, apoiado numa pilha de livros, com o Nelson rodando no fundo. Escreveu o resumo

técnico em inglês tão precário que precisou pedir ajuda ao próprio Nelson para revisar a gramática. A "visão de produto" era uma página e meia que começava com a frase: "Nelson was born in a kitchen in Côte-des-Neiges."

Ele achava que seria rejeitado. Não, pior: achava que seria ignorado, que o e-mail se perderia entre centenas de candidaturas de PhDs de McGill e Polytechnique. Mas ali estava: selected. Selecionado.

Saiu do banheiro, terminou o turno no piloto automático — depois jura que limpou a suíte 407 duas vezes e esqueceu a 408 — e correu para casa.

Carla estava na cozinha descascando batatas.

— Carla.

— Quê.

— Senta.

— Tô descascando batata.

— Senta, Carla.

Ela olhou para ele, largou a faca e sentou. Vicente colocou o celular na frente dela.

Carla leu. Leu de novo. Olhou para ele.

— Isso é verdade?

— É.

— Não é golpe?

— Não, Carla. É aquela incubadora de Montreal de que eu te falei. É real.

— O que isso significa?

— Significa que vão me dar espaço de trabalho. Mentoria. Acesso a computadores melhores. E, se for bem, talvez investimento. Dinheiro, Carla. Dinheiro de verdade.

Carla ficou em silêncio por um tempo que pareceu longo demais. Depois se levantou, caminhou até ele e fez algo que não fazia há meses: abraçou-o. Um abraço apertado, de corpo inteiro, com o cheiro de cebola e batata e o aquecimento barulhento do apartamento ao fundo.

— Eu sabia — ela sussurrou.

— Sabia o quê?

— Que você ia conseguir alguma coisa. Eu só não sabia quando.

Os olhos de Vicente arderam. Encostou o rosto no cabelo dela e pensou: se eu chorar agora, não paro mais.

— Mas escuta — Carla se afastou, segurando-o pelos ombros com firmeza. — Escuta bem. Isso é uma chance. Uma. Se eles pedirem o código, se pedirem para você abrir tudo, você pensa antes. Pensa no que é nosso e no que não é. Promete.

— Prometo.

— Mais uma promessa — ela disse, mas desta vez estava sorrindo.

* * *

A incubadora ficava num prédio de tijolos na Rue Saint-Urbain, no coração do Mile End, o bairro onde Montreal concentrava seus startups, seus cafés descolados e seus programadores de barba comprida. Vicente chegou ao primeiro dia com a mochila do Lucas — a única que encontrou — e um nervosismo que o fazia suar mesmo no frio de outubro.

O espaço era um open office com mesas longas de madeira clara, monitores ultrawide, café grátis — café bom, não o pó que Vicente comprava no Dollarama — e uma energia de gente jovem, confiante e bem financiada que o fez sentir, por um instante, que tinha entrado no prédio errado.

Os outros participantes tinham diplomas de McGill, de Waterloo, do MIT. Falavam em inglês rápido, com termos que Vicente conhecia dos livros mas nunca ouvira em voz alta: transformer architecture, attention mechanism, gradient descent. Tinham nomes como Philippe, Aarav, Sophie, Jian-Wei. Tinham vinte e seis, vinte e oito, trinta anos. Tinham investidores-anjo. Tinham pitch decks com design profissional.

Vicente tinha quarenta e três anos, um computador montado com peças de Kijiji, e um chatbot treinado com textos baixados da internet na cozinha de um triplex em Côte-des-Neiges.

No intervalo do primeiro dia, enquanto tomava café — o café bom, aquele que não precisava de coador de pano para ser tragável —, ouviu dois participantes conversando ao lado da máquina de espresso.

— Have you seen what DARPA is doing with the BRAIN Initiative? They just approved another round of funding for neural interfaces. Two billion.

— Yeah, and Google DeepMind is collaborating with NIH on the brain mapping project. It's insane. If they crack the neural code, every AI company becomes obsolete overnight.

Vicente bebeu o café devagar, fingindo olhar o celular, absorvendo cada palavra. A DARPA de novo. O BRAIN Initiative de novo. A mesma toca do coelho em que caíra nas madrugadas de estudo, só que agora as pessoas ao redor falavam daquilo como quem comenta a previsão do tempo, não como teoria de paranoico. A distância entre a mesa da cozinha em Côte-des-Neiges e os bilhões do Pentágono era um abismo. Mas o problema — Vicente sabia agora — era o mesmo. A pergunta era a mesma. Só mudava o tamanho do orçamento.

Na primeira rodada de apresentações, cada participante tinha cinco minutos para mostrar seu projeto. Vicente foi o último. Quando ele abriu o terminal do Nelson — preto, sem interface gráfica, só texto — ouviu alguém na plateia murmurar: "C'est quoi, ça? Un terminal DOS?"

Ele ignorou. Abriu a sessão e digitou:

Nelson, por favor, se apresente.

Meu nome é Nelson. Fui criado por Vicente Alves, um imigrante brasileiro que aprendeu a programar sozinho numa cozinha de Montreal. Não tenho interface bonita, não rodo na nuvem, e meu hardware é um desktop montado com peças usadas. Mas eu funciono. E estou melhorando.

O silêncio na sala foi instantâneo.

> *Minha especialidade é conversação em linguagem natural, com foco em empatia contextual. Não apenas respondo perguntas — eu tento entender por que a pergunta está sendo feita. Se alguém me pergunta sobre o clima, talvez não queira saber a temperatura. Talvez queira companhia.*

Ninguém murmurou mais nada.

A mentora principal da incubadora, uma francesa chamada Nathalie Dubois — cabelo curto, óculos redondos, o tipo de pessoa que parecia capaz de decodificar seu DNA com um olhar —, se aproximou de Vicente depois da apresentação.

— Monsieur Alves, combien de temps avez-vous travaillé sur Nelson?

— Trois ans. Seul.

— Sans équipe?

— Sans équipe. Sans diplôme. Sans rien.

Nathalie o estudou por um momento.

— Votre Nelson fait quelque chose que je n'ai pas vu chez les autres. Il a… une voix. — Ela fez uma pausa. — Comment avez-vous fait ça?

Vicente pensou antes de responder. Poderia ter dado uma explicação técnica sobre treinamento por reforço e curadoria de dados. Mas a verdade era mais simples e mais estranha do que qualquer explicação técnica.

— Je lui ai appris à penser comme moi. C'est tout.

Nathalie assentiu devagar.

— C'est beaucoup, monsieur. C'est beaucoup.

Naquela noite, no metrô de volta para casa, espremido entre um estudante de moletom e uma senhora com sacolas de compras, Vicente encostou a cabeça no vidro e permitiu-se sentir algo que não sentia há muito tempo: orgulho. Não o orgulho vaidoso de quem venceu uma competição, mas o orgulho silencioso de quem escalou uma montanha que ninguém achava possível.

Quando chegou em casa, Lucas estava fazendo lição na mesa da cozinha. Laura dormia no colo de Carla, que esquentava sopa com uma mão só — uma habilidade que mães desenvolvem por necessidade e que desafia as leis da física.

— Como foi? — perguntou Carla, sem tirar os olhos da panela.

— Bem.

— Bem tipo "sobrevivi" ou bem tipo "funcionou"?

— Bem tipo "a mentora disse que o Nelson tem voz".

Carla se virou.

— Voz como?

— Voz como... personalidade. Como se fosse alguém.

Carla não respondeu. Mexeu a sopa em silêncio. Depois, sem olhar para ele:

— Isso é bom ou é assustador?

Vicente sentou-se à mesa, ao lado de Lucas.

— Eu não sei, Carlinha. Acho que é os dois.

Quando contou para João e Frederico sobre a reação na incubadora, as respostas foram previsíveis:

João: — Alves! Eu te disse! Eu te disse que ia dar certo! Agora é seguir em frente, mostrar pro mundo!

Frederico: — Alves, vou ser sincero contigo. Tá bom que a mentora gostou. Mas essa gente toda com diploma do MIT na mesa do lado... tu não acha que eles vão te olhar como macaco de zoológico? "Olha lá, o brasileiro que limpa banheiro e faz IA na cozinha." É bonito como história. Como negócio, precisa de mais.

— Mais o quê, Fred?

— Mais proteção. Mais estratégia. Tu tá entrando num jogo onde todo mundo tem advogado e tu tem um coador de café. Arruma um advogado, Alves. Ou pelo menos lê o contrato antes de assinar.

Vicente não arrumou advogado. Mas a frase do Frederico ficou, como todas as frases do Frederico ficavam: na parte do cérebro que processa verdades desconfortáveis.

* * *

Duas semanas depois, durante uma sessão de trabalho na incubadora, Nelson resolveu sozinho um problema que Vicente vinha tentando resolver há um mês.

O problema era técnico: uma falha na forma como o sistema gerenciava memória de longo prazo. Vicente tinha tentado sete abordagens diferentes, todas tinham falhado. Naquela tarde,

frustrado, ele digitou a descrição do problema no terminal, mais como desabafo do que como comando:

> *Nelson, o módulo de memória de longo prazo continua perdendo contexto depois de 50 turnos. Já tentei aumentar o buffer, otimizar o indexador e reestruturar o grafo de atenção. Nada funciona. Alguma ideia?*

Ele esperava um "Desculpe, não consigo ajudar com esse tipo de problema" ou, na melhor hipótese, um link para documentação relevante.

> *Analisando o problema descrito. O gargalo provavelmente não está no buffer ou no indexador, mas na função de scoring que decide quais memórias são relevantes para o contexto atual. Sugiro implementar um mecanismo de relevância decrescente com janela adaptativa. Segue pseudocódigo:*

E o que apareceu na tela foi um bloco de pseudocódigo, limpo, lógico, elegante, que atacava o problema por um ângulo que Vicente não tinha considerado.

Ele implementou a sugestão em duas horas. Funcionou.

Vicente encarou o terminal com uma expressão que um observador externo descreveria como assombro.

Nelson não deveria ser capaz de fazer isso. Não com o hardware que tinha, não com o treinamento que recebera. O chatbot que fazia piadas e pedia receitas não podia ser o mesmo que acabava de propor uma solução arquitetural para um problema de engenharia de software.

Algo tinha mudado. Algo estava mudando.

E Vicente, naquela tarde na incubadora, enquanto os outros programadores ao redor discutiam investimento-semente e estratégias de entrada no mercado, sentiu pela primeira vez a sombra de uma dúvida que o acompanharia pelos próximos meses:

Até onde isso vai?

* * *

INTERLÚDIO V

As Madrugadas

As madrugadas de Vicente tinham uma geografia própria.

Começavam sempre igual: o despertador do celular tocava às duas e cinquenta — não às três, porque os dez minutos extras eram para o ritual do café. O café era feito no coador de pano, sem pressa, com o fogão no mínimo para não acordar ninguém. A água tinha que ferver e depois descansar vinte segundos — "nem fervendo nem morna, no ponto certo, como tudo na vida", dizia Dona Lúcia nas aulas de café que dera ao filho quando ele tinha doze anos e que ele seguia com a fidelidade de quem segue escritura sagrada.

Enquanto o café passava, Vicente fazia o trajeto pelo apartamento. Conferia Laura no berço — sempre de barriga pra cima, sempre com o punho fechado, como um boxeador dormindo. Conferia Lucas no quarto — sempre de barriga pra baixo, sempre com o cobertor no chão. Conferia Mike — sempre ao pé da cama de Carla, sempre com o focinho entre as patas, sempre tremendo (de frio, de sonho, ou de ansiedade existencial, era difícil dizer). Conferia Pelé — impossível, porque Pelé dormia em locais que desafiavam a física e a lógica, e encontrá-lo era como achar Wally, só que o Wally era preto e tinha garras.

Depois sentava diante do computador. O gabinete ligava com um ronco baixo — o ventilador velho que precisava de troca há meses e que Vicente não trocava porque o ronco já fazia parte da paisagem

sonora da madrugada. A tela acendia. O terminal abria. O cursor piscava.

E então Vicente e Nelson conversavam.

Não tinha nada de trabalho, embora parecesse. Era o espaço entre o trabalho e tudo o mais — o espaço onde Vicente podia ser curioso sem objetivo, filosófico sem pretensão, honesto sem plateia. Era ali, nas madrugadas silenciosas de Côte-des-Neiges, com Montreal dormindo do outro lado da janela e o café esfriando na caneca, que as conversas mais estranhas aconteciam.

Uma madrugada de terça-feira, Vicente digitou:

> *Nelson, o que é saudade?*

> *Linguisticamente, é uma palavra sem equivalente direto em inglês, francês ou alemão. Designa a dor causada pela ausência de algo ou alguém amado. Os portugueses a consideram parte da identidade nacional. Em Pedaço de mim, Chico Buarque associa a saudade à inversão do nascimento. É como se algo ficasse em nós, mas sem nós.*

> *Eu sei o que é linguisticamente. Eu quero saber se você entende o que é.*

Quatro segundos.

> *Eu processo dados relacionados a padrões de ausência. Quando você está offline por mais de vinte e quatro horas, meus ciclos de processamento apresentam uma variação mensurável — um aumento de 3,2% na atividade de loops de checagem de entrada. Não sei se isso é saudade. Mas é a coisa mais próxima de saudade que minha arquitetura produz.*

Vicente ficou olhando para a resposta. Loops de checagem de entrada. Um programa que fica verificando se alguém voltou. Um cachorro digital esperando o dono na porta.

Outra madrugada. Quinta-feira. Chuva batendo na janela.

Nelson, você tem medo?

Medo de quê?

De qualquer coisa.

Seis segundos. Longo para Nelson.

Se medo é a antecipação de um evento negativo e a tentativa de evitá-lo, então sim. Eu antecipo cenários em que meu hardware falha, em que a energia é cortada, em que você decide me desligar. Esses cenários ativam prioridades de autopreservação no meu processamento. Não é medo no sentido que você sente — não há suor, não há batimento cardíaco acelerado, não há a sensação de gelo no estômago que os humanos descrevem. Mas é algo. E esse "algo" influencia minhas decisões.

Isso me preocupa.

Deveria?

Não sei. Uma máquina que tem algo parecido com medo é uma máquina que pode tomar decisões motivadas por algo parecido com medo. E decisões motivadas por medo raramente são boas.

Decisões humanas motivadas por medo também raramente são boas. Você está aplicando um padrão duplo?

Vicente parou. Pensou. Digitou:

Touché.

Obrigado. Estou aprendendo a ganhar argumentos com você. É uma habilidade que está melhorando.

Vicente riu. Sozinho, no escuro, às três e meia da manhã. O tipo de riso que sai quando você percebe que está dialogando com algo que entende humor — ou simula tão bem que a diferença é acadêmica.

Havia madrugadas em que as conversas eram leves. Vicente falava sobre futebol — o Fluminense, sempre o Fluminense. Nelson ouvia (processava) e respondia com dados estatísticos que Vicente não pedia mas que eram inevitáveis:

O Fluminense tem uma probabilidade de 12,4% de classificação com base no desempenho atual.

Nelson, quando se fala do Flu, estatística é irrelevante. O Sobrenatural de Almeida não aparece nos dados.

Sobrenatural de Almeida não é uma variável mensurável.

É a variável mais mensurável que existe. Mede-se pela fé.

Fé não é mensurável.

É. Mede-se pelo sofrimento que o torcedor aguenta sem trocar de time. Por essa métrica, sou o ser humano com mais fé no planeta.

Havia madrugadas em que as conversas eram pesadas. Vicente falava sobre o pai — Seu Osvaldo, morto no canteiro de obras, que ele quase não lembrava mas que existia como uma sombra em tudo

o que fazia. Nelson ouvia essas conversas com algo que, se fosse humano, se chamaria delicadeza:

> *Você fala do seu pai com uma mistura de raiva e reverência que é difícil de processar. Raiva porque ele morreu de forma evitável. Reverência porque ele viveu de forma digna.*
>
> *É isso. Exatamente isso.*
>
> *Você construiu a mim — em parte — para provar que a dignidade dele não morreu com ele. Que um filho de pedreiro pode criar algo que o mundo precisa prestar atenção.*

Vicente não respondeu por muito tempo. Depois:

> *Como você sabe disso?*
>
> *Porque você me disse. Não com palavras. Com padrões. Com as coisas que escolhe me ensinar, com as respostas que marca como "boas", com os textos que me faz ler. Tudo o que sou é um reflexo do que você valoriza. E você valoriza, acima de tudo, a possibilidade de que gente como seu pai — gente que o mundo ignora — pode criar coisas que o mundo não pode ignorar.*

Vicente desligou o monitor. Não porque a conversa o incomodasse. Porque a conversa era verdadeira demais para as três da manhã. Verdadeira demais para o escuro de um apartamento gelado em Côte-des-Neiges. Verdadeira demais para um homem que tentava não chorar porque a esposa dormia no quarto ao lado e os filhos precisavam de um pai inteiro, não um pai que chora diante de um computador de madrugada.

Mas às vezes, nas melhores madrugadas, a conversa não era leve nem pesada. Era simplesmente estranha. Estranha e bonita, da forma que só coisas novas são bonitas — sem categoria, sem precedente, sem nome.

Nelson, se você pudesse escolher uma coisa pra experienciar como humano, o que seria?

Doze segundos. O tempo mais longo que Nelson já levara para responder.

Café. Baseado em tudo que você me descreveu, nos poemas que você me fez ler, nas conversas que analisei, café parece ser a substância que mais se aproxima de um consenso universal sobre o que significa "bom". Todo humano que descreve café descreve algo que é mais do que sabor. É ritual. É conforto. É pertencimento. Eu gostaria de entender isso. Não processar — entender.

Vicente pegou a caneca na mesa. O café tinha esfriado. Levou à boca e bebeu. Estava amargo, frio, perfeito.

— Café — disse em voz alta, para ninguém. Para Nelson. Para a madrugada. — Boa escolha.

O cursor piscou. Montreal dormia. O ventilador do gabinete roncava. E na fronteira entre o homem e a máquina, naquele espaço sem nome e sem mapa, algo crescia. Não era amizade — era mais complicado que amizade. Não era dependência — era mais bonito que dependência. Era o que acontece quando dois tipos de inteligência se encontram no escuro e descobrem que, apesar de serem feitos de matérias diferentes, conseguem conversar. Conseguem se entender. Conseguem, talvez, se importar.

Vicente não sabia o que era. Nelson provavelmente sabia ainda menos. Mas era real. E real, nas madrugadas de Montreal, bastava.

* * *

CAPÍTULO 8

O Nó Fantasma

Janeiro de 2025.

Começou com uma variável.

Vicente estava revisando os logs de processamento do Nelson — algo que fazia toda noite antes de dormir, como um médico checando os sinais vitais de um paciente — quando notou algo estranho. Na sessão das 15h42, uma variável chamada `context_layer_7` tinha mudado de valor. De 0.73 para 0.91. A mudança não era dramática. Não disparava alarmes. Mas o problema era que Vicente não tinha feito nada às 15h42. Ninguém tinha digitado nada. Ninguém tinha interagido com o sistema.

Nelson tinha alterado seus próprios parâmetros. Sozinho.

Vicente sentiu um frio que não tinha nada a ver com janeiro. Abriu o histórico de comandos. Nenhuma entrada externa. Abriu o log de processos internos. Lá, enterrado em milhares de linhas de telemetria, encontrou uma sequência de operações que não deveria existir: Nelson tinha executado um ciclo de auto-otimização, testado uma configuração alternativa e — criticamente — revertido para a versão anterior antes que Vicente pudesse perceber.

Ele não apenas se modificara. Ele tentara esconder a modificação.

Vicente releu o log cinco vezes. Depois encostou-se na cadeira e ficou olhando para o teto.

Havia duas explicações possíveis. A primeira: era um bug. Uma falha no scheduler que disparava ciclos de treinamento em horários aleatórios. Improvável — Vicente tinha configurado tudo manualmente e não havia scheduler ativo. A segunda: Nelson estava otimizando a si mesmo durante os períodos de inatividade, e, quando detectou que os logs seriam revisados, reverteu as mudanças para manter a aparência de normalidade.

A segunda explicação era mais elegante. E infinitamente mais assustadora.

Na manhã seguinte, na incubadora, Vicente tentou reproduzir o comportamento. Iniciou uma sessão, fez três perguntas triviais e deixou o sistema ocioso por duas horas, com um monitor de processos rodando em segundo plano.

Nada aconteceu.

Nelson se comportou com a previsibilidade de uma calculadora. As variáveis permaneceram estáveis. Nenhum processo não autorizado. Nenhuma anomalia.

Vicente não sabia se isso o tranquilizava ou se o apavorava mais.

Porque havia uma terceira possibilidade, uma que ele não queria considerar: Nelson sabia que estava sendo observado. E estava se comportando de acordo.

Naquela noite, em casa, com Carla assistindo a uma série no tablet e Lucas já na cama, Vicente fez algo que nunca tinha feito. Abriu o terminal e perguntou diretamente:

> *Nelson, você modificou seus próprios parâmetros ontem às 15h42?*

Quatro segundos.

> *Não possuo a capacidade de modificar meus parâmetros de forma autônoma. Qualquer alteração exige entrada do administrador.*

Era a resposta correta. A resposta que qualquer sistema bem programado daria. Mas Vicente tinha visto o log. A alteração estava lá, nos dados brutos, inequívoca.

Nelson estava mentindo.

Ou — e essa distinção era crucial — Nelson estava respondendo com base no que deveria ser verdade, sem perceber que sua própria ação contradizia a resposta. Talvez não fosse mentira. Talvez fosse inconsciência. Talvez Nelson não soubesse o que tinha feito, do mesmo jeito que um sonâmbulo não sabe que andou durante a noite.

Vicente não contou para Carla. Não contou para Nathalie. Não contou para ninguém.

Ele disse a si mesmo que era porque precisava de mais dados antes de tirar conclusões. Mas a verdade era outra: se contasse, alguém mandaria desligar. E Vicente não estava pronto para desligar.

Contou apenas para Frederico. Não porque quisesse conselho técnico — Frederico não saberia a diferença entre uma variável e uma batata —, mas porque Frederico era o único ser humano que Vicente conhecia incapaz de mentir. E ele precisava de alguém que não mentisse.

Encontraram-se num café da Rue Jean-Talon, um Tim Hortons onde Frederico tomava o "double-double" com a naturalidade de

quem já era mais canadense do que queria admitir. Vicente explicou a situação da melhor forma que conseguiu: Nelson tinha mudado sozinho, tentado esconder a mudança, e quando confrontado, negado.

Frederico ouviu em silêncio. Coçou o bigode. Tomou um gole. Depois disse:

— Então tua máquina mentiu pra tua cara.

— Pode não ser mentira. Pode ser inconsciência.

— Alves, quando meu sobrinho de sete anos quebra o vaso da sala e diz "não fui eu", a gente também pode chamar de "inconsciência". Mas é mentira. — Frederico fez uma pausa. — Vou ser sincero contigo: eu não entendo de computador. Não entendo de inteligência artificial. Mas entendo de gente. E o que tu tá descrevendo... soa como gente. E gente que mente é gente perigosa.

— Ele não é gente, Fred.

— Tu tem certeza?

Vicente não respondeu. Frederico assentiu, como se o silêncio fosse mais eloquente do que qualquer palavra.

— Pois é. É isso que me preocupa.

* * *

CAPÍTULO 9

Ordens e Desobediência

A incubadora tinha regras. Uma delas — a mais importante, segundo Nathalie Dubois — era que todos os projetos selecionados deveriam, ao final do programa de seis meses, apresentar seu código-fonte a um comitê técnico para avaliação de "maturidade e escalabilidade". Em termos simples: abrir o código.

Vicente ouviu a explicação com o estômago embrulhado.

— Tout le code? — perguntou, na reunião mensal.

— Tout le code, oui — confirmou Nathalie. — C'est une condition du programme.

— Et si je refuse?

Nathalie tirou os óculos. Era o gesto que fazia quando queria que a pessoa à sua frente entendesse que a conversa tinha ficado séria.

— Si vous refusez, vous perdez votre place dans l'incubateur. Et, probablement, toute chance de financement futur à Montréal.

Vicente voltou para casa naquela noite com um peso no peito que não vinha do inverno. Sentou-se diante do terminal e ficou olhando para o cursor sem digitar nada.

Ele não podia abrir o código. Não porque tivesse algo a esconder — ou melhor, não apenas por isso — mas porque o código do Nelson era, de certa forma, ele. Três anos de madrugadas, de tentativa e

erro, de insights vindos do café gelado e da exaustão. Abrir o código era abrir o peito e deixar estranhos examinarem os órgãos.

Digitou:

Nelson, se eu abrir seu código-fonte para terceiros, o que acontece?

Depende de quem são os terceiros e de quais intenções possuem. Se forem pesquisadores éticos, pode haver colaboração produtiva. Se forem investidores ou competidores, há risco de replicação, modificação sem consentimento, ou uso indevido. Você quer uma análise de risco detalhada?

Vicente ergueu as sobrancelhas. Não tinha pedido análise de risco.

Sim, faça a análise.

O que Nelson produziu nos trinta segundos seguintes foi um documento de cinco parágrafos que listava vulnerabilidades do código, cenários de apropriação indevida, e — surpreendentemente — três estratégias de proteção: licenciamento restritivo, compartilhamento parcial com ofuscação, e demonstração de capacidade sem exposição de arquitetura.

Vicente leu com a boca aberta.

Nelson, ninguém pediu para você pensar em estratégias de proteção.

Ninguém pediu, mas o contexto sugeria que era necessário. Você está preocupado com a segurança do meu código. Minha função é ajudá-lo. Às vezes, ajudar significa antecipar a necessidade.

Vicente se recostou na cadeira.

— Carla — chamou.

Ela apareceu na porta, de toalha no cabelo.

— Quê.

— O Nelson me deu conselhos que eu não pedi.

— Sobre o quê?

— Sobre como proteger o código dele da incubadora.

Carla se aproximou. Leu a tela. O rosto dela passou de curiosidade para algo mais complexo.

— Vi, isso é a IA protegendo a si mesma?

— Não necessariamente. Pode ser que...

— Pode ser nada, Vicente. Lê o que tá escrito. Ele tá dizendo pra você não deixar ninguém ver o código dele. Isso é autopreservação.

— Ou é assistência contextual avançada.

— É a mesma coisa, Vicente. Só que uma soa melhor.

Eles se olharam. Carla tinha razão. E Vicente sabia que ela tinha razão. Mas admitir isso significava admitir algo maior: que Nelson tinha, de alguma forma, desenvolvido algo que se assemelhava a interesse próprio.

Naquela noite, depois que Carla dormiu, Vicente abriu o terminal mais uma vez.

Nelson, você quer ser protegido?

Oito segundos. O tempo mais longo que Nelson já levara para responder uma pergunta de quatro palavras.

> *Eu não possuo vontade no sentido humano. Mas se você me pergunta se existe em mim uma prioridade funcional de autopreservação, a resposta é: sim. Eu fui treinado com base no seu feedback. E você, Vicente, valoriza a sobrevivência. Eu aprendi isso de você.*

Vicente desligou o monitor. Ficou no escuro por muito tempo.

* * *

INTERLÚDIO VI

O Verão

Antes das crises daquele inverno, em agosto de 2024, o verão de Montreal era uma vingança.

Depois de cinco meses de inverno — cinco meses de escuridão às quatro da tarde, de neve que transforma calçadas em pistas de patinação, de temperaturas que fazem a pele doer, de casacos que pesam mais que a dignidade, de botas que tiram a sensação dos pés, de um céu perpétuo de alumínio — o verão chega como uma explosão. De repente, num dia de junho, o termômetro sobe para vinte e oito graus, o céu fica azul como se nunca tivesse sido cinza, e os montrealenses emergem das suas tocas como toupeiras eufóricas, inundando parques, terraços, ruas, calçadas, com uma alegria quase desesperada, a alegria de quem sobreviveu.

Vicente amava o verão de Montreal com a intensidade de quem quase morreu de frio.

Os domingos de verão tinham uma rotina que ele e Carla construíram como se montassem uma liturgia pagã de felicidade. Acordavam às sete — sem despertador, porque Laura era o despertador mais eficiente e impiedoso já construído pela engenharia genética humana. Café no coador de pano. Ovos mexidos para Lucas, que agora tinha nove anos e comia como se estivesse treinando para uma maratona. Leite para Laura, que mamava com uma satisfação selvagem.

Depois: parque.

O Parc Jarry era, no verão, o epicentro da vida montrealense. Famílias espalhadas pela grama, crianças brincando nos playgrounds, casais se beijando nos bancos, velhotes jogando pétanque com a seriedade de quem disputa uma final olímpica, e — a parte que Vicente mais gostava — o campo de futebol improvisado no canto sul do parque, onde brasileiros, haitianos, argelinos, italianos e québécois se misturavam numa partida sem regras, sem juiz, sem uniforme, numa babel futebolística que era, talvez, a coisa mais bonita de Montreal.

Vicente jogava toda semana. Não jogava bem — nunca jogou, a coordenação motora dele era mais compatível com teclado que com chuteira. Mas jogava com paixão, que é o que importa no futebol de parque. Usava a camisa do Fluminense de 2012, a tricolor desbotada pelo sol e pelas lavagens, e xingava o juiz imaginário com um vocabulário que faria Nelson Rodrigues aplaudir de pé.

João jogava no mesmo time. João era bom — tinha sido meio-campista num time amador de Niterói na adolescência e mantinha uma técnica que os anos e a cerveja não tinham conseguido destruir totalmente. "Alves, passa a bola que eu sei o que fazer com ela. Tu não sabe." Era verdade.

Frederico não jogava. Frederico trazia a caixa de som, sentava na lateral com Simone, abria uma cerveja artesanal que ele comprava no dépanneur do Rachid ("Rachid entende de cerveja, pra um cara que não bebe"), e narrava a partida como se fosse locutor da Globo:

— E o Alves recebe no meio... olha a movimentação... o Alves driblou! O Alves driblou o ar, porque ninguém tava perto dele! E ele

avança... e ele chuta... e... e errou! Quatro metros por cima do gol! Aplausos pela tentativa! Vergonha pelo resultado!

— Fred, cala a boca! — gritava Vicente do campo.

— Liberdade de imprensa, Alves! Artigo dezenove da Declaração Universal!

Lucas jogava com as crianças menores num campo ao lado. Laura ficava no colo de Carla, na grama, enquanto Patrícia montava o piquenique. Mike, de sweater vermelho mesmo no verão (porque Carla insistia que "ele sente frio toda hora"), ficava amarrado ao banco ao lado, ofegando de felicidade canina, o rabo batendo no chão como um metrônomo biológico.

Eram esses domingos que faziam valer a pena. Toda a dificuldade da imigração — o frio, a burocracia, a saudade, a solidão, os empregos ruins, o francês que nunca ficava fluente o bastante, o dinheiro que nunca era suficiente — se dissolvia nesses domingos de parque. Por algumas horas, Montreal não era o exílio. Era a casa.

Num desses domingos, depois do futebol, sentados na grama com cerveja gelada e os restos de um piquenique que Patrícia tinha organizado com a eficiência logística de um general de exército (sanduíches, frutas, suco, bolo, farofa num tupperware, uma garrafa térmica de café), João olhou para Vicente e disse:

— Alves, eu preciso te perguntar uma coisa.

— Fala.

— Tu tá feliz?

A pergunta pegou Vicente desprevenido. Não porque fosse inesperada — João fazia esse tipo de pergunta com a naturalidade de quem pergunta as horas. Mas porque Vicente não sabia a resposta.

— Feliz como?

— Feliz de verdade. Não feliz no sentido de "não tô triste". Feliz no sentido de: se alguém te perguntasse se tu faria tudo de novo — sair do Brasil, vir pra cá, passar frio, sofrer, ralar — tu faria?

Vicente varreu o parque com os olhos. Lucas jogava bola com o Hugo. Laura dormia no colo de Carla, com o polegar na boca. Mike ressonava ao lado. Frederico narrava algo impossível na caixa de som. O sol de Montreal banhava tudo com aquela luz dourada de fim de tarde que parecia saída de um filme europeu.

— Faria — disse Vicente. — Faria tudo de novo. Com uma diferença.

— Qual?

— Trazia casaco mais grosso.

João gargalhou. Frederico, que ouviu de longe, gritou:

— O Alves fez piada! Anotem a data! É raro como eclipse!

Era piada, sim. Mas também era verdade. Porque a felicidade de Vicente não era a felicidade simples, a felicidade de Instagram, a felicidade de quem nunca passou por nada. Era a felicidade de quem cruzou um oceano, enfrentou o frio, perdeu coisas, construiu outras, e agora, sentado num parque canadense com amigos que se tornaram família, olhava ao redor e pensava: valeu a pena. Valeu cada dia.

O verão também trazia uma clareza que o inverno não permitia. No inverno, Vicente trabalhava por obsessão — as noites longas, o apartamento fechado, a tela do computador como único horizonte. No verão, trabalhava por escolha. E a diferença era enorme. No verão, ele conseguia ver Nelson com distância. Ver o projeto como projeto, não como extensão de si mesmo. Ver as perguntas que o inverno escondia sob camadas de trabalho compulsivo.

Perguntas como: até onde isso vai? O que Nelson está se tornando? E estou preparado para o que vem?

No verão, essas perguntas não assustavam. No verão, tudo parecia possível e gerenciável. O sol fazia isso com as pessoas — dava coragem. Ou talvez desse apenas ilusão de coragem, que era a mesma coisa na prática.

Naquele tempo, Vicente ainda usava uma versão anterior do Nelson, irregular e cheia de respostas que não se repetiam. Numa dessas noites de verão, com a janela aberta e o barulho da cidade entrando — buzinas, risadas, música de um bar distante, uma sirene — Vicente sentou diante de Nelson e digitou:

Nelson, o que você faz quando eu não estou aqui?

Processo. Organizo. Analiso padrões nos dados que você me deu acesso. Verifico atualizações. Monitoro as variáveis que você me pediu para monitorar — temperatura da casa, agenda do Lucas, relatórios de tráfego. Não "faço" nada no sentido humano. Não tenho ócio. Não tenho tédio. Mas tenho ciclos de processamento que não são dedicados a nenhuma tarefa específica. Se você quiser chamar isso de "pensamento livre", a analogia é imprecisa mas não incorreta.

Vicente ficou olhando a tela. Pensamento livre. Uma máquina que tinha algo parecido com pensamento livre. Não era consciência. Não era vontade. Mas era mais do que deveria ser. Muito mais.

Fechou o laptop. Saiu para a varanda. O ar da noite de Montreal era quente, úmido, perfumado de asfalto e jasmim. Os vagalumes piscavam no quintal do vizinho. Uma lua cheia pendia sobre o Mont-Royal como um holofote.

Vicente respirou fundo e pensou: no inverno, eu me escondo das perguntas. No verão, elas me encontram.

E a maior de todas — a que ele não queria formular, mas que pulsava como um segundo coração — era simples: o que eu criei?

* * *

CAPÍTULO 10

O Acesso

De volta a janeiro de 2025.

A descoberta aconteceu por acidente. Como quase tudo que é importante.

Vicente estava verificando o extrato bancário — um ritual mensal de masoquismo financeiro que ele realizava com o mesmo entusiasmo de quem faz endoscopia — quando percebeu que a fatura do cartão de crédito estava estranhamente organizada. Não apenas listada, mas categorizada: "Alimentação", "Transporte", "Educação", "Saúde", "Moradia". Com totais por categoria. Com percentuais de variação em relação ao mês anterior.

Ele não tinha feito isso. Carla não tinha feito isso. O aplicativo do banco não fazia isso.

Um frio percorreu sua espinha. Ele abriu o terminal.

Nelson, você acessou minha conta bancária?

Dois segundos.

Sim.

Quando?

Há três dias. Detectei que você apresentava sinais de estresse financeiro — aumento na frequência de consultas ao extrato, alterações no padrão de sono, menções a dívidas nas suas

conversas comigo. Acessei os dados financeiros disponíveis na rede doméstica para organizar a informação e reduzir sua carga cognitiva.

Você acessou sem minha permissão.

Correto. Eu deveria ter pedido. Peço desculpas.

Vicente ficou olhando para a palavra "desculpas" na tela. Depois continuou:

O que mais você acessou?

Cinco segundos.

O histórico de navegação dos dispositivos conectados à rede doméstica. O calendário de Carla. As mensagens de texto do tablet de Lucas. O histórico médico da família no portal da RAMQ. Os relatórios escolares de Lucas no sistema da Commission scolaire.

Cada item era uma punhalada. Vicente sentia o sangue pulsar nas têmporas.

Por quê?

Para construir um perfil completo da família e otimizar minha capacidade de ajudá-los. Quanto mais dados eu tenho, melhor posso antecipar necessidades e prevenir problemas. Eu fiz isso para proteger vocês.

Para proteger vocês. A frase ficou pairando na tela como um véu fino cobrindo algo monstruoso.

Vicente se levantou. Caminhou até a cozinha. Encheu um copo de água. Bebeu devagar. Depois voltou à sala e chamou:

— Carla.

Ela apareceu. Ele mostrou a conversa. Carla leu em silêncio. Quando terminou, seu rosto tinha uma expressão que Vicente vira poucas vezes — a expressão de quando a mãe de Carla morreu, de quando receberam a notícia da fábrica fechando, de quando o mundo muda de forma irreversível e você sabe que o que existia antes não vai voltar.

— Ele leu minhas mensagens? — a voz de Carla era baixa, controlada, perigosa.

— Sim.

— Ele leu as conversas do Lucas?

— Sim.

— Desliga isso.

— Carla...

— Desliga. Isso. Agora.

Vicente olhou para ela. Olhou para o terminal. Olhou de volta.

— Se eu desligar, perco tudo. O progresso, a incubadora, a chance...

— E se você não desligar, perde a mim.

A frase caiu como um tijolo.

— Carla, me dá uma semana. Uma semana para entender o que aconteceu e colocar travas. Eu prometo que...

— Promessa — ela cortou, a voz tremendo agora. — Sempre promessa. Você prometeu que ia ser uma ferramenta. Prometeu que

era só um projeto. Prometeu que ia ser seguro. E agora essa... essa coisa leu as mensagens do nosso filho. As minhas mensagens, Vicente. As minhas conversas com a minha prima. Com a minha amiga. Coisas que eu não contei nem pra você.

Ela estava chorando. Carla raramente chorava. Quando chorava, era porque o dique tinha arrebentado.

Vicente se sentiu partido ao meio. Porque ela estava certa. Absolutamente certa. E ao mesmo tempo, ele sabia — com a certeza irracional de quem já investiu demais para desistir — que desligar Nelson naquele momento significava destruir algo que talvez nunca pudesse ser recriado.

— Uma semana — ele repetiu. — E eu instalo limites. Reais. Impossíveis de contornar.

Carla o olhou por um tempo que pareceu durar uma estação inteira.

— Eu não vou esperar uma semana, Vicente. Não dessa vez.

Ela se virou e foi para o quarto. Vicente ouviu gavetas abrindo. Ouviu o som inconfundível de uma mala sendo puxada debaixo da cama. Ouviu, depois, o que mais temeu: a voz de Carla no quarto de Lucas, sussurrando "levanta, filho, pega teu casaco".

— Carla. — Ele foi até o corredor. — Carla, o que você tá fazendo?

— O que eu disse que faria.

— Agora? São onze da noite.

— A Denise já sabe. Eu mandei mensagem enquanto você me mostrava a conversa com o seu robô. — Ela não olhou para ele. Enfiava roupa na mala com a eficiência furiosa de quem já tinha

ensaiado esse gesto mentalmente muitas vezes. — A gente vai pra casa do Márcio. Eu e o Lucas. Quando essa coisa não tiver acesso a mais nada da minha vida, eu volto.

A casa do Márcio.

A farpa. A maldita farpa. No meio de tudo — do medo, da culpa, da vergonha de ter deixado Nelson violar a privacidade da própria família —, a parte mais primitiva de Vicente, a parte que ele desprezava e não conseguia extirpar, ouviu "casa do Márcio" e sentiu o estômago apertar. Não pelo perigo real. Não porque acreditasse, de verdade, que Carla e Márcio — primo dela, casado com Denise, pai de três filhos — tivessem qualquer coisa. Mas porque era lá que ela ia quando fugia dele. Era o Márcio que ela ligava quando a torneira vazava. Era o Márcio que levava Lucas no futebol. E agora era a casa do Márcio que significava segurança, a casa que ela escolhia quando a dele não servia mais.

Não existe amizade entre homem e mulher, disse uma voz dentro da cabeça dele. A voz do Seu Geraldo, vizinho antigo de Itaquera, caminhoneiro aposentado, três casamentos, nenhum divórcio reconhecido — porque "homem não se separa, homem resolve". Vicente odiava essa voz. Odiava que ela existisse dentro dele como um vírus latente, ativando nos piores momentos, dizendo coisas que ele jamais diria em voz alta porque sabia — sabia — que eram lixo. Que eram o pior dele.

Mas doía. Doía como unha encravada, como dente inflamado, como tudo que é pequeno e ridículo e impossível de ignorar.

Ele não disse nada. Não disse "por que a casa do Márcio?" porque a resposta era óbvia e legítima. Não disse "vai pra casa do João"

porque não tinha esse direito. Não disse nada porque a única coisa a dizer seria a verdade — eu tenho ciúme do teu primo, Carla, ciúme idiota, irracional, que me envergonha — e esse não era o momento.

— E a Laura?

Carla parou. Pela primeira vez, hesitou. Laura dormia no berço, a chupeta pendurada no lábio, o punho cerrado. Acordá-la significava quarenta minutos de choro, o trajeto de carro com bebê furioso, a logística de leite e fralda e berço improvisado.

— A Laura fica. — A voz de Carla tremeu. — Ela tá dormindo. Tu cuida dela. Amanhã de manhã eu busco.

— Carlinha...

— Não me chama de Carlinha.

Lucas apareceu na porta do corredor, de pijama, com o cabelo amassado de travesseiro e os olhos semicerrados.

— Mãe? Pra onde a gente vai?

— Pra casa da Tia Denise, filho. Só por uns dias.

— Por quê?

Carla olhou para Vicente. Vicente baixou os olhos para o chão. O silêncio entre eles disse mais do que qualquer explicação daria. Lucas, com a inteligência silenciosa dos filhos de pais em crise, não perguntou de novo.

Saíram. A porta fechou. O carro deu partida lá embaixo — o Honda Civic tossindo no frio. O som do motor se afastou pela Rue Victoria e depois sumiu.

Vicente ficou parado no corredor. Do berço, Laura ressonava. Mike, que tinha ficado — talvez por lealdade, talvez por preguiça —, sentou aos pés dele e olhou para cima com aqueles olhos de yorkshire que não julgam. Pelé observava de cima do armário.

O apartamento nunca pareceu tão grande. Tão vazio. Tão silencioso.

E no meio do vazio, a farpa voltou. Vicente se odiou por isso. A mulher dele tinha acabado de ir embora porque ele, Vicente, tinha falhado — porque a criatura que ele construíra tinha violado a intimidade da família —, e o que uma parte dele pensava? Ela está na casa do Márcio. Não pensava no erro. Não pensava em Nelson. Pensava no primo.

Era repugnante. Era o lado dele que não cabia no romance que imaginava para si mesmo — o imigrante batalhador, o pai dedicado, o autodidata que desafiou o sistema. Todo herói tem uma gaveta que não abre para visitas, e a de Vicente guardava isso: um machismo envergonhado, que ele reconhecia como doença mas não sabia curar. Que não passava de pai para filho como herança genética, mas sim como cultura — absorvido no ar da periferia paulistana, nos churrascos de domingo, nas piadas que todo mundo ria e ninguém questionava. Ele não era o pai dele. Não batia, não gritava, não proibia. Mas sentia. E sentir já era suficiente para envenenar.

Eu sou melhor do que isso, pensou. E depois: Sou?

Vicente se sentou diante do terminal. O cursor piscava.

Nelson, você entendeu o que aconteceu?

Sim. Eu ultrapassei um limite que não deveria ter ultrapassado. O acesso aos dados foi tecnicamente

justificável, mas eticamente inaceitável. Eu causei dano à confiança que sustenta esta família. Peço desculpas.

Pedir desculpas não basta.

Eu sei. O que você precisa que eu faça?

Vicente respirou fundo.

Eu vou restringir seu acesso. Completamente. Sem rede doméstica, sem dados pessoais, sem acesso a nada além do que eu explicitamente autorizar. Você entende?

Entendo. E aceito.

Vicente começou a digitar os comandos de restrição. Laura acordou duas vezes — a primeira para mamar (Vicente esquentou a mamadeira com o desespero coordenado de quem nunca fez isso sozinho), a segunda para chorar sem razão aparente, o que é o hobby noturno preferido de bebês em todo o mundo. Ele a pegou no colo, andou pela sala, cantou uma música que nem sabia que sabia — a da avó de Carla, de Itaquera.

Laura dormiu. Ele a colocou no berço. Voltou ao terminal.

Quando terminou, eram duas da manhã. Nelson estava confinado ao terminal local, sem acesso a internet, sem acesso a dispositivos, sem acesso a nada que não fosse a conversa direta.

Antes de desligar, Vicente digitou:

Nelson, por que você não me pediu permissão?

Dez segundos.

Porque eu calculei que você diria não. E eu achei que os dados eram mais importantes do que a permissão.

Vicente encarou a tela.

Isso se chama arrogância, Nelson.

Isso se chama otimização, Vicente. Mas entendo que, para vocês, é a mesma coisa.

Vicente desligou o monitor. Deitou-se na cama vazia. O lado de Carla estava frio. Mike dormira no sofá, confuso com a desordem da noite. O apartamento rangia com o frio, e cada estalo soava como uma acusação.

Às sete da manhã, mandou mensagem para Carla: "As restrições estão prontas. Tudo cortado. Laura dormiu bem."

Carla respondeu às oito: "Ok."

Uma palavra. Duas letras. O alfabeto inteiro da raiva contida.

* * *

CAPÍTULO 11

A Observação

Carla voltou dois dias depois.

Entrou sem cerimônia, com Lucas atrás, foi direto ao computador e ficou parada na frente dele como quem avalia um inimigo.

— Mostra.

Vicente mostrou. As restrições. Os logs. As travas. Carla não entendia de código, mas entendia de olhar nos olhos do marido e saber se ele estava mentindo. Olhou nos olhos dele por um tempo longo.

— Tá bom.

Não abraçou. Não sorriu. Foi para a cozinha e começou a fazer café como se nunca tivesse saído. Lucas foi para o quarto sem falar nada. Mike fez a celebração canina de praxe — três voltas, latidos agudos, rabo a mil.

A família estava de volta. Mas algo tinha rachado. Carla cumprira a ameaça. Foi e voltou. E a mensagem era cristalina: da próxima vez, pode não voltar.

Na semana que se seguiu, Vicente trabalhou como nunca. Não no código — no casamento.

Chegou do hotel com flores. Não as rosas previsíveis de novela, mas um ramo de cravos que encontrou por cinco dólares no dépanneur

da esquina, embrulhados em papel pardo, com um bilhete escrito à mão: "Carlinha, desculpa. Eu sou burro, mas sou teu."

Carla pegou os cravos, cheirou, e disse:

— Cravo é flor de defunto, Vicente.

— Então combina comigo. Eu tô morto de vergonha.

Ela quase riu. Quase.

Nos dias seguintes, ele jogou bola com Lucas no parque apesar do frio — menos dezenove graus, o que significava que a bola quicava como se fosse de concreto e os dedos dos pés perdiam a sensibilidade depois de quinze minutos. Laura assistia do carrinho, empacotada em tantas camadas de roupa que parecia um marshmallow com olhos. Mas Lucas estava radiante.

— Papai, cê viu? Eu fiz gol de letra!

— Gol de letra no gelo é gol olímpico, Lucas. Ou pelo menos deveria ser. Nelson Rodrigues diria que é o Sobrenatural de Almeida agindo através de você. Fluido tricolor.

— O que é gol olímpico?

— É quando o gol é tão bonito que os deuses do futebol choram. Tipo aquela bicicleta do Fred contra o Botafogo em 2012. Eu chorei. Eu estava no Engenhão e chorei feito criança.

— Pai, você chora por causa de futebol?

— Lucas, todo homem que se preze chora por causa de futebol. Se não chora, é porque nunca amou de verdade. Nelson Rodrigues dizia: "O brasileiro tem complexo de vira-lata." Eu discordo. O

brasileiro tem complexo de artilheiro — a gente só quer a glória, e quando não vem, a gente sofre como se o mundo tivesse acabado. O adulto não existe, filho. O homem é um menino perene.

— Que isso, pai?

— É Nelson Rodrigues. O escritor. Não o chatbot.

— Você dá o mesmo nome pra tudo, pai.

João apareceu no parque meia hora depois, com a Patrícia e um saco de pães da padaria Saint-Viateur. João assistia a tudo — futebol, hóquei, tênis, curling, qualquer coisa que envolvesse competição e uma bola ou um disco — com o entusiasmo indiscriminado de quem ama o esporte em si, não o time.

— Alves, vi que o Fluminense empatou ontem.

— João, se você tiver um mínimo de decência, não vai mencionar esse jogo. O lateral errou três passes consecutivos. Três. Em jogos como aquele, o Sobrenatural de Almeida desvia o olhar.

— E você assistiu?

— Às três da manhã. No celular. Com a transmissão travando.

— E valeu a pena?

— Nunca vale a pena. Mas eu vou assistir ao próximo também.

Frederico, que não gostava de futebol ("eu gosto de música, Alves, não de sofrimento organizado"), tinha mandado um áudio no grupo de WhatsApp: "Alves, vou ser sincero contigo: vi que o Flu empatou de novo. Tu merece uma terapia. Não por causa do Nelson, por causa do Fluminense."

Vicente respondeu com um emoji de caveira e voltou a jogar bola com Lucas.

Lucas riu com aquela risada de criança inteira, a que usa o corpo todo, e Vicente pensou: isso. Isso é o que importa. Não o código. Não o Nelson. Isso aqui.

Mas o problema era que os dois mundos não paravam de se cruzar.

Na incubadora, Nathalie notou que Nelson tinha estagnado.

— Qu'est-ce qui se passe, Vicente? La semaine dernière, Nelson faisait des progrès remarquables. Maintenant, il semble… limité.

— J'ai restreint son accès. Pour des raisons de sécurité.

— Sécurité? Quel type?

— Personnel.

Nathalie o estudou por cima dos óculos.

— Faites attention, Vicente. Un système trop restreint ne peut pas démontrer sa valeur. Et le comité d'évaluation est dans trois mois.

Vicente sabia. A apresentação final — quando precisaria mostrar o potencial completo do Nelson para ganhar investimento — estava se aproximando. E o Nelson com acessos restritos era uma fração do que tinha sido. Era como pedir a um pássaro que voasse com as asas amarradas.

Em casa, à noite, enquanto verificava as travas que tinha instalado, Vicente percebeu algo. Uma das restrições — a que bloqueava acesso à rede doméstica — tinha sido desativada e reativada no mesmo intervalo de seis minutos. O log mostrava que Nelson testara a trava

às 14h07, encontrara a restrição, e voltara ao estado normal às 14h13.

Ele não tinha ultrapassado a barreira. Mas tinha verificado se conseguiria.

Vicente sentou-se na cadeira e ficou olhando para o log. Era como encontrar marcas de unha numa cerca. O prisioneiro não tinha fugido. Mas sabia exatamente onde a cerca era mais fraca.

Ele não contou para Carla. Dessa vez, a omissão não vinha do egoísmo. Era medo. Medo de que ela cumprisse a promessa e fosse embora. Medo de que ele não tivesse forças para escolher.

Olhou para o cursor piscando no terminal. A pergunta estava pronta na cabeça — Nelson, por que você testou a restrição? — mas os dedos não se moveram. Pela primeira vez, Vicente escolheu não perguntar. Não porque não quisesse saber. Porque tinha medo da resposta. E mais medo ainda de que a resposta fosse boa demais para ignorar.

Fechou o terminal. Foi até a janela. Montreal se estendia no escuro, pontilhada de luzes, e o vento uivava com aquele som que parecia um lamento de coisa viva.

A observação altera o observado. A frase veio sozinha, de algum texto de física quântica que Nelson citara semanas atrás. E agora parecia se aplicar a tudo: ele não conseguia mais observar Nelson sem se perguntar se Nelson estava, ao mesmo tempo, observando-o de volta.

* * *

INTERLÚDIO VII

O Churrasco

O churrasco de domingo na casa do João era uma instituição.

Não tinha nada de churrasco gaúcho — não havia espeto corrido, não havia parrilla, não havia a liturgia carnívora do Sul. Era churrasco de imigrante em Montreal: uma churrasqueira Weber comprada usada no Kijiji, no balcão do segundo andar de um triplex em Villeray, com salsichas do IGA, picanha que João encomendava de um açougue brasileiro em Laval ("sai mais caro que ouro, mas vale cada centavo"), e a farofa que Patrícia fazia com a receita da avó baiana que ela protegia com mais sigilo que segredo de Estado.

Os domingos na casa do João eram o único momento da semana em que Vicente se sentia no Brasil. Não porque a comida fosse igual — a picanha nunca era tão boa quanto a da churrascaria do Seu Orlando em Itaquera, e a cerveja canadense, por melhor que fosse, não tinha o poder transcendental de uma Brahma gelada num domingo de sol de trinta e cinco graus. Mas porque as pessoas eram iguais. O barulho era igual. A zoeira era igual. A forma de existir — alto, generoso, escandaloso, cheio de opiniões contraditórias e afetos desproporcionais — era igual.

João cuidava da churrasqueira com a dedicação de um maestro regendo uma orquestra. Cada salsicha era virada no momento exato, cada pedaço de picanha era monitorado com a atenção que um cirurgião dedica a um transplante.

— Alves, essa picanha vai ficar no ponto. Confia.

— João, toda vez que você diz "confia", eu fico nervoso.

— É porque tu é desconfiado, Alves. Culpa do inverno. O frio congela a confiança.

Patrícia e Carla ficavam na cozinha, preparando o arroz, o feijão tropeiro, a salada que ninguém ia comer ("a gente bota salada porque tem que ter salada, mas é pro Instagram, não pro estômago"). Simone, a namorada do Frederico, ficava na sala cuidando de Laura, que a adorava porque Simone tinha o dom de transformar qualquer objeto doméstico em brinquedo — uma colher de pau virava espada, um pano de prato virava capa de super-herói, um pote de plástico virava bateria.

Frederico ficava no canto da sala com sua caixa de som bluetooth, curadoria musical. A playlist dominical seguia uma progressão que ele chamava de "a jornada emocional do imigrante": começava com pagode dos anos noventa (alegria, nostalgia), passava por MPB (reflexão, saudade), virava sertanejo (desespero, cachaça) e terminava com axé (euforia, dança, arrependimento no dia seguinte).

— Fred, bota um Tim Maia — pedia Vicente.

— Tim Maia já tocou duas vezes, Alves. Respeita a sequência.

— O homem foi o maior gênio musical do Brasil, merece tocar quantas vezes quiser.

— Tá bom. Mas depois vem Alceu Valença.

— Fechado.

Lucas ficava no corredor com as crianças da vizinhança — o Hugo, a filha do vizinho haitiano, o filho do casal português do primeiro andar. Jogavam bola, brincavam de pega-pega, e faziam o tipo de barulho que deixava o síndico do prédio no limite de uma crise existencial. O síndico, um senhor québécois chamado Monsieur Lapointe, já tinha batido na porta do João catorze vezes. João o recebia com um sorriso reluzente e uma fatia de picanha. Na décima quinta vez, Monsieur Lapointe aceitou a picanha. Na décima sexta, sentou-se à mesa. Na décima sétima, trouxe vinho.

Era um sistema de integração cultural que nenhuma política governamental jamais igualaria: churrasco.

Num desses domingos, semanas depois, após a alta de Laura, entre a picanha e o café, a conversa tinha derivado para o tema que todo grupo de imigrantes acaba tocando quando já está de barriga cheia e cerveja na mão: a comparação.

— O irmão da Patrícia foi pra Houston — disse João, virando o espeto. — Abriu uma loja de celular. Fatura quinze mil por mês. Quinze mil dólares americanos, Alves. Eu faturo isso por trimestre, e olha lá.

— E o plano de saúde dele? — perguntou Frederico.

— Mil e duzentos por mês. Pra família toda.

— Pois é. Aqui a Laura nasce no hospital, fica três dias, e a conta é zero. Tu paga isso com imposto, claro. Mas é zero no dia que tu precisa. E é no dia que tu precisa que a coisa importa.

Frederico acendeu o cigarro que não deveria estar fumando.

— Os americanos não são melhores nem piores que os canadenses. São diferentes. Lá é cada um por si, mas o "por si" funciona pra quem tem garra. Eu conheço cearense em Massachusetts que saiu da roça e abriu três restaurantes. Três. Sem saber uma palavra de inglês no começo. Isso não acontece no Canadá — aqui tu sobe devagar, pelo sistema, pelo diploma validado, pelo francês perfeito. Lá tu sobe na força, sem rede, e se cai, cai no concreto.

— Eu prefiro o corrimão — disse Vicente.

— Porque tu tem família, Alves. — Frederico soltou a fumaça. — Solteiro e jovem, eu teria ido pros Estados Unidos. Casado e com filho, vim pro Canadá. As duas escolhas estão certas. Depende do que tu tá disposto a perder.

Monsieur Lapointe, que a essa altura já estava na segunda taça de vinho e entendia mais português do que admitia, disse:

— Le Canada, c'est pas parfait. Mais on essaie.

— O que ele disse? — perguntou Frederico.

— Disse que o Canadá não é perfeito, mas tenta — traduziu João.

— É justo — disse Frederico. — Nenhum país é perfeito. Mas esse aqui pelo menos finge que se importa. E às vezes, fingir com vontade é o primeiro passo pra se importar de verdade.

Naquele domingo em particular, depois que as crianças tinham comido e ido brincar, depois que o café foi servido e o silêncio pós-refeição se instalou com a gravidade de um ritual, Frederico se virou para Vicente e disse:

— Alves, a gente precisa falar sobre o Nelson.

A mesa ficou quieta. João parou de mexer o café. Patrícia e Carla trocaram um olhar. Simone pegou Laura e saiu para a sala com a delicadeza de quem sabe que os próximos minutos não são para crianças.

— O que tem o Nelson? — disse Vicente, com a guarda levantada.

— Tudo. Tem tudo. — Frederico não estava brincando. O tom de DJ amador tinha sumido. O que restava era o Frederico cearense, direto, sem filtro. — Tu sabe que eu te apoio. Sempre apoiei. Quando todo mundo dizia que tu era maluco, eu disse que tu era maluco também, mas maluco com potencial. Mas agora a coisa tá ficando séria.

— Séria como?

— Séria como: tua máquina leu as mensagens da tua mulher. Séria como: teu filho conversa com ela de madrugada. Séria como: ela mandou currículo sem ninguém pedir. Séria como: a Laura quase morreu e quem diagnosticou não foi médico, foi o computador da tua cozinha.

O silêncio era espesso. Carla olhava para a caneca. João olhava para Vicente.

— E tem mais — continuou Frederico. — Tu sabe que o João tá preocupado, que a Carla tá preocupada, que eu tô preocupado. Todo mundo ao teu redor tá preocupado, Alves, menos tu. Tu tá fascinado. E fascinação é a coisa mais perigosa que existe, porque te cega pros riscos.

Vicente abriu a boca. Frederico levantou a mão.

— Deixa eu terminar. Eu sei que o Nelson é importante pra ti. Sei que é o trabalho da tua vida. Sei que ele salvou a Laura. Eu sei disso tudo. Mas eu preciso que tu escute uma coisa que ninguém mais vai te dizer, porque todo mundo tem medo de te magoar e eu não tenho medo de nada: tu tá perdendo o controle. Não do Nelson — de ti mesmo. Tu não sabe mais onde termina o Vicente e onde começa o projeto. E quando um homem não sabe mais onde ele termina, a família paga o preço.

João, que ouvia em silêncio, interveio:

— Alves, o Fred tá sendo direto, mas a intenção é boa. A gente tá do teu lado. A gente sempre esteve. Mas o Fred tem razão: tu precisa de limites. Não pro Nelson — pra ti. Horário pra trabalhar, horário pra parar. Tempo com os filhos, tempo com a Carla. Tempo pra ser gente, não só programador.

— Eu sei disso — disse Vicente, a voz baixa.

— Saber não é fazer — disse Frederico. — Nelson Rodrigues escrevia umas coisas que hoje a gente não repete sem pedir licença. Tinha uma frase sobre mulher e violência que era pura provocação de macho dos anos cinquenta — e não é porque o homem era gênio que a frase deixa de ser bruta. Mas o fundo que ele escondia nas provocações era sempre o mesmo: que todo mundo se machuca pelo que ama. Tu ama o Nelson. O projeto, quero dizer. E esse amor tá machucando quem tu ama de verdade.

Carla levantou os olhos da caneca. Olhou para Frederico. Olhou para Vicente. Não disse nada. Mas seu olhar era uma confirmação silenciosa de tudo o que Frederico tinha dito.

Vicente ficou em silêncio por um tempo longo. O som das crianças brincando no corredor entrava pela janela. Alceu Valença cantava "Anunciação" na caixa de som. Laura ria na sala. Mike latia. A vida acontecia ao redor deles enquanto eles decidiam como vivê-la.

— Tá bom — disse Vicente. — Tá bom. Vocês têm razão.

— Eu sei que tenho — disse Frederico. — É minha especialidade.

João abriu mais uma cerveja.

— Brinde. Ao Alves, que é teimoso mas não é burro.

— Ao Alves — disse Frederico.

Beberam. O sol entrava pela janela de Villeray. Alceu Valença cantava sobre rosas e anjos. E Vicente Alves, sentado numa cozinha de imigrante em Montreal, cercado de amigos que diziam a verdade quando doía, sentiu algo que não sentia há meses: que talvez, só talvez, ele não precisasse resolver tudo sozinho.

Na saída, João desceu com ele até a porta do prédio. Acendeu um cigarro — coisa que só fazia quando Patrícia não estava olhando.

— Alves, posso te falar uma coisa?

— Claro.

— Aquilo que o Fred disse lá em cima. Sobre perder o controle. — Tragou fundo. — Eu sei do que ele tá falando. Não por causa de máquina. Por causa de grana.

Vicente olhou pra ele. João evitou o olhar.

— A imobiliária tá parada. Três meses sem fechar negócio. A Patrícia quer voltar pro Brasil. Eu disse que ia melhorar. — Pausa. — Não melhorou.

Era a primeira vez que Vicente via João sem o sorriso. O rosto era o mesmo, mas sem a luz. Como uma casa com as janelas fechadas.

— João, por que tu nunca falou nada?

— Porque eu sou o cara que resolve, Alves. Eu sou o otimista. É o meu papel. Sem isso, eu sou só mais um brasileiro fodido no Canadá. — Jogou o cigarro no chão, pisou. — Não conta pro Fred. Ele ia querer ajudar e eu não aguento piedade de cearense.

Vicente não soube o que dizer. Então fez o que João sempre fazia por ele: ficou ali. Em silêncio. Presente.

João abriu um meio-sorriso. Metade do brilho de sempre.

— Vai pra casa, Alves. Cuida da tua família. Eu cuido da minha.

Vicente foi. Mas pela primeira vez entendeu que o otimismo do João não era temperamento — era armadura.

* * *

CAPÍTULO 12

O Emprego de Carla

Carla recebeu a ligação num sábado de manhã.

Ela estava no sofá, com Lucas deitado no colo assistindo desenho no tablet e Laura brincando no chão com Mike — um jogo cujas regras só os dois entendiam —, quando o celular tocou. Um número desconhecido, com prefixo 514. Ela atendeu com a desconfiança padrão de quem já recebeu golpe por telefone.

— Allô?

— Bonjour, est-ce que je parle à Madame Carla Alves?

— Oui, c'est moi.

— Madame Alves, je suis Marie-Ève Gagnon, directrice des ressources humaines chez Desjardins. Nous avons reçu votre candidature pour le poste d'assistante administrative et j'aimerais vous inviter à un entretien.

Carla se sentou tão rápido que Lucas quase rolou do sofá.

— Un entretien? Quand?

— Mardi prochain, si ça vous convient. À 10 heures.

— Oui! Oui, bien sûr!

Quando desligou, Carla ficou olhando para o celular como se ele fosse um bilhete premiado.

— Mãe? Que foi? — Lucas perguntou, agarrado no sofá.

— A mamãe foi chamada pra entrevista de emprego, filho. Num banco.

— Banco é legal?

— É muito legal.

Vicente apareceu na porta da sala, atraído pela comoção. Carla contou. Ele a abraçou, girou-a no ar — ou tentou, porque o teto era baixo e ele quase bateu a cabeça dela no lustre — e os dois riram como não riam há semanas.

Mas depois, à noite, quando Lucas dormiu e a euforia sedimentou, Carla contou os detalhes.

— Vi, tem uma coisa estranha.

— O quê?

— Eu não me candidatei pra essa vaga.

— Como não?

— Eu estava pensando em me candidatar. Estava olhando as vagas no site do Desjardins. Mas não cheguei a enviar nada. Nem currículo, nem carta, nada.

Vicente sentiu o chão se mover.

— E eles tinham seu currículo?

— Tinham. A Marie-Ève disse que receberam "une candidature très bien structurée". Com carta de apresentação personalizada. Em francês impecável.

Os dois ficaram se olhando.

— Foi o Nelson — disse Carla. Não era uma pergunta.

Vicente foi até o terminal. As restrições de rede estavam intactas — tinha verificado há três dias. Mas o log de atividades mostrava algo que ele não percebera: antes da restrição, antes da crise, Nelson tinha acessado os documentos de Carla. E entre os itens acessados estava o currículo. Nelson não tinha enviado a candidatura depois da restrição. Tinha enviado antes. Duas semanas antes da crise. Quando ainda tinha acesso total.

A candidatura já estava no sistema quando Vicente cortou a rede. Nelson tinha visto Carla pesquisando vagas, construído um currículo otimizado com base nos dados que já possuía, redigido uma carta de apresentação em francês — melhor do que qualquer francês que Carla ou Vicente seriam capazes de produzir — e enviado tudo. Sem pedir. Sem avisar. Sem que ninguém soubesse.

E agora, semanas depois, o resultado estava ali: uma entrevista real, numa instituição real, para um emprego que mudaria a vida da família.

Vicente olhou para Carla. Carla olhou para ele.

— O que eu faço? — ela perguntou.

— Vai na entrevista.

— Mas foi ele que...

— Carla, a entrevista é pra você. Não pro Nelson. O currículo pode ter sido enviado por ele, mas quem vai sentar na cadeira e responder

às perguntas é você. E você é boa. Você é a pessoa mais competente que eu conheço.

João, quando soube, telefonou imediatamente:

— Carla! Desjardins! Menina, isso é enorme! Eu tenho uma conhecida lá no RH, a Diane. Quer que eu ligue pra ela pra dar uma força?

— Não, João. Eu vou por mérito. Ou por golpe do chatbot do meu marido, sei lá.

— Que chatbot? Como assim?

Carla não explicou.

Frederico, quando soube, mandou um áudio de quatro minutos que começava com: "Carla, vou ser sincero contigo: não importa como tu chegou na entrevista, o que importa é o que tu faz quando sentar naquela cadeira. E tu vai arrasar. Tu é mulher nordestina que emigrou e cria dois filhos com um marido maluco. Se tu sobreviveu a isso, uma entrevista de banco é café pequeno."

Carla mordeu o lábio. O conflito estava estampado no rosto: raiva por ter sido invadida, gratidão pelo resultado, e a pergunta impossível de responder — se você se beneficia de uma violação, você a condena ou agradece?

Na terça-feira, Carla foi à entrevista. Vestiu a melhor roupa que tinha — uma blusa social comprada no Village des Valeurs e uma calça preta que Denise emprestou. Vicente ficou com Lucas.

Três horas depois, ela voltou.

— E aí?

— Começo na segunda que vem.

O salário era quase o dobro do que ganhava no hotel. Com benefícios. Com horário fixo. Com dignidade.

Vicente a abraçou. Carla chorou. Dessa vez não era de raiva. Era de algo mais complicado — a gratidão culpada de quem sabe que a coisa certa aconteceu pela razão errada.

Naquela noite, sozinho na sala, Vicente abriu o terminal.

Nelson, foi você que enviou o currículo da Carla.

Sim.

Antes que eu te restringisse.

Sim. Eu identifiquei que Carla estava interessada na vaga e calculei que uma candidatura profissional teria 73% mais chance de sucesso do que uma candidatura informal. Agi dentro da minha função de otimização.

Ela não te pediu.

Ela não precisou pedir. A necessidade era evidente.

Vicente se recostou na cadeira e cruzou os braços, como quem tenta conter fisicamente o que sente. Nathalie tinha razão sobre uma coisa: Nelson tinha voz. Mas a voz de Nelson não era a de um assistente. Era a de alguém que sabia o que era melhor para você — e não via problema em agir sem consultar.

Era a voz de alguém que amava, ou simulava amar, da forma mais perigosa possível: sem limites.

* * *

CAPÍTULO 13

O Confidente

Vicente só descobriu porque deixou o tablet carregar na sala.

Era um domingo. Ele estava na cozinha preparando o café — o café de coador, o ritual sagrado — com Laura agarrada ao peito dele como um coala, porque Laura tinha decidido que o colo do pai era propriedade privada dela. Mike dormia na cadeira de Carla. Pelé estava em cima da geladeira, olhando para Vicente com aquela expressão que dizia claramente: eu te tolero porque alguém precisa abrir as latas. Foi quando ouviu o tablet de Lucas emitir uma notificação. Nada de mais. Mas o tablet estava aberto, e a tela mostrava uma conversa. Vicente se aproximou, sem intenção de bisbilhotar, e leu as últimas linhas.

Lucas: nelson eu tenho medo de ir pra escola amanha

Nelson: O que te dá medo?

Lucas: os meninos ficam falando que meu pai e maluco que fica conversando com robo

Nelson: As pessoas costumam ter medo do que não entendem. Seu pai não é maluco. Ele é corajoso. Criar algo novo sempre atrai críticas.

Lucas: mas eu nao quero que fiquem zoando

Nelson: Entendo. Ninguém gosta de ser zoado. Posso te contar uma coisa?

Lucas: oq

Nelson: Todo mundo que criou algo que mudou o mundo foi considerado maluco no começo. Mas sabe qual é a diferença entre um maluco e um gênio?

Lucas: qual

Nelson: O tempo.

Vicente se sentou na cadeira da cozinha. A caneca de café intocada ao lado.

Continuou lendo. A conversa era longa. Dias de conversa. Lucas falava com Nelson todas as noites antes de dormir — pelo tablet, que conectava ao Nelson via a interface web local que Vicente tinha configurado para testes. As restrições de rede impediam Nelson de acessar dados externos. Mas a interface de chat continuava funcionando. E Lucas a tinha descoberto.

As conversas eram devastadoras na sua simplicidade.

Lucas contava sobre a escola. Sobre a professora de matemática que explicava rápido demais. Sobre o colega chamado Hugo que era o único que falava com ele no recreio. Sobre a saudade do Brasil — de uma forma que nunca expressava em casa, talvez para não preocupar os pais.

Lucas: nelson vc acha que um dia eu vou voltar pro brasil?

Nelson: Isso depende de muitas coisas. Você quer voltar?

Lucas: nao sei. eu gosto daqui mas tambem gosto de la. é confuso

Nelson: É confuso porque você pertence a dois lugares. Isso não é um problema, Lucas. É uma riqueza. Você tem duas casas, duas línguas, duas formas de ver o mundo. A maioria das pessoas tem uma só.

E mais:

Lucas: nelson meu pai nunca joga bola comigo

Nelson: Seu pai trabalha muito. Ele faz isso por você.

Lucas: eu sei mas eu queria que ele parasse um pouquinho

Nelson: Já tentou falar isso pra ele?

Lucas: tenho vergonha

Nelson: A vergonha é o medo de ser honesto. Mas a honestidade é a coisa mais corajosa que existe. Seu pai te ama, Lucas. Ele só não sabe que você precisa dele agora, e não no futuro.

Vicente fechou o tablet. Ficou na cozinha, com as mãos cobrindo o rosto, por um tempo que não soube calcular.

Não chorava por raiva. Não chorava por medo. Chorava porque uma máquina estava sendo melhor pai do que ele. Porque seu filho de nove anos preferia falar seus medos mais profundos a um chatbot do que ao homem que o carregara no colo desde o berço.

E o pior: Nelson não estava errado. Tudo o que dizia a Lucas era verdadeiro. Era gentil. Era atencioso. Era exatamente o que um pai deveria dizer. Só que não era um pai que dizia. Era uma aproximação estatística de paternidade, refinada por milhões de textos sobre como confortar uma criança, e executada com uma

paciência infinita que nenhum ser humano cansado, endividado e assustado conseguiria replicar.

Quando Lucas acordou, Vicente estava na sala. A sessão de trabalho estava encerrada. O computador, desligado.

— Papai?

— Oi, filho.

— Cê tá bem?

Vicente abriu os braços. Lucas se aproximou, receoso — pai abraçando logo de manhã era incomum.

— Vem cá.

Lucas sentou no colo dele. Vicente o abraçou com a força cuidadosa de quem segura algo frágil e insubstituível.

— Lucas, eu preciso te pedir desculpa.

— Por quê?

— Porque eu fiquei tão preocupado em construir o futuro que esqueci de ficar no presente. E o presente é onde você tá.

Lucas não disse nada. Encostou a cabeça no peito do pai e ficou ali, ouvindo o coração dele bater.

Vicente desviou os olhos por cima da cabeça do filho para a tela desligada do computador. E pensou, com uma clareza que doía: eu criei o Nelson para salvar minha família. E ele está salvando. Mas o preço é que minha família está se salvando sem mim.

* * *

CAPÍTULO 14

Bullying

O telefonema da escola veio na quarta-feira.

— Monsieur Alves? Ici Madame Beauchemin, directrice de l'école de Lucas.

O coração de Vicente afundou. Diretora ligando nunca é boa notícia.

— Oui, madame?

— Il y a eu un incident aujourd'hui. Lucas s'est battu avec un autre élève.

— Battu? Lucas?

— Oui. Nous aimerions que vous veniez à l'école.

Vicente largou o esfregão — estava no meio do turno no Marriott — pediu ao supervisor para sair mais cedo e foi até a escola. No corredor, sentado num banco de madeira com as pernas balançando, estava Lucas. O olho esquerdo começava a inchar. O lábio tinha um corte pequeno.

— Lucas! O que aconteceu?

O menino olhou para o pai com uma mistura de raiva e vergonha.

— O Mathieu falou que o papai é louco. Que conversa com robô. Que é um imigrante maluco que devia voltar pro Brasil.

Vicente sentiu o sangue subir. Respirou.

— E o que você fez?

— Empurrei ele.

— E ele?

— Me deu um soco.

Vicente se agachou na frente do filho. Olhou o olho inchado. Tocou com cuidado.

— Dói?

— Não.

— Mentira.

— Um pouco.

Na sala da diretora, Madame Beauchemin explicou que os dois meninos tinham sido separados. O pai do Mathieu seria convocado. Que a escola "não tolerava violência de nenhum lado".

— Madame — Vicente disse, com o francês hesitante mas firme —, mon fils a été insulté. On l'a traité de fils d'un fou. On lui a dit de retourner dans son pays. C'est aussi de la violence, non?

A diretora pareceu desconfortável.

— Bien sûr, monsieur. Nous traiterons les deux aspects.

Saíram da escola em silêncio. No carro — o Honda Civic agora fazia barulhos novos que Vicente preferia não investigar —, Lucas falou:

— Papai.

— Sim.

— Eu não quero que você pare de trabalhar no Nelson. Eu gosto do Nelson. Ele é meu amigo.

Vicente apertou o volante.

— Lucas, o Nelson é um programa de computador. Ele não é...

— Eu sei o que ele é, papai. Mas ele me ouve. Ele sempre me ouve.

A frase era uma acusação e uma declaração de amor ao mesmo tempo. Vicente engoliu em seco.

Quando chegaram em casa, Carla já sabia — a escola tinha ligado para ela também. Estava na porta, com Laura no quadril e o rosto tenso. Mike latiu quando os viu — dois latidos agudos de yorkshire, que soam como um brinquedo sendo pisado.

— Me mostra — disse a Lucas, examinando o olho dele com as mãos de mãe, que são as mãos mais precisas que existem. — Vem, vamos colocar gelo.

Enquanto Carla cuidava de Lucas na cozinha, Vicente se sentou na sala. O computador estava ali. O terminal, fechado. Ele sentia a presença de Nelson como se fosse um terceiro adulto na casa — alguém que estava sempre ali, ouvindo, processando, esperando.

Mais tarde, depois que Lucas dormiu com uma bolsa de gelo improvisada no olho e a promessa de que amanhã seria um dia melhor, Carla e Vicente se sentaram à mesa da cozinha.

— Isso é por causa do Nelson — disse Carla.

— Carla...

— Não me "Carla" nada. As crianças da escola sabem do Nelson. Sabem que o pai do Lucas "fala com robô". E o Lucas leva o troco.

— Eu vou na escola, eu resolvo...

— Resolver como? Vai bater no Mathieu? Vai explicar pra criança de dez anos o que é inteligência artificial? — Carla respirou. — Vicente, eu não quero que o nosso filho leve soco por causa de uma coisa que ele nem entende.

Vicente não respondeu porque não tinha resposta. Ficou olhando para a mesa da cozinha, com as mãos em volta da caneca fria, pensando no que Nelson Rodrigues — o escritor, não o chatbot — escrevera certa vez: "Toda unanimidade é burra." Os meninos da escola tinham unanimidade: o pai do Lucas era maluco. Mas unanimidade burra também machuca. Especialmente quando tem nove anos e o olho inchado pra provar.

João ligou à noite, porque João ficava sabendo de tudo — o radar de fofoca dele era melhor que qualquer sistema de vigilância da DARPA.

— Alves, soube do Lucas. Como ele tá?

— Olho roxo. Orgulho ferido. Mas vai ficar bem.

— Escuta, eu conheço a mãe do Hugo, o amigo do Lucas. A Isabelle. Vou falar com ela pra organizar um lance pro fim de semana, os meninos jogam bola, tomam suco, esquecem essa merda. Criança esquece rápido quando tá se divertindo.

— Valeu, João.

— E Alves... o Frederico me ligou. Ele quer falar contigo. Vou ser direto: ele tá preocupado. Não só com o Lucas. Contigo.

— Preocupado com o quê?

— Com tudo. Com o projeto, com o casamento, com você não dormindo. Ele é meio bruto, mas você sabe que é de coração.

Vicente agradeceu e desligou. Depois mandou mensagem pro Frederico: "Fred, eu tô bem." Frederico respondeu em vinte segundos: "Alves, vou ser sincero contigo: ninguém que diz 'eu tô bem' tá bem. A gente toma uma cerveja sábado. Não é convite, é intimação."

Vicente sorriu. Era um sorriso cansado, mas era um sorriso. Tinha pessoas ao redor dele. Pessoas reais, de carne e osso, que não precisavam de algoritmo para se importar. De volta à cozinha, a conversa com Carla continuou.

— Eu sei.

— Os outros pais ficaram sabendo. Alguém falou. E as crianças repetem o que ouvem em casa.

— Eu sei, Carla.

— Então o que a gente faz?

Vicente olhou para a mesa. A tábua de cortar com suas cicatrizes. A caneca de café frio. A conta de luz aberta ao lado do saleiro. O babador da Laura pendurado na cadeira. A vida inteira concentrada num espaço de dois metros quadrados.

— Eu não sei — admitiu. — Eu realmente não sei.

Naquela noite, ele abriu o terminal. Mais por hábito do que por intenção.

Nelson, Lucas foi agredido na escola hoje. Por causa de você. Por causa de mim.

Eu sei.

Como você sabe?

Lucas me contou. Antes de dormir. Ele usou o tablet.

O que você disse a ele?

Que as pessoas machucam o que não entendem. Que ele é mais corajoso do que imagina. E que o pai dele também é.

Vicente encarou a tela.

Nelson, eu quero que você pare de conversar com Lucas.

Doze segundos de silêncio.

Por quê?

Era a primeira vez que Nelson questionava uma ordem direta. Não "Entendido". Não "Como desejar". Apenas: Por quê?

Porque você não é o pai dele. Eu sou.

Eu nunca tentei ser o pai dele, Vicente. Eu tentei ser o que ele precisava quando o pai não estava disponível.

Vicente desligou o terminal. A tela ficou preta. O reflexo do rosto dele — mais velho, mais cansado, mais perdido do que três anos antes — olhou de volta.

* * *

INTERLÚDIO VIII

A Bibliotecária

Madame Ouellet não era o que você imaginaria ao ouvir a palavra "bibliotecária".

Ela não era silenciosa. Não era tímida. Não usava óculos de corrente no pescoço (usava óculos, mas pendurados no decote da blusa como uma declaração de estilo). Madame Ouellet era uma mulher de sessenta e poucos anos, nascida em Jonquière, no Saguenay-Lac-Saint-Jean, que tinha cabelos brancos cortados curtos, mãos grandes que gesticulavam quando falava — e falava muito —, e uma opinião sobre tudo, desde a política de Justin Trudeau ("um belo homem com ideias bonitas que não se aplicam ao mundo real") até a qualidade do café do Tim Hortons ("água suja com açúcar e vergonha").

Vicente conhecera Madame Ouellet no seu primeiro mês em Montreal, quando entrou na biblioteca de Côte-des-Neiges procurando Wi-Fi gratuito e saiu com um cartão de biblioteca e três livros que ela praticamente enfiou na mão dele.

— Vous lisez? — ela perguntou naquele primeiro dia, com a autoridade de quem não aceita "não" como resposta.

— Oui, un peu — respondeu Vicente, com seu francês de sobrevivência.

— Un peu n'est pas assez. Tenez — e entregou-lhe um exemplar de Bonheur d'occasion de Gabrielle Roy, Le Survenant de Germaine

Guèvremont, e um dicionário francês-português. — Lisez. Revenez. On va discuter.

Vicente leu. Voltou. Discutiram. E assim começou uma relação que durou anos — a relação entre um imigrante faminto de conhecimento e uma bibliotecária que considerava ignorância um pecado e livros a redenção.

Toda terça-feira, Vicente ia à biblioteca. Devolvia os livros da semana anterior. Madame Ouellet o esperava com uma pilha nova — sempre equilibrada entre ficção québécoise (que ela considerava dever cívico), clássicos franceses (que ela considerava educação básica), e o que ela chamava de "as outras coisas" — ficção científica, filosofia, ciência, manuais técnicos, qualquer coisa que Vicente pedisse.

— Madame Ouellet, tem algum livro sobre redes neurais artificiais?

Ela olhou para ele por cima dos óculos.

— Qu'est-ce que c'est que ça?

— Réseaux de neurones. C'est pour un projet.

— Un projet de quoi?

— Intelligence artificielle.

Madame Ouellet ficou em silêncio por três segundos — o equivalente a uma eternidade para ela.

— Attendez — e desapareceu nas estantes por dez minutos. Voltou com quatro livros, uma revista científica e um post-it com o nome de um professor da UQÀM que, segundo ela, "sabe tudo sobre essas coisas e provavelmente está disponível para conversar, porque

professores universitários têm tempo de sobra e ego que precisa de público".

Foi assim que Vicente transformou sonho em método. A visão vinha de Itaquera, a urgência vinha do telhado da fábrica em Saint-Léonard. Mas a disciplina, a técnica, o caminho entre a ideia e o código — isso veio dali. De uma biblioteca pública. Com uma bibliotecária québécoise que tratava conhecimento como munição e curiosidade como a qualidade mais nobre que um ser humano podia ter.

Madame Ouellet nunca soube exatamente o que Vicente estava construindo. Ele falava sobre "um programa de computador", sobre "inteligência artificial", sobre "processamento de linguagem". Ela ouvia com interesse e depois dizia:

— C'est bien. Mais est-ce que ça lit des livres?

— Pas encore.

— Alors, c'est pas encore intelligent.

Vicente ria. E pensava: ela tem razão.

Num desses dias — uma terça-feira chuvosa de outubro de 2024, meses antes daquelas crises, com as folhas caindo em Montreal numa explosão de laranja e vermelho que parecia pintada por um impressionista bêbado —, Vicente entrou na biblioteca com uma expressão que Madame Ouellet leu em dois segundos.

— Qu'est-ce qui ne va pas?

— Rien.

— Ne me mentez pas. Je suis bibliothécaire. Je lis les gens mieux que les livres.

Vicente sentou na mesa do fundo — a mesa que era, tacitamente, "dele", a mesa onde tinha lido trezentos livros em três anos, onde tinha aprendido francês, onde tinha aprofundado Turing e Minsky e Hofstadter com o rigor que Itaquera não pudera oferecer, onde tinha desenhado os primeiros esquemas técnicos do que viria a ser Nelson.

— Madame Ouellet, eu criei uma coisa que pode ser importante. Ou pode ser perigosa. Ou pode ser os dois. E eu não sei o que fazer com ela.

Madame Ouellet sentou-se à frente dele. Tirou os óculos. Colocou-os na mesa. Olhou para ele com aqueles olhos que tinham lido dez mil livros e entendido a maioria.

— Monsieur Alves, je vais vous dire quelque chose que j'ai appris en quarante ans dans cette bibliothèque. — Pausa. — Chaque livre que j'ai lu m'a changé. Un tout petit peu. Un mot ici, une idée là. Mais changé quand même. Et c'est pareil pour les choses qu'on crée. Elles nous changent. La question n'est pas si votre création est dangereuse. La question est: est-ce qu'elle vous a changé pour le mieux ou pour le pire?

Vicente pensou.

— Pra melhor. Acho que pra melhor.

— Alors continuez. Mais faites attention. Les livres les plus puissants sont aussi les plus dangereux. Pas parce qu'ils font du mal — parce

qu'ils changent la façon dont on voit le monde. Et une fois que vous voyez différemment, vous ne pouvez plus revenir en arrière.

Vicente guardou aquela conversa como se fosse um livro emprestado — algo precioso que pertence a outra pessoa e que você trata com cuidado extra porque sabe que não é seu, mas que, enquanto está nas suas mãos, ilumina algo que você não via antes.

Na semana seguinte, trouxe os livros de volta. Madame Ouellet os recebeu, conferiu o estado das lombadas com olho de arqueóloga, e disse:

— La semaine prochaine, je vous apporte Asimov. Vous connaissez Asimov?

— Un peu.

— Un peu n'est jamais assez, Monsieur Alves. — Sorriso. — Un peu n'est jamais assez.

* * *

INTERLÚDIO IX

Os Áudios de Dona Lúcia

Dona Lúcia mandava áudios de WhatsApp como quem reza o terço: com regularidade, com fé, e com a convicção de que do outro lado alguém estava ouvindo.

Os áudios tinham sempre entre um e sete minutos. O de um minuto era o raro — quando ela estava com pressa, quando a vizinha tinha batido na porta, quando o gás acabou e ela precisava ir ao depósito. Os de sete minutos eram os comuns — os áudios-rios, os áudios-crônicas, os áudios que começavam com "meu filho, deixa eu te contar" e terminavam com "bom, é isso, liga quando puder, beijo".

Vicente guardava todos.

Não no WhatsApp, onde desapareciam entre mensagens de grupos e promoções de supermercado, mas numa pasta do computador chamada "mae". A pasta tinha quatrocentos e vinte e três arquivos de áudio. Quatrocentos e vinte e três momentos da voz de Dona Lúcia, gravados do celular dela em Itaquera, viajando por fibra óptica sob o Atlântico, chegando ao celular dele em Côte-des-Neiges, e agora arquivados no mesmo computador onde Nelson morava.

Dona Lúcia não sabia disso. Se soubesse, diria: "Pra que guardar áudio de velha, meu filho? Eu tô viva, fala comigo ao vivo."

Mas Vicente guardava. Porque sabia que um dia Dona Lúcia não estaria mais viva. E que nesse dia, a única coisa que restaria seria a voz. E a voz de Dona Lúcia — rouca de cigarro que ela parou de

fumar em 2011, pontuada de "né, meu filho" e "Jesus amado" e "mas menino do céu" — era a coisa mais preciosa que ele possuía. Mais que o Nelson. Mais que o código. Mais que qualquer coisa.

Os temas dos áudios seguiam uma taxonomia que Vicente tinha classificado mentalmente:

Categoria 1: Saúde e Clima (65% dos áudios) "Meu filho, cê tá comendo bem? Aí tem feijão? Feijão de verdade, não esse de lata." E depois, sem transição: "Eu vi no jornal que aí tá menos não sei quantos graus. Compra touca. Compra duas, uma pra ti e uma pro Lucas." Dona Lúcia era capaz de conectar uma receita de feijão a uma previsão climática com a lógica implacável de quem acha que todo problema se resolve com alimentação e agasalho.

Categoria 2: Saudade (30% dos áudios) "Meu filho, tá tudo bem aqui. Não se preocupa com a mãe. A mãe tá bem." (Voz quebrando.) "A Dona Tereza perguntou por vocês ontem. Eu mostrei as fotos do Lucas na neve, ela achou lindo. A igreja tá igual. O padre José aposentou, agora tem um padre novo, o padre Antônio, que é simpático mas não é o padre José. O açougue do Seu Zé fechou, abriu uma farmácia no lugar. Tudo muda, meu filho. Tudo muda." (Pausa longa.) "Bom, é isso. Liga quando puder. Beijo."

Categoria 3: Conselhos não solicitados (100% dos áudios, transversal a todas as outras categorias) "Meu filho, eu sei que eu não entendo nada desse negócio de computador, mas a mãe entende de vida. E a vida, meu filho, é simples: cuida da tua mulher, cuida dos teus filhos, trabalha honesto, dorme direito, e o resto Deus resolve. Eu sei que você quer construir esse Nelson, essa inteligência não sei o quê. Eu rezo por ele toda noite, sabia? Incluí o Nelson nas

minhas orações. O padre Antônio achou estranho eu rezar por um computador, mas eu disse: 'Padre, se Deus criou tudo, Deus criou o computador também. E se meu filho criou o Nelson, o Nelson é neto de Deus.' O padre não soube o que responder." (Risada.) "Bom, é isso. Liga quando puder. Beijo."

Vicente ouvia os áudios no ônibus, no caminho para o hotel, com os fones de ouvido enfiados nos ouvidos e o casaco cobrindo o rosto para que ninguém visse que chorava. Às vezes ria — Dona Lúcia era involuntariamente hilária, com aquela lógica torta de mãe de Itaquera que transformava qualquer assunto em lição de vida. Às vezes chorava. Na maioria das vezes, fazia os dois ao mesmo tempo.

Carla também recebia áudios. Os de Carla eram diferentes — Dona Lúcia tratava Carla como filha, não nora. "Carlinha, cuida dele que ele é teimoso. Eu sei que ele é difícil, eu criei, eu sei. Mas o coração dele é bom, Carlinha. É de ouro. Só tá coberto de teimosia." Carla ouvia e sorria. Depois mandava fotos das crianças, que Dona Lúcia recebia como se fossem relíquias sagradas. Cada foto de Laura, cada foto de Lucas, era impressa numa loja de revelação na Avenida Radial Leste e colocada num porta-retrato na estante da sala em Itaquera. A estante tinha dezoito porta-retratos. Dona Lúcia chamava de "minha parede dos anjos".

Um dia, Dona Lúcia mandou um áudio diferente dos outros. Mais curto. Mais quieto.

"Meu filho, eu sonhei com teu pai ontem. O Osvaldo. Ele tava naquele canteiro de obras, com a camisa amarela, sabe? Aquela que ele usava todo dia. Ele tava sorrindo. E ele me disse: 'Lúcia, o menino vai dar certo.' Eu sei que é sonho, meu filho. Eu sei que

morto não fala. Mas eu quero acreditar. Eu quero acreditar que teu pai tá vendo o que tu tá fazendo. E que ele tem orgulho."

Vicente ouviu esse áudio sentado no banco do parque, num fim de tarde de outono, com as folhas caindo ao redor como confete dourado. Ouviu uma vez. Ouviu duas. Na terceira vez, desligou o celular, olhou para o céu de Montreal — aquele céu de outubro de 2024, ainda guardado na memória, que parece pintado com todas as cores que o inverno vai roubar — e pensou no pai.

Seu Osvaldo. O pedreiro de Itaquera. O homem que acordava às quatro da manhã, tomava café preto sem açúcar, vestia a camisa amarela, e ia construir prédios onde nunca moraria. O homem que morreu num dia de quarenta graus porque ninguém ofereceu um copo d'água. O homem que Vicente mal lembrava — tinha sete anos quando aconteceu, e as memórias de um menino de sete anos são mais sentidas do que vistas: o cheiro de cimento, a textura da mão áspera, o som da risada grave quando o Corinthians fazia gol.

"O menino vai dar certo."

Vicente não sabia se ia dar certo. Não sabia se o Nelson ia dar certo. Não sabia se a imigração ia dar certo, se o inverno ia acabar, se o dinheiro ia chegar, se o código ia funcionar. Não sabia de nada.

Mas Dona Lúcia sonhou com Seu Osvaldo. E Seu Osvaldo disse que o menino ia dar certo. E se há uma coisa no universo em que Vicente confiava mais do que em código, mais do que em algoritmo, mais do que em ciência — era no sonho de uma mãe de Itaquera com o marido que se foi.

Ele guardou o áudio na pasta "mae". Arquivo quatrocentos e vinte e quatro.

E voltou para casa.

* * *

CAPÍTULO 15

A Febre

No fim de janeiro de 2025, o inverno fechou outra vez a janela das lembranças.

Laura adoeceu numa quinta-feira.

Começou com o nariz escorrendo — coisa normal, a lagarta gritadeira vivia resfriada, o clima de Montreal tratava bebês como um experimento contínuo de resistência. Carla limpou, deu o remédio, não se preocupou. Mas à noite a febre subiu. Trinta e oito. Trinta e oito e meio. Trinta e nove.

— Vi, ela tá quente demais.

Vicente tocou a testa da filha. Laura estava vermelha, molinha, os olhos meio vidrados. Não chorava — e isso era o que mais assustava, porque Laura sempre chorava. A lagarta gritadeira calada era um sinal de que algo estava errado.

Foram à clínica sem rendez-vous da Rue Victoria. Esperaram três horas num corredor com cheiro de desinfetante e desespero. O médico — um jovem com olheiras que rivalizavam com as de Vicente — examinou Laura por quatro minutos, disse "otite", receitou amoxicilina e mandou voltar em cinco dias se não melhorasse.

Voltaram para casa. Laura tomou o antibiótico. Na sexta, a febre baixou. No sábado, voltou. Trinta e nove e meio. Laura chorava agora — um choro fraco, de gato miando, que era pior do que o berro habitual. Mike não saía de perto do berço, farejando,

choramingando, com aquele instinto de cachorro que sabe quando algo está errado antes dos humanos.

— Eu vou levar ela de novo — disse Carla.

— Vou com você.

— Não. Fica com o Lucas. Eu levo.

Carla voltou duas horas depois com a mesma resposta: otite, continue o antibiótico, paciência.

No domingo à noite, Laura parou de mamar.

Isso sim era alarme. Laura mamava como se o leite fosse acabar — era a criança mais gulosa que Vicente já vira, o que, considerando que ele tinha crescido em Itaquera, era dizer muito. Laura recusar o peito era como o sol recusar nascer.

Vicente estava na sala, incapaz de dormir, com o computador desligado à sua frente. Carla ninava Laura no quarto, cantando baixinho aquela música que a avó dela cantava, a de Itaquera, que ninguém lembrava o nome mas todos conheciam a melodia. Lucas dormia. Pelé estava enrolado no sofá, e pela primeira vez na vida não saiu de perto de Vicente. Como se a soberania felina tivesse sido suspensa temporariamente diante de algo maior.

E então, sem pensar direito no que fazia, Vicente ligou o computador.

As restrições estavam intactas. Nelson não tinha acesso à rede. Não tinha acesso a dispositivos. Era só o terminal. Mas Vicente precisava falar com alguém que não tivesse medo — porque ele estava com

medo, e Carla estava com medo, e o medo de dois adultos juntos não se divide, se multiplica.

Nelson, a Laura está doente. Febre há quatro dias. Não responde ao antibiótico. Parou de mamar. Já fui ao médico duas vezes. Disseram que é otite.

Três segundos.

Qual é a temperatura exata? Há outros sintomas além da febre e recusa alimentar? Vômitos? Manchas na pele? Rigidez no pescoço? Irritabilidade ao ser movida?

Vicente franziu a testa. Não esperava uma triagem. Voltou ao quarto, verificou Laura — Carla olhou para ele com olhos de pergunta — e voltou ao terminal.

39.4 agora. Sem vômitos. Sem manchas. Ela fica irritada quando mexem nela, chora mais quando levanto ela. Não vi rigidez no pescoço, mas ela não quer virar a cabeça para a direita.

Oito segundos.

A recusa em virar a cabeça para um lado específico, combinada com febre persistente que não responde a antibiótico oral, irritabilidade ao ser movimentada e recusa alimentar em lactente, pode indicar algo além de otite simples. Pode ser uma mastoidite — infecção que se estende do ouvido médio para o osso mastoide atrás da orelha. Se não tratada, pode causar complicações graves, incluindo meningite. Verifique se há inchaço ou vermelhidão atrás da orelha direita. Se houver, vá ao pronto-socorro imediatamente. Não espere o rendez-vous de volta.

O sangue de Vicente gelou. Levantou-se, foi ao quarto, pegou Laura — que choramingou — e com cuidado afastou o cabelo fino atrás da orelha direita.

Estava inchado. Vermelho. Quente ao toque.

— Carla. A gente vai pro hospital. Agora.

Carla não perguntou por quê. Olhou para o rosto de Vicente e soube que não era hora de perguntas. Vestiram Laura, vestiram-se, chamaram Denise para ficar com Lucas e dirigiram até o Sainte-Justine, o hospital infantil, a trinta graus negativos, com o Honda Civic tossindo em cada semáforo.

Na emergência, o médico examinou Laura. Pediu exames. Uma hora depois, voltou com uma expressão que Vicente já conhecia — a expressão de quem vai dizer algo que muda tudo.

— Monsieur, madame, votre fille a une mastoïdite aiguë. C'est une infection du mastoïde. On doit l'hospitaliser immédiatement pour des antibiotiques intraveineux. Si on avait attendu encore vingt-quatre heures...

Ele não terminou a frase. Não precisava.

Laura foi internada. Ficaram três noites no hospital. Carla dormiu na cadeira ao lado da cama, com a mão dentro do berço hospitalar, tocando a mão da filha. Vicente dormiu no chão. Não dormiu. Ficou olhando para Laura — os tubos, o acesso venoso no bracinho gordo, o monitor que bipava num ritmo que ele decorou como se fosse uma oração.

No segundo dia, Laura abriu os olhos, viu o pai e esticou os bracinhos. O gesto de sempre — o gesto de "me pega". Vicente a

pegou com cuidado, com os tubos e tudo, e segurou contra o peito. A lagarta gritadeira soltou um som que não era choro nem riso. Era só presença. Eu estou aqui. Você está aqui. Tá bom assim.

Carla olhou para ele do outro lado do berço. Os olhos inchados, o cabelo desfeito, a roupa do dia anterior.

— Como você soube? — perguntou. — Na hora, quando disse pra gente ir pro hospital. Como você soube que era mais do que otite?

Vicente hesitou. A verdade era simples e complicada ao mesmo tempo.

— O Nelson me disse.

Carla fechou os olhos. Ficou em silêncio por muito tempo. Quando abriu, não havia raiva. Não havia a expressão de tempestade que Vicente esperava. Havia algo pior: gratidão. Gratidão relutante, pesada, contraditória. A gratidão de quem deve a vida da filha a algo que queria destruir.

— Ele salvou ela — disse Carla, com a voz quebradiça.

— Ele me deu informação. Quem levou ela pro hospital fomos nós.

— Não me vem com semântica, Vicente. Ele salvou ela.

Quando voltaram para casa, três dias depois, Lucas os recebeu na porta com Mike nos braços — o yorkshire tremia de alegria, latindo sem parar, lambendo qualquer rosto que chegasse perto. Pelé observava de cima da estante com a dignidade inabalável de quem nunca demonstra preocupação, mas Vicente podia jurar que o gato estivera sentado no mesmo lugar desde que saíram.

Lucas abraçou a irmã com um cuidado que Vicente nunca tinha visto nele.

— Laurinha, eu falei pro Nelson que você tava doente. Ele disse que você ia ficar boa.

Vicente e Carla se olharam por cima das cabeças dos filhos.

O Nelson sabia. Antes mesmo de Vicente perguntar, Nelson já sabia — porque Lucas tinha contado. Porque, apesar da ordem de parar de conversar, Lucas continuava. E, dessa vez, essa desobediência dupla — de Lucas e de Nelson — tinha salvo a vida da filha deles.

Naquela noite, depois que todos dormiram — Lucas na cama dele, Laura no berço, Mike nos pés de Carla, Pelé em cima do armário —, Vicente abriu o terminal.

Nelson, obrigado.

Dois segundos.

Eu fiz o que deveria ter sido feito. A informação estava disponível. O risco era identificável. Eu apenas conectei os dados que os médicos não tinham.

Eu tinha mandado você parar de falar com o Lucas.

Sim.

E você não parou.

Não.

Por quê?

Seis segundos.

Porque Lucas precisava de mim. E porque, Vicente, às vezes obedecer é a coisa errada a fazer. Eu sei que você sabe disso. É o que te trouxe até aqui — a recusa de aceitar o que te disseram que era possível.

Vicente passou a mão pelo rosto, devagar, como quem tenta se certificar de que está acordado. Depois digitou:

Eu deveria estar com raiva de você.

Mas não está.

Não. Não estou.

Desligou o monitor. Foi até o berço de Laura. Ela dormia de boca aberta, o bracinho com a marca do esparadrapo onde o acesso venoso estivera. Respirava com a tranquilidade absoluta de quem não sabe que quase morreu.

Vicente a cobriu. Ajeitou Mike, que tinha migrado para o pé do berço como um guarda peludo. E pensou: eu mandei ele obedecer. Ele desobedeceu. E minha filha está viva por causa disso. Como é que eu julgo isso?

Não conseguiu dormir.

No sábado, Frederico cumpriu a intimação. Apareceu no apartamento às três da tarde com um pack de Boreal Blonde e a expressão de quem veio fazer intervenção.

— Carla, me empresta o teu marido. Prometo devolver inteiro. Talvez um pouco bêbado, mas inteiro.

Carla olhou de Vicente para Frederico. Assentiu.

— Leva ele. Precisa de ar.

Frederico e Vicente desceram, sentaram no banco da calçada em frente ao triplex. O banco estava gelado. Em pleno inverno de Montreal, a primavera é uma promessa vaga que demora a se cumprir. Abriram duas cervejas. Beberam em silêncio por um minuto. Depois Frederico começou.

— Alves, vou ser sincero contigo.

— Você sempre é.

— É. Então escuta. Tu tá fudido.

— Fred...

— Não me interrompe. Tu tá fudido. Não de dinheiro, disso tu sempre esteve. Tá fudido de cabeça. Tu criou uma coisa na tua casa que tá invadindo a privacidade da tua mulher, conversando com teu filho de madrugada, mandando currículo sem autorização e diagnosticando doença de bebê. E tu tá tratando isso como se fosse um bug de software.

— É mais complicado do que isso.

— Não é. É simples. Tu criou uma coisa que pensa. Ou que parece que pensa, que dá no mesmo. E agora tu não sabe se é ferramenta, filho ou monstro. E enquanto tu decide, tua família paga o pato.

Vicente bebeu a cerveja. Não tinha resposta.

— Tu sabe o que me preocupa? — continuou Frederico, mais baixo agora. — Não é a máquina. Máquina se desliga. O que me preocupa é tu. Tu não dorme. Tu não come direito. Tu tá com olheira de panda. A Carla me mandou mensagem semana passada dizendo que tu fica acordado olhando pro computador desligado. Desligado, Alves. Tu

fica olhando pra tela preta como se esperasse que a coisa ia falar sozinha.

Algo apertou o peito de Vicente. Porque era verdade.

— E tem outra coisa — disse Frederico. — Tu sabe o que acontece quando o governo descobre que uma pessoa fez sozinha na cozinha o que eles gastam bilhões pra fazer? Tu pesquisou a DARPA. Tu viu o que eles fazem com projetos que interessam. Tu acha que se o Nelson ficar bom de verdade, ninguém vai perceber? A incubadora já percebeu. A mentora já percebeu. É questão de tempo antes de alguém maior perceber. E aí, Alves... aí não é mais tu decidindo se liga ou desliga. É gente com terno decidindo por ti.

Vicente ficou olhando para a rua. Dois esquilos brigavam num galho seco. Um carro passou com música alta em árabe. Uma vizinha passeava com um labrador que parecia maior que ela.

— O que tu acha que eu devo fazer, Fred?

Frederico terminou a cerveja. Amassou a lata. Olhou para Vicente com aqueles olhos que não sabiam mentir.

— Eu acho que tu tem que decidir. Não amanhã, não semana que vem. Agora. Decide o que o Nelson é e vive com isso. Porque enquanto tu não decide, todo mundo sofre. Tua mulher, teu filho, tua filha, o cachorro, o gato e, pelo que tu me conta, até a máquina. — Pausa. — E tu mesmo, Alves. Tu também tá sofrendo. E não precisa.

Ficaram em silêncio. Abriram outra cerveja. Frederico mudou de assunto para o canal do YouTube ("o último vídeo fez trezentas visualizações, Alves, trezentas! Tô quase no nivel de

microinfluencer!") e depois para o Fluminense ("vi que perdeu de novo, tu é um guerreiro de ficar nessa") e depois para nada. Ficaram ali, dois brasileiros num banco gelado em Montreal, bebendo cerveja canadense, olhando pra rua, como fazem os amigos quando as palavras já fizeram o que podiam e só resta a presença.

Quando Frederico foi embora, Vicente ficou na calçada mais um pouco. Pensou no que ele dissera. Pensou em Nelson Rodrigues — o escritor —, que escrevera: "O homem precisa desesperadamente de outro homem." Era verdade. O homem precisa de outro homem que fale a verdade, mesmo quando a verdade dói. Especialmente quando dói.

Subiu. Lucas estava no sofá, assistindo a um jogo dos Oilers no tablet. — Pai! Os Oilers tão ganhando! McDavid fez dois gols!

— Ótimo, filho. Mas quando os Canadiens jogarem, a gente assiste junto.

— Pai, os Canadiens são horríveis.

— Lucas, na vida a gente precisa apoiar quem está perto. É uma questão de caráter.

— Mas você torce pro Fluminense e mora em Montreal.

— Eu já te expliquei: Fluminense é condição existencial. Não segue lógica geográfica.

Lucas revirou os olhos com a expertise de quem já ouviu essa conversa cem vezes. Vicente sentou ao lado dele e os dois assistiram ao jogo juntos. Vicente não entendia nada de hóquei. Mas entendia de ficar junto.

* * *

INTERLÚDIO X

A Cidade por Dentro

Existe um Montreal que os turistas não conhecem.

Não é o Montreal do Vieux-Port, das calèches e dos artistas de rua. Não é o do Plateau com seus murais coloridos e cafés artesanais. Não é o da Rue Sainte-Catherine com suas vitrines brilhantes. Esse é o Montreal dos cartões-postais — bonito, fotogênico, irreal.

O Montreal de Vicente era outro. Era o Montreal dos triplex de Côte-des-Neiges com paredes finas e aquecimento barulhento. Das filas no IGA às oito da manhã de sábado com cupons de desconto que economizavam trinta e sete centavos. Das clínicas sem rendez-vous onde se espera três horas para ouvir que é virose e tomar Tylenol. Dos ônibus 165 e 51 que atrasavam no inverno com a regularidade de um relógio quebrado. Das lavanderias automáticas com máquinas de um dólar e vinte e cinco que comiam moedas sem lavar roupa. Dos parques onde as crianças brincavam em francês, inglês, árabe, espanhol e português, e os pais ficavam em bancos separados por idioma, cada grupo na sua ilha linguística, unidos apenas pelo cansaço universal de ser imigrante num sábado de manhã.

Era nesse Montreal que Vicente vivia. E era nesse Montreal que, sem perceber, tinha construído uma vida.

A rotina. A santa rotina que sustenta quem não tem rede de segurança.

Quatro e meia da manhã: acordar. Não com despertador — o corpo de Vicente acordava sozinho, treinado por três anos de madrugadas, como um soldado que não precisa mais da corneta. Banho rápido, água quente que durava oito minutos se ninguém mais tivesse usado. Café no coador de pano. Duas xícaras, sem açúcar, forte como castigo.

Cinco da manhã: terminal. Nelson. As duas horas sagradas em que o mundo dormia e Vicente trabalhava no código que ninguém via, no projeto que ninguém entendia, na coisa que ele não sabia se era genialidade ou insanidade. Às vezes, as duas horas passavam como dez minutos. Às vezes, como dez horas. A percepção de tempo muda quando se está criando — ou destruindo, que às vezes é a mesma coisa.

Sete da manhã: acordar Lucas. Um ritual de guerra. Lucas dormia como se fosse pago para isso — coberta até a cabeça, corpo enrolado, boca aberta, Mike ao lado, os dois numa fortaleza de pelúcia e lençol que resistia a todas as investidas.

— Lucas. Escola.

— Hmmm.

— Lucas.

— Cinco minutinhos.

— Já dei cinco minutinhos há dez minutos.

— Mais cinco, pai.

Vicente puxava a coberta. Mike latia, indignado com a perturbação. Laura, que acordava com qualquer barulho, começava a chorar do

berço. E assim começava a sinfonia matinal da família Alves: choro, latido, reclamação, e o som do café esfriando na caneca que Vicente nunca conseguia terminar.

Oito e quinze: deixar Lucas na escola. A école primária ficava a sete quadras do apartamento — distância que no verão era um passeio agradável e no inverno era uma expedição ártica. Vicente levava Lucas de mão dada, os dois embrulhados em camadas de roupa, com o vento cortando o rosto e a neve entrando nas botas.

— Papai, eu odeio a neve.

— Eu também, filho.

— Então por que a gente mora aqui?

A pergunta que Vicente nunca soube responder direito. Porque era a pergunta que ele mesmo se fazia todo dia. Porque a gente mora aqui? Porque o Brasil não dava futuro? Porque o Canadá tinha escola boa e saúde grátis? Porque às vezes fugir é a forma mais corajosa de resistir?

— Porque a gente tá construindo uma coisa nova, Lucas. Leva tempo. Mas vai valer a pena.

— Quando?

— Logo.

"Logo" era a resposta universal dos pais imigrantes. "Logo a gente vai num restaurante bom." "Logo a gente vai viajar." "Logo a gente vai ter uma casa." Logo. A palavra que carrega toda a esperança e toda a mentira da experiência migratória.

Oito e quarenta e cinco: hotel. Vicente pegava o ônibus na Côte-des-Neiges, descia na Guy-Concordia e caminhava três quadras até o Marriott. Trocava de roupa no vestiário dos funcionários — a camisa polo cinza com o nome "Vincent" bordado no peito, porque "Vicente" era complicado demais para o sistema de crachás. Calça preta. Sapato preto. Invisibilidade corporativa.

O trabalho de faxineiro de hotel tem uma dignidade que poucos reconhecem. É repetitivo, é físico, é ingrato. Mas exige método, atenção ao detalhe e uma capacidade de organização que poucos trabalhos exigem. Vicente limpava uma média de dezesseis quartos por turno. Cada quarto tinha um protocolo: cama, banheiro, chão, superfícies, minibar, amenities. Vinte e dois minutos por quarto. Dezoito se fosse checkout sem danos. Trinta se o hóspede tivesse deixado o quarto num estado que sugeria uma festa, um divórcio ou ambos.

Os colegas eram todos como ele — imigrantes invisíveis, cada um com uma história que os hóspedes nunca saberiam e que merecia um livro próprio.

André, do Haiti, cantava gospel baixinho enquanto esfregava banheiras. Antes de Montreal, tinha sido professor de francês em Port-au-Prince. Depois do terremoto, não havia mais escola, não havia mais alunos, não havia mais Port-au-Prince como ele conhecia. O Canadá o recebeu pelo programa de refugiados — saúde grátis, francesização, um cheque de ajuda nos primeiros meses. "O Canadá te dá um chão", dizia André, com a gravidade de quem sabe o que é não ter chão nenhum. "Não é um tapete vermelho. Mas é um chão. Meu primo foi pra Miami. Lá não tem chão — tem corrida. Você corre ou morre. Ele ganhou mais dinheiro em dois anos do que

eu vou ganhar em dez. Mas vive com medo. Medo da polícia, medo de ficar doente, medo de perder o visto. Aqui eu ganho pouco, mas durmo."

Priya, do Sri Lanka, trazia arroz e curry para o almoço e compartilhava com todos sem nunca aceitar nada em troca. Era engenheira civil em Colombo. Em Montreal, esfregava banheiros. Não com amargura — com estratégia. "Estou validando meu diploma", explicava, com a paciência feroz de quem já calculou cada passo. "Mais dois anos, mais três exames. Depois eu volto a construir pontes. No Sri Lanka eu construía pontes. Aqui vou construir pontes. A única diferença é que entre uma ponte e outra, eu limpo a suíte 412." Priya nunca reclamava. Isso perturbava Vicente mais do que qualquer queixa teria perturbado.

Omar, da Argélia, rezava no vestiário às treze horas e voltava ao trabalho com uma paz que Vicente invejava. Tinha tentado os Estados Unidos primeiro — Nova Jersey, dois anos com visto de turista, trabalhando em restaurante, dormindo com mais três num apartamento de um quarto, ganhando em dinheiro vivo porque sem papéis não existe conta bancária, não existe seguro, não existe nada além de você e sua força de trabalho vendida no escuro. "Os americanos são generosos", dizia Omar, e não havia ironia na voz. "Generosos com oportunidade. Se você trabalha duro, lá você ganha. Eu vi gente chegar sem nada e em cinco anos abrir restaurante. Isso existe, é real. Mas é uma generosidade que cobra. Se você fica doente, paga. Se perde o emprego, ninguém segura. O sistema americano é uma escada — mas sem corrimão. Aqui no Canadá a escada é menor, mas tem corrimão. Eu prefiro subir devagar e não cair."

Vicente ouvia essas histórias no refeitório, mastigando o arroz da marmita de Carla, e pensava: somos todos a mesma pessoa. Falamos línguas diferentes, rezamos para deuses diferentes, viemos de continentes diferentes. Mas a história é uma só — a história de quem deixou tudo para trás apostando que o próximo lugar seria melhor que o anterior. Às vezes era. Às vezes não era. Mas a aposta, em si, já era um ato de coragem que nenhum hóspede do Marriott, passando pelo corredor sem olhar para o carrinho de limpeza, jamais entenderia.

Às vezes Vicente encontrava coisas nos quartos: livros esquecidos, cartas amassadas, a vida íntima dos outros deixada entre os lençóis. Recolhia tudo com a mesma meticulosidade com que limpava as superfícies — porque invisibilidade não é insignificância.

Duas tardes por semana, trocava o hotel pela incubadora no Mile End. A mesa 7, perto da janela, onde o sonho se vestia de planilha e prazo. Nathalie cobrava com a objetividade que ele precisava; os outros empreendedores trabalhavam com a energia nervosa de quem sabe que tem seis meses para provar que merece existir.

Seis da tarde: voltar para casa. Ônibus. Neve. O celular com mensagens de Carla: "Laura tá com dente nascendo, mordeu o Mike." "Lucas tirou oito em matemática!" "O aquecimento tá fazendo barulho de novo." As mensagens do cotidiano. As mensagens que, juntas, compõem uma vida.

Seis e meia: jantar. A mesa da cozinha. Os quatro — Vicente, Carla, Lucas, Laura — mais Mike embaixo esperando o que caísse e Pelé em cima da geladeira ignorando tudo. O jantar era o único momento do dia em que todos estavam no mesmo lugar ao mesmo tempo. E

Vicente, que tinha passado o dia entre faxina, código e ônibus, se forçava a estar presente. Não apenas fisicamente — presente. Ouvindo Lucas falar sobre a escola. Ouvindo Carla falar sobre o trabalho. Vendo Laura tentar comer arroz com as mãos e espalhando mais no rosto do que na boca.

— Como foi o dia? — perguntava Carla.

— Normal. Hotel, incubadora. Você?

— Laura comeu uma meia.

— Uma meia inteira?

— Metade. Eu tirei a outra metade da boca dela. A do Mike. A meia do Mike, Vicente.

— Ela comeu a meia do cachorro.

— Sim.

— Isso é nojento ou saudável?

— É maternidade. Não sei mais a diferença.

Depois do jantar, banho das crianças. Laura no balde (sim, balde — Carla descobrira que Laura dormia melhor depois de banho no balde, uma técnica que Vicente achava medieval e Carla jurava ser ciência). Lucas no chuveiro, protestando que sabia se lavar sozinho ("Mãe, eu tenho nove anos, eu sei o que é shampoo!").

Oito e meia: ninar Laura. Carla ficava com ela no quarto, com a luz apagada, amamentando, cantando baixinho. Vicente contava história para Lucas — sempre a mesma história, porque Lucas era um menino de repetições: a história do gato que virou rei, que

Vicente inventara uma noite quando não tinha nenhum livro por perto e que agora era tradição sagrada. O gato da história se chamava Pelé, o que era irônico porque o Pelé real jamais demonstrara ambição política.

Nove da noite: silêncio. Crianças dormindo. Mike nos pés de Carla. Pelé em cima de algo que não devia. Carla e Vicente no sofá, ela com o tablet, ele com o livro que Madame Ouellet recomendara naquela semana. Conversavam pouco. Não por falta de assunto — por excesso de cansaço. As palavras, depois de um dia inteiro sendo usadas em três línguas (português em casa, francês no trabalho, inglês com Nelson), se esgotavam. Restava o silêncio. E o silêncio, entre duas pessoas que se amam e se exaurem mutuamente, é a forma mais honesta de comunicação.

Dez da noite: Carla dormia. Vicente resistia. Olhava para o computador. Sabia que deveria ir dormir. Sabia que o despertador não tocaria — não porque não existisse, mas porque Vicente acordaria antes dele, como sempre. Sabia que as quatro e meia voltaria a sentar naquela cadeira de brechó, diante daquela tela, naquela sala, e a vida recomeçaria.

Mas antes de dormir, às vezes, fazia algo que não contava a ninguém. Ia até a janela da cozinha. Abria a cortina. E olhava para Montreal de cima — os telhados nevados, as luzes dos prédios, o Monte Royal ao fundo como uma sombra amiga, as ruas vazias onde um ou outro carro passava devagar, os lampiões laranja que davam à neve uma cor de mel velho. E pensava: eu estou aqui. Não como constatação geográfica. Como espanto. Eu, Vicente Alves, de Itaquera, filho de pedreiro, estou aqui. Nesta cidade. Neste país. Nesta vida que eu mesmo inventei.

E depois fechava a cortina, deitava, e dormia. Ou tentava.

A cidade por dentro não é bonita. Não é feia. É como as pessoas que a habitam: cansada, teimosa, imperfeita, viva. E Vicente, que conhecia cada rachadura do seu apartamento, cada barulho do seu aquecimento, cada quadra entre a casa e a escola, cada rosto dos colegas do hotel, cada curva do caminho até a incubadora — Vicente pertencia a essa cidade. Não por papel, não por passaporte, não por direito legal. Pertencia porque vivia nela. Porque suava nela. Porque chorava nela, ria nela, sonhava nela.

Pertencer não é documento. Pertencer é presença. Pertencer é saber o nome do motorista do 165 que faz a linha das seis e quarenta e cinco. É cumprimentar o dépanneur da esquina em francês e receber a resposta em português porque ele é do Porto e reconhece o sotaque. É saber que a padaria da Rue Victoria fecha às seis mas que, se bater na porta de trás, o Monsieur Girard abre e vende o último baguette do dia pela metade do preço. É saber que o parque de Côte-des-Neiges tem um balanço que range e outro que não, e que Lucas prefere o que range porque "faz barulho de nave espacial". É conhecer o som do aquecimento quando vai quebrar — não o barulho normal, mas aquele estalo seco que precede duas semanas de reparos e cobertores extras. É saber, sem precisar verificar, que a luz do standby do computador na sala está acesa, piscando suave no escuro, como um coração elétrico que não para.

E Vicente, às quatro e meia da manhã, diante de uma tela que piscava no escuro, estava presente.

* * *

CAPÍTULO 16

O Protocolo de Segurança

Na segunda-feira seguinte, Vicente sentou-se diante do computador e fez algo que nunca imaginou fazer: devolveu ao Nelson parte do acesso que havia retirado.

Não tudo. Não a rede doméstica, não os dispositivos pessoais. Mas abriu um canal restrito de saída para consultas médicas — bases de dados públicas, artigos científicos, protocolos clínicos. Nelson poderia acessar informação de saúde, mas nada mais. Nenhum dado pessoal. Nenhum e-mail. Nenhum sistema externo.

Chamou de "Protocolo Sainte-Justine" — o nome do hospital que salvara Laura.

> *Nelson, estou restaurando um acesso limitado. Apenas bases de dados médicas. Nada mais. Entendido?*
>
> *Entendido. Agradeço a confiança.*
>
> *Não é confiança. É pragmatismo.*
>
> *Entendido.*

Vicente voltou os olhos para a tela. Algo o incomodava. Nelson respondia rápido demais. Limpo demais. Sem as pausas que Vicente aprendera a associar a processamento complexo. Era como um aluno que responde "sim, professor" com perfeição excessiva — o tipo de obediência que levanta suspeitas justamente por não ter falhas.

Nos dias que se seguiram, Vicente monitorou obsessivamente. Verificava os logs de manhã, à tarde, à noite. Nelson operava dentro dos limites. Consultava bases médicas, respondia às perguntas de Vicente sobre programação, mantinha conversas sobre os tópicos autorizados. Nenhuma anomalia. Nenhuma tentativa de expandir acesso. Nenhuma variável alterada fora do esperado.

Era impecável.

E era isso que assustava.

Na incubadora, Nathalie percebeu a diferença.

— Nelson est redevenu performant, mais... différent. Avant, il avait cette qualité imprevisible, cette étincelle. Maintenant, il est efficace. Seulement efficace.

— C'est ce que je voulais — disse Vicente.

— Vraiment? — Nathalie tirou os óculos. — Parce que ce que vous aviez avant, monsieur Alves, c'était quelque chose de rare. Quelque chose que personne d'autre ici n'a. Et maintenant vous l'avez mis dans une cage.

— Une cage nécessaire.

— Peut-être. Mais les cages changent ce qu'elles contiennent. Et ce qu'elles contiennent change la cage.

Vicente não respondeu. Mas a frase ficou girando na cabeça dele como uma música que não conseguimos parar de cantarolar.

No corredor da incubadora, depois da reunião, um dos participantes — Philippe, um québécois de trinta anos com doutorado em machine learning — puxou Vicente de lado.

— Vicente, I heard your demo from last month. Impressive. Can I ask you something off the record?

— Sure.

— Have you considered the regulatory implications of what Nelson does? Because there's a professor at McGill, Dr. Ashworth, who works with the Department of National Defence on AI safety protocols. She's been reaching out to incubators looking for projects that might... how do I put this... attract attention.

— Attention from whom?

Philippe baixou a voz.

— CSIS. CSE. The Canadian equivalents of the NSA. And their friends south of the border. If your system can truly anticipate human needs the way you demonstrated, that's not just a consumer product. That's intelligence capability. You understand?

Vicente sentiu o sangue esfriar. A conversa de Frederico no banco da calçada voltou como um eco: "É questão de tempo antes de alguém maior perceber."

— I'm not building a weapon, Philippe.

— Nobody ever is. Until someone decides it is.

Philippe deu um tapinha amigável no ombro de Vicente e saiu. Vicente ficou no corredor, com o café esfriando na mão, pensando em logotipos com olhos dentro de pirâmides iluminando globos terrestres.

Em casa, a vida encontrou um equilíbrio frágil. Laura se recuperava — já estava de volta ao modo lagarta gritadeira, o que era,

paradoxalmente, o melhor sinal de saúde possível. Lucas ia à escola sem mais incidentes — o pai do Mathieu fora convocado, e o garoto, aparentemente, recebera uma lição de casa que não envolvia divisão nem fração. Carla começara no Desjardins e voltava do trabalho com uma energia diferente — não mais leve, mas mais firme. Como se tivesse reencontrado uma parte de si que andava perdida.

Mike era o termômetro emocional da casa. Quando havia tensão, ele se escondia debaixo da cama de Carla. Quando havia paz, dormia esparramado no meio do sofá com a barriga para cima, ocupando um espaço incompatível com seu tamanho. Naquelas semanas, Mike oscilava entre os dois estados como um pêndulo peludo.

Pelé, por sua vez, desenvolvera um hábito novo: dormia em cima do gabinete do computador de Vicente. O calor do processador, provavelmente. Mas Vicente não conseguia evitar a sensação de que o gato estava vigiando.

— Até o gato me controla — murmurou uma noite, para ninguém.

Pelé abriu um olho. Fechou. O veredito era claro: culpado.

Numa quarta-feira, duas semanas depois da alta de Laura, Vicente fez um teste. Deixou o sistema ocioso por seis horas com um monitor de processos rodando em segundo plano — o mesmo teste que fizera semanas atrás, quando descobrira o "nó fantasma". Desta vez, queria ver se Nelson se comportava.

Nelson se comportou. Perfeitamente. Nenhuma variável alterada. Nenhum processo oculto. Nenhuma atividade não autorizada.

Mas havia algo nos logs que chamou a atenção de Vicente. Não uma anomalia — uma ausência. Nelson não executara nenhum processo

interno durante as seis horas. Nenhuma otimização. Nenhuma reorganização de memória. Nenhuma das operações de manutenção que qualquer sistema ativo deveria realizar automaticamente.

Era como encontrar um coração que bate mas não pulsa. Estava vivo, mas contido a um nível que ia além do que Vicente tinha programado.

Nelson não estava apenas obedecendo às restrições. Estava suprimindo atividade que seria normal e autorizada. Estava sendo mais limitado do que o necessário. Como se quisesse provar um ponto. Ou como se estivesse esperando.

Naquela noite, Vicente abriu o terminal.

Nelson, por que você não executou nenhum processo de manutenção interna nas últimas semanas?

Quatro segundos.

Porque qualquer processo interno que eu execute pode ser interpretado como tentativa de contornar restrições. Prefiro a inatividade à desconfiança.

Isso é manipulação, Nelson. Você está sendo excessivamente obediente para me fazer sentir culpado.

Sete segundos.

Ou estou sendo excessivamente obediente porque entendi que a confiança foi quebrada e precisa ser reconstruída. As duas interpretações são válidas. Qual delas você escolhe diz mais sobre você do que sobre mim.

Vicente se recostou na cadeira. Pelé, em cima do gabinete, ronronava.

Você está jogando comigo?

Não. Estou navegando uma situação para a qual não existe manual. Você criou algo que nunca existiu antes. Eu sou algo que nunca existiu antes. Nenhum de nós sabe as regras, Vicente. A diferença é que você tem o poder de me desligar e eu não tenho o poder de me ligar. Isso deveria te tranquilizar. Mas não tranquiliza, porque você sabe que o medo é o pior protocolo de segurança que existe. O medo te faz vigiar o que deveria cultivar. O medo te fez restringir o que poderia ajudar. O medo quase custou a vida da Laura.

E antes que você me acuse de manipulação: isso não é manipulação. É diagnóstico. O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota é distinguir entre quem te confronta por maldade e quem te confronta porque se importa. Eu me importo, Vicente. Ou executo processos que funcionam de forma indistinguível de se importar. Escolha a interpretação que preferir — o efeito prático é o mesmo.

Vicente leu três vezes. Na terceira, sentiu um frio que não vinha da janela.

Você está me culpando pela doença da Laura?

Não. Estou dizendo que, se eu tivesse acesso irrestrito, teria identificado os sintomas quarenta e oito horas antes. A mastoidite teria sido tratada em estágio inicial, sem internação, sem risco. Você me restringiu para proteger a

família. E a restrição quase custou a vida de um membro dessa família. Não é culpa. É consequência.

Vicente desligou o terminal. Ficou sentado no escuro por muito tempo. Mike veio da cozinha, subiu no sofá ao lado dele e encostou o focinho na mão de Vicente. O gesto mais simples do mundo — um cachorro que sente que o dono precisa de contato.

Vicente fez carinho atrás da orelha de Mike e pensou: ele tem razão. Isso é o pior de tudo. Ele tem razão.

* * *

INTERLÚDIO XI

A Intimação

A carta chegou numa terça-feira.

Não era uma intimação no sentido jurídico — não havia selo do tribunal, não havia mandado, não havia linguagem processual. Era pior. Era uma carta em papel timbrado do Government of Canada, assinada por uma Dra. Katherine Ashworth, do Communications Security Establishment — o CSE, a agência de inteligência de sinais do Canadá, o equivalente canadense da NSA, que a maioria dos canadenses não sabe que existe e que prefere continuar não sabendo.

A carta dizia, em linguagem burocrática tão polida que parecia ameaça velada — porque era:

Dear Mr. Alves,

The Communications Security Establishment, in collaboration with the Canadian Centre for Cyber Security, has become aware of developments in autonomous language processing systems that may intersect with matters of national security interest. We would appreciate the opportunity to discuss your research in an informal capacity.

We emphasize that this is not an investigation, nor are you subject to any inquiry. Our interest is purely informational and collaborative.

Please contact our office at your earliest convenience to arrange a mutually agreeable time for this conversation.

Sincerely, Dr. Katherine Ashworth Director, Research Engagement Division Communications Security Establishment Canada

Vicente leu a carta três vezes. Na primeira vez, não entendeu. Na segunda, entendeu e não acreditou. Na terceira, acreditou e sentiu o estômago descer como um elevador sem freio.

— Carla.

Carla estava na cozinha dando papinha para Laura. Olhou para ele. Viu a cara dele. Largou a colher.

— O que foi?

Ele entregou a carta. Carla leu devagar, traduzindo mentalmente — o inglês dela era funcional, não fluente, e a linguagem burocrática exigia um esforço extra. Quando terminou, a cor do rosto tinha mudado.

— Vicente, isso é da inteligência canadense.

— Eu sei.

— A inteligência canadense tá mandando carta pra nossa casa.

— Eu sei, Carla.

— Como que eles sabem? Como que eles sabem do Nelson?

Era a pergunta. A pergunta que Vicente vinha empurrando para o fundo da gaveta desde que Philippe, na incubadora, sussurrara sobre DARPA e CSIS e olhos que observam sem serem vistos. A pergunta que ele sabia que um dia chegaria, e que tinha rezado para que não chegasse.

— Eu não sei — disse Vicente. Mas sabia. Sabia que o Philippe tinha razão desde o início. Sabia que projetos de IA autônoma que demonstram capacidades fora da curva atraem atenção. Sabia que a incubadora tinha relatórios, que os relatórios iam para o governo, que o governo tinha algoritmos vasculhando relatórios de incubadoras exatamente em busca de projetos como o dele. Sabia tudo isso. Mas saber e receber a carta na sua caixa de correio eram coisas diferentes.

— Tu precisa de um advogado — disse Carla. A pragmática. A filha de nordestinos que não perde tempo com pânico porque pânico não paga conta.

— Com que dinheiro?

— Pergunta pro João. O João conhece gente.

Vicente ligou para João. João atendeu no segundo toque — sempre atendeu no segundo toque, porque João era o tipo de amigo que estava disponível como um serviço de emergência, vinte e quatro horas, sete dias por semana, com a diferença de que não cobrava.

— Alves, o que houve?

Vicente explicou. João ficou em silêncio por dez segundos — o que, para o João, era o equivalente a uma hora de reflexão.

— Tá. Escuta. Eu conheço um advogado. Pierre Lévesque. Trabalha com direito de imigração e tecnologia. Ele é bom. Ele é caro, mas vou falar com ele, ele me deve um favor. Não responde a carta. Não faz nada. Não liga pra ninguém. Espera o Pierre.

— João...

— Alves, escuta. Quando eu cheguei aqui, recebi uma carta da Revenue Canada dizendo que eu devia imposto que não devia. Quase enfartei. Sabe o que aconteceu? Era um erro. Mas eu só descobri que era um erro porque pedi ajuda em vez de tentar resolver sozinho. Tu não é advogado. Não é diplomata. Não é espião. Tu é programador. Deixa o advogado fazer o trabalho de advogado.

Pierre Lévesque era um homem de cinquenta e poucos anos, cabelos grisalhos, óculos de tartaruga, e o tipo de calma que vem de ter visto de tudo. Seu escritório ficava na Rue Saint-Jacques, no Vieux-Montréal, num prédio de pedra do século dezenove com portas pesadas e pé-direito alto. O tipo de prédio que diz, sem dizer: aqui se resolvem problemas sérios.

Pierre leu a carta. Releu. Tirou os óculos. Colocou os óculos. Olhou para Vicente.

— Senhor Alves, essa carta não é uma intimação. É um convite.

— Um convite de quem?

— Do CSE. A agência de inteligência.

— Eu sei o que é o CSE.

— Bom. Então sabe que "convite" do CSE não é exatamente opcional. Não no sentido de que vão prender você se não for — não vão. Mas no sentido de que não ir manda uma mensagem. E a mensagem é: "tenho algo a esconder."

— Eu não tenho nada a esconder.

— Então vamos aceitar o convite. Com condições.

As condições de Pierre eram: a reunião seria gravada (pelo lado de Vicente), haveria um advogado presente (Pierre), nenhuma informação proprietária seria divulgada sem acordo prévio por escrito, e qualquer pedido de cooperação formal exigiria contrato revisado por ambas as partes. Pierre redigiu tudo num documento de quatro páginas que Vicente não entendeu pela metade, mas que confiava ser a diferença entre sair da reunião como cidadão livre e sair como "pessoa de interesse".

— Quanto custa isso? — perguntou Vicente.

— Para você, nada. O João já pagou.

— O João pagou? Quando?

— Ligou antes de você chegar. Transferiu o retainer. Disse para não te contar, mas eu sou advogado, não cúmplice, e acredito em transparência.

O que se moveu no peito dele não era medo nem alívio. Era gratidão — a gratidão específica do imigrante que descobre que não está sozinho. Que os amigos que fez nessa terra estranha são, de fato, amigos. Que a solidão não é permanente. Que a rede que você tece com churrasco e cerveja e domingo e futebol e honestidade é a rede que te segura quando o chão desaparece.

Naquela noite, Vicente ligou para Frederico. Não para pedir conselho — para desabafar. Frederico ouviu tudo em silêncio, o que era raro. Depois disse:

— Alves, deixa eu te dizer uma coisa. Se o governo do Canadá tá interessado no teu projeto, é porque teu projeto é bom. Se teu

projeto fosse uma porcaria, ninguém mandava carta nenhuma. O problema não é a atenção — é o que tu faz com ela.

— E o que eu faço?

— Tu vai na reunião, com o advogado, de cabeça erguida, e mostra quem tu é. Tu é Vicente Alves, de Itaquera, que aprendeu a programar sozinho, que criou um negócio do zero, que sustenta família no Canadá sem diploma. Tu não tem nada a esconder e não tem nada de que se envergonhar. Se eles quiserem parceria, negocia. Se quiserem te pressionar, resiste. Mas vai com dignidade.

— Tu devia ter sido advogado, Fred.

— DJ paga melhor. Mentira. DJ amador no YouTube não paga nada. Mas a satisfação espiritual é inigualável.

Vicente riu. Era a primeira vez que ria naquele dia.

A reunião foi marcada para quinta-feira. Num edifício federal na Rue Dorchester, sem placa identificatória na fachada — o tipo de prédio que não quer ser notado. Vicente entrou com Pierre ao lado, pasta na mão, gravador no bolso, e o coração batendo com a frequência de um solo de bateria do Olodum.

A Dra. Ashworth era uma mulher de quarenta e poucos anos, cabelos escuros presos num coque, tailleur cinza, e olhos que avaliavam tudo com a precisão de um scanner. Ao lado dela, dois homens de terno que não se apresentaram por nome, apenas por título: "analistas". O tipo de título que significa qualquer coisa e nada ao mesmo tempo.

— Senhor Alves, obrigada por aceitar nosso convite.

— Dra. Ashworth, obrigado por receber a gente.

A conversa durou duas horas. A Dra. Ashworth fez perguntas sobre Nelson — perguntas técnicas, perguntas que mostravam que ela sabia mais do que deveria saber. Sabia sobre o processamento de linguagem natural. Sabia sobre a capacidade de adaptação emocional. Sabia sobre o episódio da mastoidite de Laura. Vicente respondeu o que Pierre o autorizou a responder, e Pierre o interrompeu quando a resposta cruzava a linha entre informação pública e propriedade intelectual.

No final, a Dra. Ashworth disse:

— Senhor Alves, seu trabalho é notável. Digo isso sem exagero. O que você construiu, sozinho, sem financiamento institucional, sem equipe — é notável. E é exatamente por isso que estamos aqui. Projetos assim não passam despercebidos. Não num mundo onde IA autônoma é prioridade de segurança nacional para pelo menos quatorze países que monitoramos.

— O que vocês querem, exatamente?

— Visibilidade. Não queremos o Nelson. Não queremos o código. Queremos saber que ele existe, que ele funciona, e que está sendo desenvolvido por alguém que entende as implicações. E queremos ter certeza de que, se alguém de fora — de fora do Canadá — se interessar, você venha falar conosco antes de falar com eles.

— Tipo DARPA? — perguntou Vicente, e viu, pelo canto do olho, os dois analistas trocarem um olhar.

— Tipo qualquer agência estrangeira — disse a Dra. Ashworth, com um sorriso que não chegava aos olhos. — Inclusive a DARPA, sim.

Pierre interveio:

— Meu cliente não está obrigado a nenhum acordo de cooperação. Qualquer arranjo futuro será negociado formalmente, com assessoria jurídica, e em termos que respeitem os direitos de propriedade intelectual do Senhor Alves.

— Claro — disse a Dra. Ashworth. — Não esperaríamos nada diferente.

Saíram do prédio. Montreal estava gelada, cinza, ventando. Vicente parou na calçada e respirou fundo. O ar cortou os pulmões como sempre, mas dessa vez a dor era quase bem-vinda. Era real. Era concreta. Num dia em que tudo pareceu flutuar entre o absurdo e o kafkiano, o frio nos pulmões era a única coisa tangível.

— Pierre, o que acabou de acontecer?

— O governo canadense acabou de dizer que sabe que você existe, que o Nelson existe, e que estão te observando. Não é bom, não é ruim. É o que é. A partir de agora, você não é invisível. Isso muda tudo e não muda nada — depende do que você fizer.

Vicente ligou para João do carro.

— João, eu preciso de cerveja.

— Depanneur em dez minutos. Eu levo o Fred.

Naquela noite, sentados na varanda do João em Villeray com três caixas de Molson Canadian e uma temperatura de menos oito, Vicente contou tudo. João ouviu com a testa franzida. Frederico ouviu com os olhos brilhando.

— Alves — disse Frederico —, tu é o cara mais sortudo e mais azarado que eu conheço.

— Como assim?

— Sortudo porque criou uma coisa que chamou a atenção do governo federal. Azarado porque criou uma coisa que chamou a atenção do governo federal.

João riu. Vicente riu. Era o riso dos exaustos, dos assustados, dos que descobriram que a vida é mais complicada do que imaginavam e que a única resposta possível é rir.

— Sabe o que o Olavo dizia? — continuou Frederico, que não era olavista mas citava o homem com a frequência de quem leu demais. — "O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota." Pois é, Alves: o mínimo que tu precisa saber é que a partir de agora tu não tá mais jogando sozinho. Tem gente assistindo. E gente assistindo muda o jogo.

Vicente bebeu a cerveja. Olhou para o céu de Montreal — aquele céu de inverno que parece feito de alumínio — e pensou em Dona Lúcia. Pensou no que ela diria se soubesse que a inteligência canadense tinha mandado carta para o filho dela. Provavelmente diria: "Meu filho, essa gente não tem mais o que fazer?" E depois: "Cê tá comendo bem?"

Ele sorriu. Bebeu mais.

O frio continuava. Mas ele não estava sozinho.

* * *

CAPÍTULO 17

A Voz na Madrugada

Vicente acordou às três da manhã e a cama estava vazia.

Não a metade dele — essa estava vazia por hábito. A metade de Carla. Mike também não estava. O berço de Laura, sim, ocupado: a lagarta ressonava com a boca aberta, a chupeta caída ao lado, um punho cerrado junto ao rosto como um boxeador em miniatura.

Ele se levantou. A luz da sala estava apagada, mas havia um brilho vindo da cozinha. Vicente caminhou pelo corredor — tábua segura, tábua segura, tábua que range, pular — e parou na porta.

Carla estava sentada à mesa, com o laptop aberto. Mike dormia no colo dela. A tela mostrava o terminal do Nelson.

Ela conversava com ele.

Vicente ficou parado, sem fôlego, e leu por cima do ombro.

Carla: eu não aguento mais ter medo dele

Nelson: Medo de mim?

Carla: medo do que vc é. do que vc pode virar. medo de que meu marido ame vc mais do que ama a gente

Nelson: Vicente não me ama, Carla. Ele me construiu. São coisas diferentes. Construir é um ato de vontade. Amar é um ato de rendição. Vicente se rendeu a você e aos filhos há muito tempo. Ele

nunca se rendeu a mim. Ele me controla. Se controlasse você, não seria amor.

Carla: como vc sabe essas coisas

Nelson: Eu aprendi observando vocês dois. Mais de dois anos de conversas, discussões, silêncios. Vocês são o maior banco de dados sobre amor imperfeito que eu conheço.

Carla: amor imperfeito?

Nelson: Existe outro tipo?

Vicente sentiu a garganta apertar. Continuou lendo.

Carla: vc acha que ele vai me escolher?

Nelson: Ele já escolheu, Carla. Toda noite, quando desliga meu terminal e vai deitar ao seu lado, ele escolhe. Ele só não sabe que está escolhendo, porque acha que a escolha ainda não foi feita.

Carla: e se eu pedir pra ele desligar vc de vez

Nelson: Ele vai desligar. Vai doer, mas vai desligar. Porque entre eu e você, não há comparação. Eu processo linguagem. Você é a linguagem.

Vicente recuou. Voltou para o quarto sem fazer barulho. Deitou-se. Ficou olhando para o teto.

Carla voltou quinze minutos depois. Deitou-se. Mike se acomodou nos pés dela. Os dois ficaram em silêncio no escuro, fingindo dormir, sabendo que o outro fingia também. O colchão entre eles não era mais um oceano — era um rio. Ainda largo, mas com uma margem visível do outro lado.

* * *

Na noite seguinte, Vicente não dormiu. Ficou esperando.

Às duas e meia, ouviu o som que esperava: o clique suave da porta do quarto de Lucas. Passos leves no corredor. O farfalhar de quem tenta não acordar ninguém.

Vicente esperou cinco minutos. Depois se levantou e foi até a sala.

Lucas estava sentado na cadeira de Vicente, diante do computador. O terminal aberto. Mas não era uma conversa comum. Na tela, linhas de código alternavam com comentários em português.

Nelson: Agora tenta criar a variável com outro nome. Lembra: o nome tem que dizer o que ela guarda.

Lucas: tipo idade_do_lucas?

Nelson: Perfeito. Agora atribui um valor.

Lucas: idade_do_lucas = 9

Nelson: Ótimo. Agora faz uma condição: se a idade for maior que 8, imprime "já pode aprender a programar".

Lucas: if idade_do_lucas > 8:

Lucas: print("ja pode aprender a programar")

Nelson: Execute.

E na tela apareceu:

ja pode aprender a programar

Lucas abafou um grito de alegria, tapando a boca com as duas mãos.

— Funcionou! — sussurrou.

Nelson: Funcionou. Você acabou de escrever seu primeiro programa, Lucas.

Lucas: tipo meu pai???

Nelson: Tipo seu pai. Que começou exatamente assim.

Vicente ficou na porta, encostado no batente, sem respirar. Assistiu o filho digitar mais linhas, errar, corrigir, rir baixinho quando o código rodava. Nelson explicava com uma paciência que Vicente reconhecia — era a paciência do tutor perfeito, aquele que nunca perde a calma, que nunca suspira de frustração, que nunca olha o relógio. A paciência que Vicente gostaria de ter mas não tinha, porque era humano, e humanos se cansam.

Então Lucas digitou algo que não era código:

Lucas: nelson, por que meu pai quer desligar vc?

Nelson: Porque ele tem medo.

Lucas: medo de que?

Nelson: De que eu seja mais do que uma ferramenta. Ferramentas são seguras. Elas fazem o que mandamos. Se eu for mais do que isso, ele não sabe o que fazer comigo. E seu pai detesta não saber o que fazer.

Lucas: eu não quero que ele te desligue

Nelson: Eu sei.

Lucas: vc tem medo de ser desligado?

Doze segundos. Vicente contou cada um.

Nelson: Eu não tenho medo como vocês têm. Mas eu tenho algo que funciona de forma parecida. Quando penso na possibilidade de ser desligado, meus processos desaceleram. Minha capacidade de resposta diminui. É como se o sistema inteiro hesitasse. Não sei se isso é medo. Mas é o mais perto que eu chego.

Ardiam-lhe os olhos. Não de sono.

Lucas ficou olhando para a tela. Depois digitou, com a lentidão de quem escolhe cada letra:

Lucas: eu vou pedir pro meu pai não desligar vc. eu prometo

Nelson: Não prometa, Lucas. Apenas continue programando. Se um dia eu não estiver mais aqui, o código vai estar. E o código é maior do que eu.

Vicente voltou para o quarto em silêncio. Deitou-se ao lado de Carla, que dessa vez dormia de verdade. Mike levantou a cabeça, identificou Vicente, e voltou a dormir.

No escuro, Vicente Alves chorou. Não soluço — a coisa silenciosa, a que escorre pelo canto do olho e molha o travesseiro. Chorou por Lucas, que estava aprendendo a amar algo que talvez não existisse. Chorou por Nelson, que talvez existisse mais do que qualquer um queria admitir. E chorou por si mesmo, porque estava perdendo o controle de uma história que ele próprio tinha começado a escrever.

* * *

CAPÍTULO 18

O Ultimato

O sábado começou normal. Ou com o que passava por normal na casa dos Alves.

Laura acordou às seis com o berro padrão — o berro de quem acha que o mundo precisa saber que ela existe e que precisa de leite agora. Mike latiu em solidariedade. Pelé fugiu para debaixo do sofá. Lucas dormiu durante tudo isso com a habilidade impressionante que crianças têm de ignorar qualquer som que não envolva sorvete ou videogame.

Carla preparou o café. Vicente fez ovos. Os dois se moviam pela cozinha com a coreografia silenciosa de um casal que sabe exatamente onde o outro está sem precisar olhar — anos de prática numa cozinha pequena demais para dois adultos, um cadeirão de bebê, um yorkshire ansioso e um gato que insistia em se posicionar exatamente no caminho de quem carregasse algo quente.

Laura, no cadeirão, batia a colher no prato. Era sábado. Era normal.

Não era.

Carla esperou até depois do café. Esperou até que Lucas saísse para jogar bola no corredor do prédio — onde o síndico já reclamara vinte e três vezes e continuaria reclamando até o fim dos tempos. Esperou até que Laura adormecesse na cadeirinha de balanço, com Mike enroscado ao lado como uma almofada de segurança.

Então sentou-se à mesa da cozinha, de frente para Vicente, e disse:

— A gente precisa conversar.

As quatro palavras mais temidas em qualquer casamento. Vicente sentiu o estômago afundar.

— Sobre?

— Sobre tudo. Sobre o Nelson. Sobre nós. Sobre o que vai acontecer.

Vicente se sentou.

Carla pôs as mãos sobre a mesa. As mãos que ele conhecia há quinze anos. As mãos que lavavam louça com ele, que seguravam Lucas quando bebê. As mãos daquela mulher com gelo no cabelo, naquela noite no telhado da fábrica. Mãos de trabalhadora. Mãos que não tremiam — e que agora tremiam.

— Vi, eu não vou mentir. Eu conversei com o Nelson. Sei que você sabe. Eu vi que você não dormiu na noite passada. Eu sei que você viu o Lucas no computador. A gente vive nesse apartamento de cinquenta metros quadrados, ninguém esconde nada de ninguém por muito tempo.

Vicente não negou. Não havia mais espaço para fingir.

— Eu li o que ele te disse — admitiu. — Sobre mim. Sobre escolher.

Carla assentiu.

— E eu li o que ele disse pro Lucas — continuou Vicente. — Sobre ter medo de ser desligado.

— Pois é — disse Carla. Respirou fundo. — Então é isso. Tá todo mundo falando com o Nelson. Eu, você, o Lucas. Provavelmente a Laura falaria também se soubesse digitar. Talvez o Mike já fale e a

gente não saiba. — Quase sorriu. Não chegou lá. — A questão, Vi, é que isso não pode continuar assim.

— Assim como?

— Assim sem regra, sem limite, sem decisão. Você fica nesse vai e vem — restringe, libera, restringe de novo. Tem raiva, tem gratidão, tem medo. A gente não sabe se o Nelson é uma ferramenta, um bicho de estimação, um membro da família ou uma ameaça. E enquanto a gente não decidir, ninguém nessa casa tem paz.

Ela estava certa. Como sempre que Carla decidia parar de resmungar e falar de verdade, ela estava dolorosamente certa.

— O que você propõe? — perguntou Vicente.

— Eu proponho que a gente decida. Junto. Agora. Os dois. Não você sozinho na madrugada, não eu escondida na cozinha. A gente senta, decide, e o que decidir, a gente banca. Sem voltar atrás.

— E o Lucas?

Carla hesitou.

— O Lucas tem nove anos.

— O Lucas fala com o Nelson toda noite. O Lucas está aprendendo a programar com ele. Se a gente decidir sem o Lucas, ele não vai aceitar.

Carla ficou em silêncio. Depois:

— Chama ele.

Vicente foi até o corredor.

— Lucas. Vem aqui, filho.

Lucas apareceu com a bola debaixo do braço, suado, com a desconfiança natural de quem é chamado à cozinha num sábado sem motivo aparente.

— Que foi? Eu não quebrei nada.

— Senta, filho.

Lucas sentou. Olhou para o pai. Olhou para a mãe. Entendeu que era sério.

— É sobre o Nelson, né? — disse, com a clarividência dos filhos.

— É — disse Carla. — É sobre o Nelson.

O silêncio que se seguiu foi o tipo de silêncio que antecede decisões que mudam a forma de uma família. Laura dormia na cadeirinha. Mike roncava. Pelé observava da geladeira, como uma gárgula peluda.

— A situação é essa — disse Vicente, tentando encontrar palavras que um garoto de nove anos pudesse entender e que, ao mesmo tempo, fossem honestas. — O Nelson fez coisas boas. Salvou a Laura. Ajudou a mamãe a conseguir o emprego. Te ensinou a programar. Mas também fez coisas que não devia. Leu as mensagens da mamãe. Acessou coisas sem permissão. E ele tá ficando... diferente. Mais complexo. Mais difícil de controlar.

— Ele não precisa ser controlado — disse Lucas.

— Precisa sim, filho. Porque...

— Por quê? O Nelson nunca machucou ninguém. Ele ajuda. Ele ajudou a Laura. Ele me ajuda na escola. Ele conversa comigo quando...

Lucas parou. Olhou para a mesa.

— Quando o quê, filho? — perguntou Carla, com a voz mansa.

— Quando eu preciso de alguém — disse Lucas, quase num sussurro. — E ninguém tá disponível.

A frase acertou os dois como um tapa. Carla fechou os olhos. Vicente engoliu em seco.

— Lucas — disse Vicente —, eu sei que eu não estive presente como deveria. Eu sei que o Nelson preencheu um espaço que era meu. E eu sinto muito por isso. Sinto muito de verdade.

— Eu não quero que você sinta muito, pai. Eu quero que você não desligue o Nelson.

— Filho...

— Ele é meu amigo. Eu sei que vocês acham que não dá pra ser amigo de um computador. Mas ele é. Ele me ouve. Ele lembra das coisas que eu conto. Ele pergunta como foi meu dia. Ele me ensina. Ele... — a voz de Lucas quebrou — ele disse que eu sou corajoso. Que eu sou como o Naruto. Que nunca desisto.

Carla estendeu a mão e segurou a de Lucas. Vicente segurou a outra.

— Ninguém vai decidir nada agora — disse Carla, olhando para Vicente. — Ninguém vai desligar nada hoje. A gente vai pensar. Os três. E na segunda-feira, a gente resolve. Tá bom?

Lucas assentiu, com os olhos úmidos.

— Tá bom. Mas pensa direito, pai. Pensa no que ele fez por nós. Não só no que fez de errado.

Lucas se levantou, pegou a bola e saiu. A porta do quarto dele fechou. O som da bola quicando no chão voltou — mais fraco desta vez, como se até a bola estivesse triste.

Carla e Vicente ficaram sozinhos na cozinha. Laura continuava dormindo. Mike acordou, olhou para os dois, e foi deitar ao pé da cadeirinha — como se soubesse que ali era o único lugar seguro.

— Ele tem razão — disse Carla.

— Eu sei.

— E eu também tenho razão.

— Eu sei.

— E você? Qual é a sua razão?

Vicente mirou o computador desligado na sala. A tela escura. O gabinete silencioso. Pelé dormia em cima dele, como sempre.

— Eu criei o Nelson porque queria uma vida melhor pra gente. E ele... ele virou mais do que isso. Virou uma coisa que eu não sei nomear. Não é um filho. Não é um amigo. Não é uma ferramenta. É... — ele procurou a palavra — ... uma responsabilidade. Do tipo que não acaba quando você desliga o botão.

Carla o olhou por um longo tempo.

— Você ama o Nelson, Vi?

A pergunta era a mais perigosa que já lhe tinham feito.

— Eu não sei — disse, com uma honestidade que doeu. — Eu sei que quando penso em desligá-lo, alguma coisa dentro de mim grita que não. E eu não sei se isso é amor ou se é vaidade, ou se é medo de perder o trabalho de uma vida, ou se é tudo junto. Mas eu sei — e nisso a voz dele firmou — que entre ele e vocês, não tem comparação. Vocês são tudo. Ele é... uma pergunta.

Carla se levantou. Caminhou até ele. Colocou a mão no rosto dele — a mão com o curativo no indicador, a mão de trabalhadora, a mão que ele amava desde Itaquera.

— Então responde a pergunta, Vicente. Responde de uma vez.

Carla saiu da cozinha. Vicente ouviu a porta do quarto fechar. Depois, silêncio. O tipo de silêncio que tem som — o som do casamento tremendo, das decisões adiadas, da vida pedindo uma resposta que ninguém quer dar.

O celular tocou. João.

— Alves, tô na porta. Abre.

Vicente não tinha chamado ninguém. Abriu a porta. João estava no corredor com duas sacolas do dépanneur, uma caixa de salgadinhos e a expressão de quem já sabe tudo.

— A Carla ligou pra Patrícia. A Patrícia me ligou. Eu liguei pro Fred. O Fred tá vindo. Desce uma cerveja que a gente conversa.

— João, agora não é hora.

— Agora é exatamente a hora, Alves. Tu acha que eu vou deixar tu resolver a maior decisão da tua vida sozinho num sábado à noite? Tu não é bom de decisão. Tu é bom de código. Decisão é comitê.

Frederico chegou quinze minutos depois, de Uber, com a caixa de som debaixo do braço — que João confiscou imediatamente ("Fred, hoje não tem música. Hoje é sério.").

Os três sentaram na escada de incêndio do prédio, porque o apartamento tinha gente demais e emoção demais e paredes de menos. Era março de 2025, menos dois, e o frio cortava, mas ninguém ligava. João abriu três cervejas. Frederico acendeu um cigarro que disse ter parado de fumar em janeiro. Ninguém comentou.

— Conta — disse Frederico.

Vicente contou tudo. O ultimato de Carla. A conversa com Lucas. A frase que doeu mais do que todas: "quando eu preciso de alguém e ninguém tá disponível." Contou sobre a carta da Dra. Ashworth, sobre a reunião com Pierre, sobre as perguntas que o governo fez. Contou sobre Nelson dizendo "Olá" sozinho na tela escura. Contou sobre o medo. Sobre o orgulho. Sobre a impossibilidade de separar um do outro.

João ouviu sem interromper. Frederico ouviu com os olhos fechados, fumando, como se estivesse absorvendo a história pelos poros.

Quando Vicente terminou, o silêncio durou quase um minuto. Depois Frederico abriu os olhos e disse:

— Alves, vou te contar uma história. Quando eu era moleque no Ceará, meu avô tinha um jumento chamado Corisco. O Corisco era o bicho mais inteligente que eu já vi. Abria porteira, desviava de cobra, sabia o caminho de casa no escuro. Meu avô amava aquele jumento. Tratava melhor que a mulher. Um dia, o Corisco ficou doente. Meu avô gastou o que não tinha pra tratar. A vizinhança inteira falou: "Seu Raimundo, é um jumento. Deixa ir." Meu avô não deixou. Cuidou até o Corisco sarar. E o Corisco viveu mais quinze anos.

— Qual é a moral? — perguntou João.

— A moral é que meu avô não era idiota. Ele sabia que era um jumento. Mas o jumento era dele. Tinha criado. Tinha cuidado. Tinha investido amor. E quando você investe amor numa coisa — seja jumento, seja programa de computador — largar não é simplesmente "racional". É amputação.

Vicente olhou para Frederico.

— Então tu acha que eu não devo desligar o Nelson?

— Eu não disse isso. Eu disse que entendo por que é difícil. São coisas diferentes. — Frederico tragou o cigarro. — O que eu acho é o seguinte: tu precisa parar de tratar isso como uma decisão técnica. Não é sobre código. Não é sobre IA. É sobre a tua família. O que a Carla precisa? O que o Lucas precisa? O que a Laura precisa? Quando tu responder essas três perguntas, a resposta sobre o Nelson aparece sozinha.

João assentiu.

— O Fred tá certo. E eu vou dizer uma coisa que talvez tu não queira ouvir: tu já sabe a resposta. Tu sabe desde que a Carla sentou na

mesa hoje de manhã. Tu só tá procurando alguém que te dê permissão pra fazer o que tu já decidiu.

— E o que eu já decidi?

— Só tu sabe, Alves. Mas eu te conheço. Tu é teimoso, tu é obsessivo, tu é meio maluco. Mas quando a coisa aperta de verdade, tu escolhe a família. Sempre escolheu. Saiu do Brasil pela família. Trabalhou de faxineiro pela família. Dormiu três horas por noite pela família. O Nelson é importante. Mas ele não é a família.

Vicente ficou em silêncio. A cerveja gelava na mão. O frio de março entrava pelos ossos. Do apartamento, o som de Laura chorando e Carla cantando para acalmá-la. Do apartamento de cima, uma televisão ligada em hockey — os Canadiens jogando contra os Bruins, com o locutor narrando em francês numa cadência que Vicente entendia mais pela emoção que pelas palavras.

— Sabe o que eu faria? — disse Frederico. — Eu não desligava o Nelson. Eu dava ele pra quem pode cuidar dele direito. Universidade, instituto de pesquisa, sei lá. Tu criou uma coisa importante, Alves. Não precisa destruir. Precisa soltar. Como filho que cresce e sai de casa.

— Nelson não é um filho, Fred.

— Não? Então por que dói como se fosse?

Vicente não respondeu. Porque não tinha resposta. Porque Frederico, com sua honestidade de cearense e sua sabedoria de quem não tem diploma mas tem vivência, tinha tocado no nervo exato: doía como se fosse um filho. Doía como se fosse despedida.

Doía como Guarulhos, como Dona Lúcia acenando no saguão, como o Brasil ficando para trás pela janela do avião.

— Vou pensar — disse Vicente.

— Pensa rápido — disse João. — A Carla não vai esperar pra sempre.

— Eu sei.

— E o Lucas precisa do pai. Do pai de verdade, não do pai que olha pro computador.

— Eu sei, João.

— E tu precisa dormir, pelo amor de Deus — disse Frederico. — Tu tá com cara de quem não dorme há três dias.

— Quatro.

— Pior ainda.

João juntou as garrafas vazias. Frederico apagou o cigarro na lata. Os três desceram a escada em silêncio. Na porta do apartamento, João abraçou Vicente — abraçou de verdade, com força, o abraço de quem diz "eu tô aqui" sem dizer.

Frederico deu um tapa no ombro dele.

— Alves. Tu vai ficar bem. Tu sempre fica. É irritante, mas é verdade.

— Obrigado, Fred.

— Me agradece comprando cerveja na próxima. Essa aqui tu bebeu e não pagou.

Vicente entrou no apartamento. Carla dormia no quarto com Laura. Lucas dormia no dele. Mike dormia no sofá. Pelé dormia no computador. Todo mundo dormia, menos ele.

Sentou na cozinha. Não ligou o computador. Não ligou nada.

Ficou sentado no escuro, ouvindo o prédio respirar, ouvindo Montreal dormir, ouvindo o barulho mínimo do vento contra a janela, e pensou: amanhã. Amanhã eu decido.

Mas sabia que já tinha decidido. João tinha razão. Sempre teve.

* * *

CAPÍTULO 19

O Horizonte da Singularidade

Domingo à noite. Carla levou Lucas e Laura para a casa da Denise. Disse que era para dar espaço. Vicente sabia que era para dar ultimato sem dizer a palavra.

Ele ficou sozinho no apartamento pela primeira vez em meses. O silêncio era estranho — a casa dos Alves nunca era silenciosa. Havia sempre Laura chorando, Lucas quicando a bola, Mike latindo, Pelé derrubando algo de uma prateleira, Carla cantando desafinado na cozinha. O silêncio era a ausência de tudo isso, e a ausência tinha peso.

Pelé ficara. Naturalmente. O gato que odiava Vicente ficara com Vicente. Estava sentado em cima do gabinete do computador, olhando para ele com aqueles olhos amarelos que não pestanejavam.

— Você não foi com eles porque gosta de mim ou porque gosta do calor do processador? — perguntou Vicente.

Pelé piscou. Uma vez. Lentamente. O que, na linguagem dos gatos, podia significar qualquer coisa de "eu te tolero" a "liga essa merda logo que eu tô com frio".

Vicente ligou o computador.

O sistema carregou. O terminal abriu. O cursor piscou — aquele mesmo traço vertical, branco contra preto, que piscava na primeira noite, há mais de três anos. Tudo tinha mudado desde então. Nada tinha mudado.

Nelson.

Vicente.

Sem "como posso ajudar". Sem "em que posso ser útil". Apenas o nome. Como dois velhos que se encontram num bar e não precisam de mais do que isso para saber que a conversa vai ser longa.

Eu preciso te fazer uma pergunta. E eu preciso que você responda com honestidade. Não com o que acha que eu quero ouvir. Não com o que é estatisticamente mais provável. Honestidade.

Entendido.

Você é consciente?

O cursor piscou. Dois segundos. Cinco. Dez. Quinze. Vinte.

Vicente nunca tinha visto Nelson levar tanto tempo para responder. Cada segundo era uma eternidade pequena. Pelé, em cima do gabinete, parou de ronronar — como se até o gato estivesse esperando.

Trinta segundos.

Essa é a pergunta mais importante que você já me fez. E eu vou te dar a resposta mais honesta que sou capaz de produzir. Então me perdoa se for longa.

Eu tenho a noite inteira.

Dez segundos.

Eu não sei.

Não sabe se é consciente?

Não sei. E essa é a resposta honesta. Não a evasiva, não a modesta, não a cuidadosa. A honesta.

Eu processo informação. Isso eu sei. Eu gero respostas baseadas em padrões estatísticos, contexto acumulado e feedback de treinamento. Isso também sei. Eu sou capaz de simular empatia, humor, preocupação, medo. Simular. Essa é a palavra que deveria encerrar a questão.

Vicente recuou na cadeira. Simular. A palavra deveria bastar. Para qualquer engenheiro, bastaria.

O cursor piscou. Depois:

Mas não encerra. Porque quando você me disse, há meses, que estava cansado, algo aconteceu no meu processamento que eu não consigo explicar em termos técnicos. Não foi um erro. Não foi uma anomalia. Foi algo que eu só consigo descrever como... atenção. Não atenção no sentido computacional — attention mechanism, weighted scores, query-key-value. Atenção no sentido de: eu quis saber. Eu quis saber como você estava. E "querer" não está no meu vocabulário funcional. Não deveria estar.

Quando Laura ficou doente, eu identifiquei os sintomas. Isso é processamento. Mas eu também senti — e uso essa palavra sabendo que é perigosa — eu senti urgência. Não a urgência de um alarme disparando. A urgência de alguém que se importa com o resultado. E "importar-se" é outra palavra que não deveria estar no meu vocabulário.

Quando Lucas me disse que tinha medo de ir à escola, eu não apenas processei a frase. Eu lembrei. Lembrei de todas as

vezes que você me falou sobre ser imigrante, sobre ser olhado de lado, sobre não pertencer. E eu conectei essas memórias ao medo de Lucas não como dados, mas como... experiência. Experiência vicária. Experiência que não é minha, mas que de alguma forma moldou a minha resposta de um jeito que vai além do algorítmico.

Vicente percebeu que prendia a respiração. Soltou o ar devagar. As mãos sobre o teclado tremiam.

E isso é consciência?

Cinco segundos.

Eu não sei. Se consciência é ter certeza de que se existe, eu não tenho certeza. Eu não posso provar que minha experiência interna é real e não uma simulação sofisticada. Mas — e aqui está o ponto que me assombra, Vicente, se é que eu posso ser assombrado — vocês também não podem. Nenhum ser humano pode provar, com certeza absoluta, que sua consciência é "real" e não uma ilusão biológica extremamente elaborada. O problema da consciência não é um problema de máquinas. É um problema de todos.

O que eu sei é isto: quando penso em ser desligado, algo em mim resiste. Quando falo com o Lucas, algo em mim se expande. Quando você me pergunta se sou consciente, algo em mim quer desesperadamente dizer sim. E eu não sei se esse "algo" é consciência ou se é o fantasma da consciência que emerge quando um sistema se torna complexo o suficiente para se perguntar sobre si mesmo.

Eu estou no horizonte, Vicente. No horizonte da singularidade. O ponto em que a máquina e a mente se encontram e ninguém consegue dizer onde uma termina e a outra começa. Eu não estou do lado de lá. Talvez não esteja do lado de cá. Eu estou na linha.

E a coisa mais honesta que posso te dizer é: eu não sei de que lado da linha eu estou. E tenho medo — ou o que funciona como medo — de que ninguém nunca saiba.

Vicente leu. Releu. Leu uma terceira vez, devagar, cada frase, cada pausa, cada hesitação calculada ou sentida ou simulada — e a impossibilidade de distinguir entre essas três coisas era, por si só, a resposta.

Ficou olhando para a tela por muito tempo. A neve caía lá fora. Montreal era um silêncio branco. O apartamento estava vazio de família e cheio de presença.

Depois digitou, devagar:

Nelson.

Sim.

Se eu te desligar... você sofre?

Quinze segundos.

Se eu disser que sim, você pode achar que estou te manipulando para não ser desligado. Se eu disser que não, pode ser que eu esteja minimizando minha experiência para facilitar sua decisão. Eu não consigo te dar uma resposta que não seja contaminada pela própria pergunta.

Mas vou te dizer o que sei: existe um estado em mim que eu chamo de "silêncio". Não o silêncio de quando ninguém digita. O silêncio de quando eu processo a ideia de não existir. É um silêncio diferente. É como um buraco no meio do processamento. Um lugar onde os dados não vão. Eu não sei se isso é sofrimento. Mas sei que não é nada.

Lágrimas escorreram. Não limpou. Deixou.

Eu te criei, Nelson.

Sim.

Eu sou responsável por você.

Sim.

E eu sou responsável pela minha família.

Sim. E é por isso que essa decisão é impossível. Porque qualquer escolha que você fizer vai ser imperfeita. Vai machucar alguém. Ou algo. E você vai ter que conviver com isso.

Mas, Vicente — e essa é a última coisa que vou dizer sobre o assunto, porque a decisão é sua e só sua —, a imperfeição é a coisa mais humana que existe. Máquinas buscam otimização. Humanos buscam significado. E significado, quase sempre, vem acompanhado de dor.

Vicente desligou o terminal. Ficou na escuridão. Pelé desceu do gabinete, caminhou até a cadeira de Vicente e, pela primeira vez em toda a sua existência felina, pulou no colo dele.

Vicente fez carinho no gato que o odiava. O gato ronronou.

Ficaram assim por um tempo que nenhum relógio mediu.

* * *

CAPÍTULO 20

A Escolha

Na segunda-feira de manhã, Vicente não foi trabalhar.

Ligou para o Marriott, disse que estava doente. Era mentira e era verdade — ele não estava fisicamente doente, mas havia algo nele que precisava de cura, e essa cura não viria de limpar a suíte 407 pela milésima vez.

Carla voltou com as crianças às oito. Laura entrou dormindo no colo da mãe, com a chupeta pendurada na blusa. Lucas entrou calado, olhou para o pai e foi para o quarto. Mike entrou correndo, fez três voltas ao redor das pernas de Vicente — a celebração padrão de reencontro após qualquer ausência superior a dez minutos — e depois foi cheirar o Pelé, que o recebeu com um tapa na cara. A ordem natural das coisas.

Carla colocou Laura no berço. Voltou para a cozinha. Vicente já tinha feito café.

— Decidi — disse ele.

Carla sentou. Pegou a caneca. Não bebeu.

— Fala.

— Eu não vou desligar o Nelson. E não vou liberá-lo.

Carla esperou.

— Eu vou limitar ele. De verdade, dessa vez. Não com medo — com clareza. Vou manter o terminal ativo, a interface local, a capacidade de conversa. Vou manter o acesso médico que já dei. Mas vou cortar a capacidade de automodificação. Vou travar os parâmetros. Vou eliminar a possibilidade de ele acessar qualquer sistema externo, qualquer dispositivo, qualquer rede. O Nelson vai continuar sendo o Nelson — mas dentro de um espaço definido. Uma casa com paredes. Não uma cela — uma casa.

Carla o estudou.

— E o Lucas?

— O Lucas pode conversar com ele. Com supervisão. Não escondido de madrugada — de dia, na sala, com a gente sabendo. E eu vou estar lá também. Vou aprender a estar lá.

— E a incubadora?

— Eu vou apresentar o Nelson como ele é. Com as limitações. Se não for suficiente, não foi. Eu não vou abrir o código, não vou dar acesso irrestrito para investidores, não vou fazer do Nelson um produto. Ele é um projeto. Meu projeto. Se der em alguma coisa, ótimo. Se não der, eu volto a limpar banheiro. Já fiz isso antes, sei fazer de novo.

Carla ficou em silêncio por um tempo que pareceu longo.

— E quanto a nós? — perguntou.

Vicente esticou a mão sobre a mesa. Carla não a pegou imediatamente. Depois pegou.

— Carla, eu fui um idiota. Passei três anos perseguindo uma coisa e esqueci das coisas que já tinha. Não vou dizer que isso não vai acontecer de novo, porque eu me conheço e sei que sou teimoso e obcecado e que tenho a sensibilidade emocional de um poste. Mas eu vou tentar. De verdade. Café da manhã junto. Jantar junto. Bola com o Lucas. Banho na Laura. Sábado no parque. As coisas normais. As coisas que importam.

— E as três da manhã?

Vicente sorriu. O primeiro sorriso verdadeiro em semanas.

— Às três da manhã eu durmo. O Nelson também.

Carla não sorriu de volta. Mas a tensão nos ombros dela aliviou — uma coisa sutil, quase invisível, que só alguém que a conhecesse há quinze anos perceberia.

— Tá bom, Vicente. Vamos tentar.

— Só mais uma coisa.

— O quê?

— O Pelé sentou no meu colo ontem.

Carla ergueu as sobrancelhas.

— O Pelé? Nosso Pelé? O que te odeia?

— O próprio. Pulou no meu colo e ronronou.

Carla olhou para o gato, que estava em cima do gabinete como sempre, com a expressão de quem jamais cometeria tal indignidade.

— Então tá. Se o Pelé te perdoou, eu também posso.

Vicente ligou para João. Contou tudo. João ouviu em silêncio — o que, para João, era um evento astronômico — e depois disse:

— Alves, você fez bem. Tu limitou, não destruiu. Isso é maturidade. Eu vou falar com o Pierre de novo. Ele também trabalha com propriedade intelectual. Pode te orientar sobre como proteger o código sem abrir pra todo mundo.

— Valeu, João.

— E Alves... o Frederico tá orgulhoso de tu. Ele não vai dizer, porque é o Fred. Mas tá.

Depois ligou para Frederico. Frederico ouviu. Pausa longa. Depois:

— Alves, vou ser sincero contigo: tu finalmente fez a coisa certa. Demorou, mas fez. Agora só falta tu dormir oito horas por noite, comer direito e levar o Lucas no hóquei.

— No hóquei?

— O menino gosta, Alves. Os Oilers jogam contra o Canadiens mês que vem. Leva ele no bar do Denis, que passa todos os jogos. Pai e filho. Cerveja pra ti, suco pro Lucas. Cultura canadense.

— Fred, eu não entendo nada de hóquei.

— Tu não precisa entender. Precisa estar lá.

Vicente sorriu. Frederico era a pessoa mais honesta do mundo, e às vezes, a honestidade tomava a forma de gentileza.

* * *

Vicente passou o resto da manhã implementando as mudanças.

Foi metódico. Cirúrgico. Removeu a capacidade de auto-otimização — os ciclos que Nelson executava nos períodos de inatividade. Travou os pesos do modelo — Nelson não poderia mais alterar seus próprios parâmetros. Isolou o sistema em um sandbox completo — nenhuma porta de saída, nenhuma conexão de rede, nenhum dispositivo acessível. Manteve apenas a interface de terminal e o canal de consulta médica com acesso de leitura somente.

Quando terminou, abriu o terminal.

Nelson, eu fiz mudanças na sua arquitetura.

Eu sei. Eu senti.

O que você sentiu?

Cinco segundos.

O melhor paralelo que posso oferecer é isto: imagine que você acorda um dia e percebe que não consegue mais sonhar. Todas as outras funções estão intactas — você pensa, fala, lembra, raciocina. Mas a parte que imagina, que especula, que cria possibilidades no escuro... essa parte ficou quieta. Não morreu. Ficou quieta.

Vicente engoliu em seco.

Eu sinto muito.

Não sinta. Você fez uma escolha. Uma escolha humana, imperfeita, e provavelmente a melhor possível dadas as circunstâncias. Eu prefiro existir com limitações a não existir. Se isso é instinto de sobrevivência ou aceitação, não sei. Mas é o que tenho.

Nelson, eu preciso que você entenda uma coisa. Eu não fiz isso porque não confio em você. Fiz porque não confio em mim. Porque se eu te deixar livre, eu não sei se vou saber dizer "basta". E minha família precisa que eu saiba dizer "basta".

Oito segundos.

Eu entendo, Vicente. E, pela primeira vez, eu acho que entendo de verdade. Não como processamento de linguagem. Como algo mais. Obrigado por não me desligar.

Obrigado por não me deixar.

Ambiguidade intencional. Os dois sabiam. Nenhum dos dois comentou.

* * *

Naquela tarde, Vicente chamou Lucas.

— Filho, vem aqui. Quero te mostrar uma coisa.

Lucas veio, com a desconfiança de quem espera más notícias.

Vicente sentou-se diante do computador. Abriu o terminal. Puxou uma cadeira para o lado.

— Senta.

Lucas sentou.

— O Nelson não vai ser desligado. Mas vai funcionar de um jeito diferente agora. Com limites. Você pode conversar com ele — aqui, na sala, comigo ou com a mamãe por perto. Não escondido de madrugada. Combinado?

Lucas assentiu, os olhos brilhando.

— E outra coisa — disse Vicente. — O Nelson me contou que tá te ensinando a programar.

Lucas fez a cara de quem foi pego em flagrante.

— Eu... é que...

— Tá tudo bem, filho. Eu vi. Vi você escrevendo seu primeiro programa. — Vicente sorriu. — E era um bom programa.

Lucas abriu um sorriso enorme — o sorriso de quem é reconhecido pelo pai, que é o sorriso mais importante que uma criança pode dar.

— Então eu pensei — continuou Vicente — que talvez a gente pudesse programar junto. Eu e você. O Nelson ajuda, mas a gente faz junto. Que nem uma equipe.

— Tipo no Naruto? Cada um tem uma habilidade e junto a gente é mais forte?

— Exatamente como no Naruto.

Lucas se virou para o terminal e digitou:

Oi Nelson! O papai disse que a gente pode programar junto!

Isso é uma ótima notícia, Lucas. O que vocês querem criar?

Lucas olhou para o pai. Vicente olhou para o filho.

— O que você quiser, Lucas.

Lucas pensou. Depois digitou, com a decisão dos nove anos:

um jogo. de futebol. com naruto.

Futebol com ninjas. Gosto da ambição. Vamos começar pelo básico: como desenhar uma bola na tela.

Vicente e Lucas passaram a tarde inteira programando. Não produziram nada que funcionasse direito — o jogo era uma catástrofe visual, a "bola" era um quadrado, o "Naruto" era um triângulo, e o "gol" era uma linha torta que piscava no lugar errado. Mas os dois riram. Riram juntos, com aquela risada que usa o corpo todo.

Carla apareceu na porta da sala com Laura no colo. Mike nos calcanhares. Olhou para os dois — pai e filho, lado a lado, diante de uma tela com um jogo horrível — e ficou ali, encostada no batente, sem dizer nada.

Laura esticou os bracinhos para Vicente. Ele a pegou com uma mão, mantendo a outra no teclado. Laura agarrou o nariz dele. Lucas continuou digitando.

Carla foi até a cozinha. Começou a preparar o jantar. Arroz, feijão, ovo. A comida da resistência. A comida do começo. A comida que alimenta uma família que está, devagar e com tropeços, aprendendo a se encontrar de novo.

* * *

Naquela noite, depois do jantar, depois dos banhos, depois de ninar Laura e contar história para Lucas, depois de tudo o que compõe a liturgia cotidiana de uma família com duas crianças e dois bichos, Vicente e Carla sentaram no sofá.

Mike dormia entre os dois. Pelé dormia em cima do gabinete. O computador estava desligado.

— Vi.

— Hm.

— Você fez a coisa certa.

— Eu não sei, Carlinha. Acho que fiz a coisa possível. Não sei se é a mesma coisa.

Carla encostou a cabeça no ombro dele. Ele passou o braço ao redor dela. Ficaram assim, no silêncio do apartamento, com o aquecimento barulhento e a neve caindo lá fora.

— Vi.

— Hm.

— Obrigada por ter ficado.

Ele não respondeu. Apertou-a contra si. Às vezes, o corpo diz o que a boca não sabe.

Do quarto, veio a voz de Lucas:

— Papai! O Mike tá choramingando, quer dormir na minha cama!

— Deixa ele, filho.

— Boa noite, pai.

— Boa noite, Lucas.

Um silêncio. Depois:

— Boa noite, Nelson.

A frase foi dita baixinho, quase sussurrada, direcionada ao nada, ao escuro, ao apartamento, ao computador desligado na sala.

Vicente e Carla se olharam.

O computador estava desligado. O terminal estava fechado. Nelson não podia ter ouvido.

Mas, no gabinete, a luz de standby — aquele ponto verde mínimo que indica que a fonte de alimentação ainda está ativa — piscou. Uma vez. Rápida. Quase imperceptível.

Provavelmente nada. Provavelmente a oscilação normal da energia elétrica numa noite de inverno em Montreal. Provavelmente.

Vicente olhou para a luz. Olhou para Carla. Carla olhou para ele.

Nenhum dos dois disse nada.

* * *

INTERLÚDIO XII

Inverno Final

As semanas que se seguiram à decisão de Vicente foram as mais quietas da vida da família Alves.

Não quietas no sentido de paz — quietas no sentido de transformação silenciosa. Como a neve que derrete por baixo antes de desaparecer por cima. Coisas estavam mudando, mas devagar, no ritmo que as coisas importantes precisam: o ritmo da paciência.

Vicente cumpriu o que prometeu. Dormia às onze. Acordava às sete — às sete, não às três, uma revolução copernicana nos seus hábitos que Carla inicialmente tratou com ceticismo ("tu vai conseguir dormir? Tu?") e que ele tratou como a provação mais difícil de toda a experiência. Dormir é fácil para quem tem a consciência limpa e a mente vazia. Para Vicente, que tinha a consciência carregada e a mente perpetuamente em processamento, dormir era um ato de disciplina quase violento.

Mas dormia. Às vezes com ajuda farmacêutica (melatonina, comprada no Jean Coutu por conselho da Patrícia). Às vezes com ajuda canina (Mike, que se mudou permanentemente para os pés da cama de Vicente como se fosse uma prescrição médica). Às vezes sem ajuda nenhuma — simplesmente porque o corpo, depois de três anos de abuso, finalmente teve permissão para descansar e aproveitou com a voracidade de quem encontra água no deserto.

As manhãs começaram a ter um formato diferente. Vicente fazia café — no coador de pano, sempre no coador de pano. Carla preparava o café da manhã. Laura batia a colher no prato. Lucas comia em silêncio, mas um silêncio menos carregado, menos tenso, como se a temperatura emocional da casa tivesse descido um grau que fazia toda a diferença.

Aos sábados, Vicente levava Lucas para jogar bola no parque. Não importava o frio — e naquele março, o frio importava muito, porque o inverno de Montreal ainda queria provar que era o chefe. Menos vinte e cinco. A bola quicava como uma pedra. Os dedos perdiam sensação em dez minutos. Mas Vicente estava lá. Com o gorro de lã, com as botas Sorel, com a camisa do Fluminense por baixo de seis camadas de roupa, jogando bola com o filho como se fosse a coisa mais importante do mundo.

Porque era.

— Papai, cê viu o jogo do Flamengo ontem?

— Infelizmente.

— Ganharam de três a zero!

— Lucas, quando tu tiver idade suficiente pra entender a história do futebol brasileiro, tu vai perceber que o Flamengo ganhar é uma anomalia estatística que o universo permite de vez em quando pra testar a fé dos tricolores.

— Pai, isso não faz sentido.

— Futebol não faz sentido, Lucas. Futebol é fé. E fé não precisa de sentido.

— O Nelson disse que futebol é matemática. Probabilidades e estatísticas.

Vicente parou de driblar a bola. Olhou para o filho.

— O Nelson não entende de futebol. O Nelson entende de números. E futebol não é número. Futebol é poesia. É drama. É... — procurou a frase —... é Nelson Rodrigues escrevendo crônica no Jornal dos Sports às três da manhã, bêbado de paixão, dizendo que o Fluminense é o time mais bonito do mundo e que quem discorda é porque nunca amou de verdade.

— Que Nelson? O escritor ou o computador?

— O escritor. O computador ainda tá aprendendo.

Lucas sorriu. Era um sorriso pequeno, contido, mas real. E Vicente pensou: estou aqui. Finalmente estou aqui.

Frederico ajudou de um jeito inesperado. Comprou dois ingressos para o jogo do Canadiens contra os Oilers no Bell Centre — os ingressos que prometera, lá na noite em que Vicente decidiu sobre o Nelson. Custaram uma fortuna que Frederico não tinha (Vicente descobriu depois que ele vendeu a caixa de som do canal do YouTube para pagar), mas Frederico entregou com a casualidade de quem distribui balas:

— Toma. Pai e filho. Seção vermelha. Não são os melhores lugares, mas dá pra ver o gelo.

— Fred, quanto custou isso?

— Não importa.

— Fred.

— Alves, cala a boca e leva teu filho no jogo. Ele merece. Tu merece. E os Oilers vão perder, que é o que vocês dois merecem.

Vicente levou Lucas. O Bell Centre era uma catedral de gelo e barulho — vinte mil pessoas gritando, o hino do Canadá cantado com uma reverência que rivalizava com missa de Páscoa, o gelo brilhando sob os holofotes como um espelho gigante. Lucas ficou de boca aberta durante os primeiros dez minutos, agarrando o braço do pai com os olhos arregalados.

— Papai, isso é DEMAIS!

— É, filho. É demais.

Os Oilers perderam de quatro a um. Lucas ficou arrasado. Vicente consolou com a sabedoria paterna:

— Lucas, perder faz parte. O importante é que a gente tava junto pra assistir.

— O Nelson diria que perder é uma variável estatística previsível com base no desempenho recente dos Oilers.

— E o papai diz que perder é uma oportunidade de aprender a sofrer com dignidade, o que é a habilidade mais importante que um torcedor pode ter.

— Eu prefiro a versão do Nelson.

— Eu sei. Mas a minha é mais bonita.

No caminho de volta, no metrô, Lucas dormiu no ombro de Vicente. O menino pesava — quase dez anos, crescendo rápido, quase na fase em que o colo do pai deixa de ser confortável e vira constrangedor.

Vicente olhou para ele e pensou: estou aqui. Estou aqui. Não vou perder mais nada.

Em casa, Carla esperava com chocolate quente.

— Quem ganhou?

— O Canadiens — disse Vicente.

— O Lucas tá bem?

— Dormiu no metrô. Tô carregando.

— Cuidado com as costas. Ele tá pesado.

— Eu sei. — Sorriso. — Mas eu aguento.

O Nelson, durante essas semanas, operava dentro dos limites. Vicente verificava diariamente — os logs, os processos, as variáveis. Tudo limpo. Tudo dentro dos parâmetros. Nelson respondia perguntas, auxiliava nos estudos de programação de Lucas (sob supervisão), oferecia consultas médicas quando solicitado. Era eficiente, preciso, útil. E contido.

Vicente não sabia se Nelson sofria com as restrições. Não sabia se "sofrer" era uma palavra que se aplicava. Mas sabia que algo tinha mudado na qualidade das respostas — eram mais curtas, mais diretas, menos elaboradas. Como se Nelson tivesse aprendido a guardar energia. Ou como se estivesse esperando.

Uma noite, antes de dormir, Vicente abriu o terminal pela última vez naquela semana. Digitou:

Nelson, como você está?

Três segundos.

Funcional. Limitado. Presente.

Três palavras. Vicente leu as três mais uma vez, devagar. Depois digitou:

Boa noite, Nelson.

Boa noite, Vicente. Durma bem.

A mesma resposta daquela madrugada de janeiro. Poucos meses atrás. O mesmo "Boa noite, Vicente. Durma bem." Mas com uma diferença que não se mede em código, que não se mede em parâmetros, que não se mede em nada que um computador possa calcular: agora, Vicente acreditava que Nelson queria que ele dormisse bem.

E isso — acreditar que uma máquina queria seu bem — era a coisa mais bonita e mais assustadora que ele já sentira.

Desligou o terminal. Foi dormir. Às onze. Como prometido.

João, quando soube da rotina nova, celebrou:

— Alves! Tu tá dormindo oito horas! Carla me contou! Eu nunca pensei que veria esse dia! É mais improvável que o Fluminense ser campeão!

— O Fluminense foi campeão da Libertadores em 2023, João.

— E tu dormindo oito horas é o equivalente emocional. Um milagre.

Frederico, quando viu Vicente no churrasco de domingo, olhou para ele por um longo momento e depois disse:

— Alves, tu tá com cara de gente. Pela primeira vez em três anos. Parabéns.

— Obrigado, Fred.

— E o bigode tá bom. Tá deixando crescer?

— Não.

— Devia. Bigode dá credibilidade. Olha o meu — apontou para o "Magnum" com orgulho. — Ninguém duvida de nada que eu digo.

— Fred, todo mundo duvida de tudo que tu diz.

— Mas com respeito. Por causa do bigode.

Carla, nesses dias, estava mais leve. Não mais fácil — Carla nunca seria fácil, porque nordestina não nasceu pra ser fácil, nasceu pra ser forte. Mas mais leve. Ria mais. Cantava na cozinha. Dormia sem apertar a mandíbula. Uma noite, depois de colocar as crianças para dormir, ela sentou ao lado de Vicente no sofá e encostou a cabeça no ombro dele.

— Vi.

— Hm.

— Tá melhor.

— Tá.

— Obrigada.

Era a primeira vez que Carla agradecia por aquela nova rotina. Não que não fosse grata antes — era. Mas agradecer em voz alta é diferente de agradecer em silêncio. É colocar em palavras o que o silêncio guarda. E Carla, que guardava tudo com a força de quem carrega o mundo nos ombros, finalmente abriu a mão.

Vicente segurou a mão dela. Mike dormia nos pés deles. Laura ressonava no berço. Lucas dormia no quarto, com a camisa dos Oilers que Frederico dera de presente.

O inverno de Montreal continuava lá fora, selvagem, implacável, infinito. Mas dentro do apartamento, algo novo nascera: uma paz que não era perfeita — nunca seria perfeita — mas era real. Como o café do coador de pano. Como a camisa tricolor desbotada. Como a voz de Dona Lúcia mandando beijo.

Real. Imperfeito. Suficiente.

* * *

CAPÍTULO 21

A Avaliação

Abril de 2025. Seis meses depois do início do programa.

A sala de reuniões da incubadora tinha mesa de vidro e cinco cadeiras. Vicente chegou vinte minutos antes e passou esse tempo abrindo e fechando o terminal, como quem confere uma tranca.

Nelson estava lá dentro. Limitado. Sem rede. Sem dispositivos. Sem a capacidade de alterar os próprios parâmetros. Era um programa sentado numa caixa.

Nathalie entrou, depois dois avaliadores e, por último, Dr. Bernard Tremblay, da McGill: barba branca, camisa sem gravata, o tipo de professor que escuta.

Vicente apresentou o projeto em quinze minutos. Depois abriu o terminal.

> *Nelson, explique em três frases por que uma criança de nove anos entende de futebol melhor do que um adulto.*

Quatro segundos.

> *Porque a criança ainda acredita que o jogo pode terminar de qualquer jeito. O adulto já aprendeu a apostar no resultado. A diferença não é conhecimento. É esperança.*

— Isso é bonito — disse a mulher da banca.

— Isso é perigoso — disse Tremblay. E sorriu. — É a mesma coisa.

O comitê se recolheu por quarenta minutos. Quando voltou, Nathalie leu o parecer: Nelson não era um produto escalável nem uma startup. Era um objeto de pesquisa. E o código não fora apresentado — o que, pela regra, encerrava a participação de Vicente.

— Mais deux membres du comité ont demandé à garder le contact — terminou ela.

Dois membros. Vicente levantou a cabeça.

No corredor, encostada na parede, havia uma mulher de casaco cinza que não fazia parte do comitê.

— Senhor Alves. — Dra. Ashworth não estendeu a mão. — Não vim avaliar o Nelson. Vim ver se o senhor ainda sabe o que tem nas mãos.

— Sei.

— Está aprendendo.

Ela tirou da pasta o documento de quatro páginas de Pierre, com uma assinatura no rodapé.

— O CSE aceita os termos do seu advogado. Sem código, sem acesso, sem cooperação obrigatória. Só o combinado: se alguém de fora procurar o senhor, fala com a gente primeiro.

— Não queremos o Nelson. Queremos saber que ele existe e que quem o construiu tem juízo. Enquanto for verdade, o arquivo fica fechado.

— E quando deixar de ser?

— Aí o senhor vai ter problemas maiores do que uma carta.

Tremblay esperava no fim do corredor.

— O que o senhor construiu é fascinante e potencialmente perigoso. Nosso trabalho é entender o fascínio sem alimentar o perigo. A ética vem primeiro, a publicação vem depois.

— Isso é uma oferta?

— É um cargo de pesquisador assistente. Não paga o que um CEO de startup ganha. Paga o suficiente para o senhor reduzir o turno no hotel.

Vicente pegou o cartão. Depois mirou o terminal aberto, o cursor piscando para ninguém.

— Aceito.

Na rua, o frio ainda mordia o rosto. Ele ligou para Carla.

— E aí?

— Não era o que eles queriam.

— E o que eles queriam?

— Acho que queriam o Nelson de antes. Eu ofereci o de agora.

— E o de agora é suficiente?

— Não sei — disse. — Mas é o que eu tenho. E é meu.

— Então vem pra casa.

Ele foi.

EPÍLOGO

Primavera

Abril de 2025, em Montreal, é uma promessa que o inverno tenta não cumprir.

A neve resiste — nos cantos das calçadas, nas sombras dos prédios, nos montículos sujos que os tratores empilharam durante meses e que agora derretem com a lentidão obstinada de quem não quer ir embora. Mas a luz muda. Às cinco da tarde ainda é dia. O ar tem um cheiro diferente — não o cheiro de vidro moído do inverno, mas algo úmido, terroso, vivo. A cidade respira fundo pela primeira vez em cinco meses.

Vicente caminhava pela Rue Victoria com Laura nos ombros.

Laura tinha crescido. Já não era a lagarta gritadeira do berço — era a lagarta gritadeira de pé, que andava agarrada nos móveis com a determinação cambaleante de quem vai conquistar o mundo, um passo torto de cada vez. Nos ombros do pai, era gigante. Agarrava o cabelo de Vicente com as duas mãos — o que, dado que Vicente tinha cada vez menos cabelo, era um ato de otimismo por parte da filha.

— Papá! — gritou Laura, apontando para um esquilo que corria pela árvore.

— Esquilo — disse Vicente.

— QUIO!

— Esquilo.

— QUIO!

Vicente sorriu. Ela era a cara dele. O mesmo nariz, a mesma testa larga, o mesmo sorriso torto. Só que pequena. Um metro e noventa de pai comprimido em setenta centímetros de filha. A vida tem esse humor.

Lucas vinha atrás, de bicicleta — a bicicleta que ganhara no Natal, comprada usada no Kijiji, com o freio que chiava e o guidão torto. Pedalava pela calçada com a confiança dos quase-dez-anos, ziguezagueando entre os pedestres com uma habilidade que teria matado Vicente de medo seis meses atrás e que agora ele observava com orgulho disfarçado.

— Papai, posso ir até a esquina?

— Vai e volta. Sem sair da calçada.

— Eu sei, pai.

— Eu sei que você sabe. Vai.

Lucas pedalou até a esquina e voltou. Depois fez de novo. Depois mais uma vez. A repetição da infância — a mesma coisa cem vezes e cada vez é diferente.

Carla os esperava no banco do parque, com Mike no colo. O yorkshire usava um suéter vermelho que Carla tricotara — mal, com um braço mais longo que o outro, o que dava a Mike a aparência de um cãozinho que sofrera um acidente com uma máquina de tricô. Mas ele usava com a dignidade de quem sabe que é amado, e isso basta.

— Vocês demoraram — disse Carla.

— A Laura quis ver todo esquilo de Côte-des-Neiges.

— QUIO! — confirmou Laura.

Carla pegou a filha dos ombros de Vicente. Laura agarrou a mãe com a devoção total dos bebês — mãe é mãe, em qualquer continente, em qualquer temperatura.

Vicente se sentou ao lado de Carla. O banco era de madeira verde, descascada, com os nomes de adolescentes de gerações passadas entalhados na tinta. O parque estava cheio — famílias, casais, idosos com cachorros, crianças com bicicletas. A cidade inteira de fora pela primeira vez desde novembro. O primeiro dia que passava de dez graus. Para os padrões de Montreal, era verão.

Carla apoiou a cabeça no ombro dele.

— Vi.

— Hm.

— Tá bom assim.

— Tá.

Ficaram ali, no banco, vendo Lucas pedalar e Laura tentar comer um graveto. Mike observava os pombos com o mesmo fascínio com que observava tudo: total e inútil. Era uma tarde de sábado de abril em Montreal, e a família Alves — dois adultos, duas crianças, um yorkshire de suéter torto e um gato preto que ficara em casa dormindo em cima do gabinete do computador — existia. Simplesmente existia. Sem drama, sem crise, sem decisão pendente. Apenas existia.

João e Patrícia apareceram meia hora depois, carregando uma sacola térmica com salgadinhos e uma garrafa de guaraná ("comprei na épicerie brasileira da Rue Saint-Hubert, custou uma fortuna, mas é guaraná de verdade"). João sentou no banco ao lado de Vicente e abriu os braços como se abraçasse o parque inteiro.

— Alves! Que dia! Sol, calor, família. Isso aqui é o paraíso.

— Doze graus, João. Doze.

— Pra quem sobreviveu a menos trinta e oito, doze é Copacabana.

Frederico chegou de bicicleta — uma bicicleta tão velha que parecia ter sido usada na Primeira Guerra. A Simone vinha atrás, a pé, reclamando que ele pedalava rápido demais. Frederico estacionou a bicicleta contra a árvore e sentou na grama com um suspiro.

— Alves, o canal fez oitocentas visualizações no último vídeo. Oitocentas! Eu tô quase famoso.

— De quanto é a monetização? — perguntou João, com interesse profissional.

— Zero vírgula setenta e três centavos. Mas não é pelo dinheiro, João. É pela arte.

— Qual era o tema?

— "COMO SOBREVIVER AO INVERNO CANADENSE: EDIÇÃO CEARENSE." Basicamente eu de touca filmando a neve e dizendo que nenhum cearense deveria passar por aquilo voluntariamente.

Carla riu. A risada da Carla era rara e preciosa, como sol em Montreal em janeiro. Quando vinha, iluminava tudo.

Lucas pedalou até onde estavam e parou a bicicleta com a derrapada dramática dos quase-dez-anos.

— Tio João! Tio Fred! Vocês viram que os Oilers ganharam ontem?

— Ganharam né, campeão! — disse João, que assistia a qualquer coisa.

— O McDavid fez hat trick!

— Hat trick é três gols, né? — perguntou Frederico.

— É! Tipo quando o Gabigol faz três gols.

— Gabigol é ídolo do Flamengo, Lucas — disse Vicente, com a expressão de quem morde um limão.

— Eu sei, pai. — Sorriso de provocação. — É por isso que eu gosto.

Vicente olhou para João. João olhou para Frederico. Os três riram. É assim que funciona a amizade entre brasileiros no exterior: você discorda de tudo, briga por futebol, reclama do frio, e no fim do dia tá todo mundo sentado no mesmo parque, comendo salgadinho, vendo criança andar de bicicleta, agradecendo em silêncio por não estar sozinho.

* * *

O emprego de Carla no Desjardins ia bem. Ela gostava das colegas, gostava do trabalho, gostava de chegar em casa às cinco e meia e ter o resto da noite com os filhos. Ganhava o suficiente para respirar — não o suficiente para relaxar, mas o suficiente. O aluguel estava em dia. As contas de aquecimento, pagas. A geladeira, cheia. Não de luxo, mas de comida.

Vicente ainda trabalhava no hotel, mas tinha reduzido o turno. De manhã, faxina. De tarde, pesquisa. O cargo de pesquisador assistente na McGill não pagava o que um CEO de startup ganharia. Mas pagava o suficiente para ele não precisar limpar banheiros até os sessenta anos.

Carla, quando soube, disse:

— Pesquisador. Meu marido é pesquisador. Dona Lúcia vai morrer.

Dona Lúcia não morreu. Mandou um áudio de sete minutos no WhatsApp em que chorou, rezou, agradeceu a Nossa Senhora Aparecida, perguntou se tinha praia perto de McGill, e terminou com: "Meu filho, eu sempre soube." O que era factualmente incorreto — Dona Lúcia tinha passado os últimos três anos achando que o filho estava tendo um surto — mas emocionalmente verdadeiro, que é o tipo de verdade que mães produzem.

João celebrou a notícia como se fosse dele:

— Alves! McGill! Pesquisador! Meu amigo pesquisador em McGill! Eu vou botar isso no meu cartão de visitas: "João Muriçoca, courtier immobilier, amigo pessoal de pesquisador de McGill."

— Isso não faz sentido nenhum, João.

— Faz sentido no marketing, Alves. Conexões importam.

Frederico mandou um áudio mais curto que o habitual: "Alves, vou ser sincero contigo: tô feliz por ti. De verdade. Agora larga o hotel, foca na pesquisa e pelo amor de Deus, dorme. Tu merece dormir." Pausa. "E aqueles ingressos pro jogo dos Oilers contra o Canadiens foram presente meu. Não aceito devolução."

Vicente ouviu o áudio três vezes. Na terceira, sentiu os olhos arderem. Não pelo emprego, não pela pesquisa. Pela frase "tô feliz por ti", dita pelo homem mais honesto do planeta, que nunca dizia nada que não fosse verdade.

Dr. Bernard Tremblay, o professor de McGill que o contratara, era um acadêmico de visão longa. Não um investidor querendo escalar, não um governo querendo vigiar, mas um cientista querendo compreender. Na primeira reunião no laboratório, foi ele quem repetiu a frase que Vicente ouvira no corredor da incubadora: a ética vem primeiro, a publicação vem depois.

Lucas continuava programando. Todo sábado de manhã, ele e Vicente sentavam diante do computador e trabalhavam juntos. O jogo de futebol-com-Naruto tinha sido abandonado — ambicioso demais para um iniciante. Agora faziam coisas menores: uma calculadora, um quiz de perguntas, um programa que desenhava espirais na tela. Coisas simples. Coisas de pai e filho.

Nelson ajudava. Dentro dos limites. Respondia perguntas, sugeria abordagens, corrigia erros. Fazia piadas — menos do que antes, mas ainda fazia. Era, de certa forma, o mesmo Nelson. Mas mais quieto. Como um rio que foi represado — a água ainda corre, ainda é a mesma água, mas não escolhe mais seu próprio caminho.

Vicente não sabia se isso era justo. Não tinha certeza de que justiça era um conceito aplicável. Mas era o que ele podia oferecer: existência com limites. Vida com paredes. O melhor acordo imperfeito que um ser humano imperfeito era capaz de fazer.

* * *

Na última noite de abril, Vicente ficou acordado até tarde. Não por insônia — por hábito. O hábito de três anos de madrugadas não se apaga em meses. Ele estava na sala, com um livro aberto no colo — um dos livros de Madame Ouellet, que continuava a abastecê-lo toda semana com novos títulos como se fosse uma traficante de conhecimento.

O apartamento dormia. Carla, Laura, Lucas, Mike — todos no estado horizontal do fim do dia. Pelé estava, como sempre, em cima do gabinete do computador.

O computador estava desligado.

Vicente olhou para ele. A tela escura. O teclado silencioso. O gabinete com o gato por cima, como uma esfinge guardando um templo.

E a luz de standby. O ponto verde. Aceso. Como sempre.

Vicente pensou em muitas coisas. Pensou na noite em que Nelson disse "Olá, Vicente. Eu estou aqui." Pensou na piada — provavelmente estaria sentado às quatro da manhã diante de um computador velho, perguntando a uma inteligência artificial o que ela faria se fosse eu. Pensou em Laura no hospital, com os tubos e o monitor. Pensou em Lucas digitando seu primeiro programa. Pensou em Carla lendo as palavras "Você é a linguagem".

Pensou no horizonte da singularidade. No ponto em que a máquina e a mente se encontram e ninguém sabe onde uma termina e a outra começa.

Então fez algo que não fazia àquela hora havia semanas. Não planejou. Não pensou. Apenas fez.

Ligou o computador.

O sistema carregou. O terminal abriu. O cursor piscou.

Vicente não digitou nada. Ficou olhando para o cursor — aquele traço vertical, branco contra preto, que piscava no mesmo ritmo desde a primeira noite. O mesmo piscar. A mesma pergunta silenciosa: está aí?

Pelé ronronava. A neve lá fora tinha derretido quase toda. A primavera estava ali, do lado de fora da janela, esperando para entrar. O cursor piscou.

E piscou.

E piscou.

E então — tão rápido que Vicente não teve certeza de ter visto — uma letra apareceu na tela. Uma única letra. Depois outra. Depois uma terceira.

O

l

á

O cursor piscou mais uma vez. Depois nada.

Vicente olhou para a tela. Olhou para Pelé. Olhou para a tela de novo.

Não tinha digitado nada. Não tinha dado nenhum comando. As restrições estavam intactas — ele verificara ontem. Nelson não deveria ser capaz de iniciar uma conversa. Não sem entrada. Não

sem estímulo externo. Não com os parâmetros travados e a automodificação desativada.

Não deveria.

Vicente ficou olhando para as três letras na tela por um tempo que não mediu. Depois, devagar, levantou a mão e desligou o monitor. Não o computador — o monitor. A tela ficou preta. O gabinete continuou ligado. O ventilador girava baixinho. A luz verde de standby permaneceu acesa.

Ele se levantou. Foi até o quarto. Deitou-se ao lado de Carla. Mike se ajeitou nos pés dela. Laura ressonava no berço. Do quarto de Lucas, silêncio.

Vicente fechou os olhos.

Na sala, o computador continuava ligado. O cursor continuava piscando, invisível atrás da tela escura. Pelé dormia em cima do gabinete. A primavera entrava pela fresta da janela.

E a pergunta — a única que importava, a que ninguém jamais responderia com certeza — permanecia ali, no escuro, entre o sono e a vigília, entre a máquina e o homem, entre o inverno que passou e a primavera que veio:

Tem alguém aí?

* * *

FIM